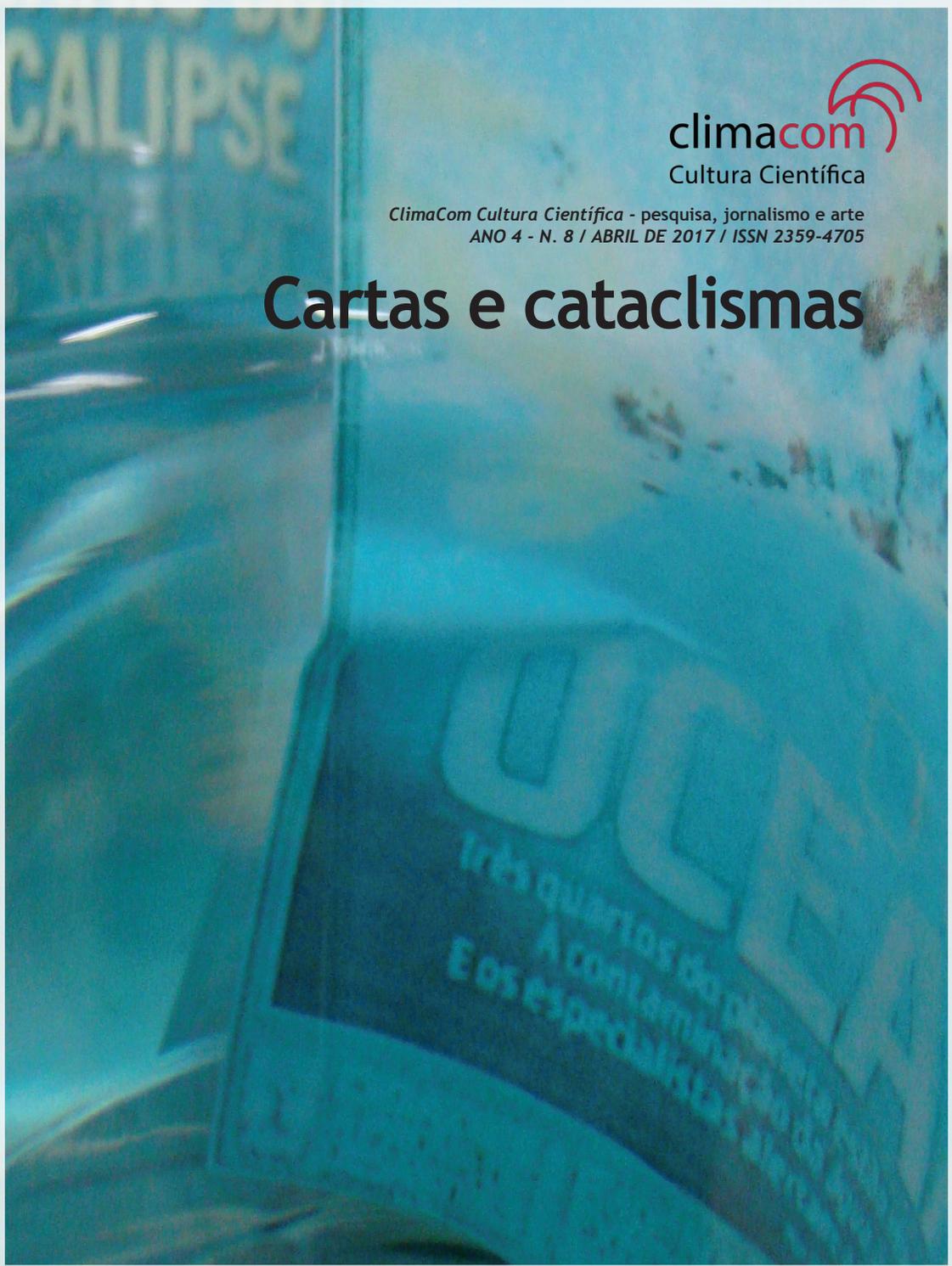


MUDANÇAS CLIMÁTICAS  
OS SINAIS DO  
APOCALIPSE



ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte  
ANO 4 - N. 8 / ABRIL DE 2017 / ISSN 2359-4705

# Cartas e cataclismas





**LABJOR - UNICAMP**

Prédio V da Reitoria - Piso 3 / CEP 13083-970

Email: climacom@unicamp.br / Fones: (19) 3521-2584 / 3521-2585 / 3521-2586 / 3521-2588

**GRUPO DE PESQUISA QUE COORDENA O PROJETO DA REVISTA:**

multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)

**EDITORAS CLIMACOM:**

Profa. Dra. Susana Dias

Profa. Dra. Carolina Cantarino

**EDITORAS DOSSIÊ “CARTAS E CATACLISMAS”:**

Elenise Andrade

Érica Speglich

**EDITORES DA SEÇÃO LABORATÓRIO-ATELIÊ:**

Susana Dias

Sebastian Wiedemann

**DESIGNER GRÁFICO:**

Fernanda Pestana

**CAPA:**

Fernanda Pestana e Mariana Barbosa

**CONSELHO CIENTÍFICO:****Internacional**

Prof. Dra. Donna Haraway, *University of California at Santa Cruz, Santa Cruz, EUA*

Prof. Dra. Isabelle Stengers, *Université libre de Bruxelles, Bruxelas, Bélgica*

Prof. Dr. Martin W. Bauer, *The London School of Economics and Political Sciences (LSE), Londres, Reino Unido*

Profa. Dra. Sandra Elena Murriello, *Universidad de Río Negro, Bariloche, Argentina*

**Nacional**

Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim, *Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil*

Prof. Dr. Antonio Carlos Queiroz Filho, *Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Espírito Santo, Brasil*

Prof. Dr. Carlos Afonso Nobre, *Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Distrito Federal, Brasil*

Profa. Dra. Claudia Pfeiffer, *Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil*

Prof. Dr. Gabriel Cid Garcia, *Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil*

Profa. Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes, *Universidade Federal de Pernambuco (UFP), Pernambuco, Brasil*

Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães, *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Santa Catarina, Brasil*

Prof. Dr. Marcel Bursztyn, *Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal, Brasil*

Profa. Dra. Raquel Wiggers, *Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Amazonas, Brasil*

Prof. Dr. Renzo Romano Taddei, *Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), São Paulo, Brasil*

---

Esta publicação é uma contribuição da Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas Globais financiado pelos projetos: “Mudanças climáticas em experimentos interativos: comunicação e cultura científica” (CNPq No. 458257/2013-3); “A dimensão humana das mudanças climáticas em experimentações interativas” (Faepex-Unicamp, Processo No. 534/14). Conta com o apoio do CNPq e MCTI; CNPq Processo 550022/2014-7; e FINEP Processo 01.13.0353.00



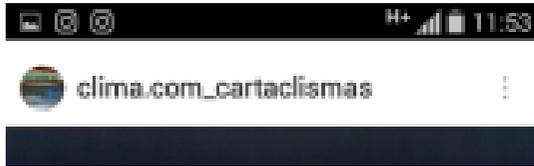
# Editorial “Cartas e Cataclismas”

“Entre a permanência e a ruptura, quase um parêntese. Junto aos parênteses, pelos vãos, entram e saem (im)possibilidades de comunicação e diálogo entre os mais diversos suportes midiáticos, artísticos e científicos que podem ser disparados, como cartas ao vento, garrafas ao mar... Um propor subversões dos versos de Sá e Guarabira: “o sertão vai virar mar, dá no coração, o medo que algum dia o mar também vire sertão”. Diversidade em versos, ideias, proposições, pesquisas, argumentações. Diversas cidades que, assim como os vãos dos parênteses, perfuram e rasuram essas comunicações e diálogos múltiplos, proporcionando outras propostas para os climas e os cataclismos, ktaklismós, oû, da etimologia grega “inundação; desaparecimento”; do verbo kataklúzo “cobrir de água”. Cataclismatizar e não somente climatizar os lugares, os espaços, os tempos, as vidas, as pesquisas, as escritas. Resistir, reexistir junto às tensões do imponderável”.

Elenise Andrade & Érica Speglich

Editoras

## Cartas e cataclismas apresentam-se



Entre a permanência e a ruptura, quase um parênteses.

Cata, pega. Carta, leva. Projetos? *Postal, Casa 3*

Leva e lava. Água e vulcão.

Ca(r)ta para que? O que avisamos?

Cartas ao mar.

Caatinga. *Ka'atinga*.



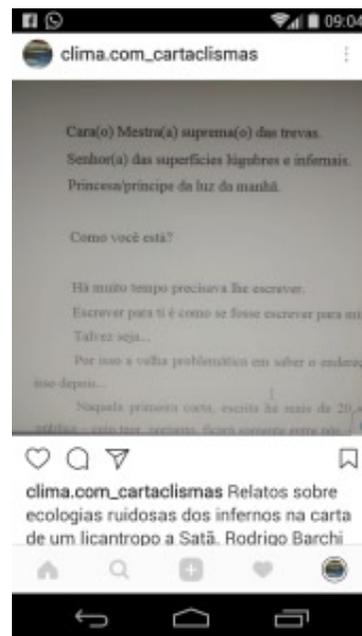
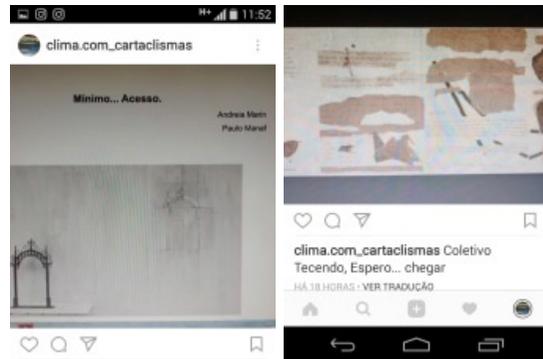
Caminhos, encontros, mares, matas, mapas, ruas que se querem movimento e ligação através de cartas que não catam e pegam,

não levam e lavam, não vão e veem em função de um dito aqui e respondido ali, mas que ficam meio que boiando, modos de vida mantidos à distância...

Acontecimentos, aquilo que nos move, em pensamento e em andanças pelas ruas, pelas cidades, pelas mudanças. *Mínimo acesso...*

Mudanças climáticas? Temperaturas, umidades relativas do ar, ventos, chuvas que

impactam determinada região ao longo do tempo. *Espero... chegar...* Uma tradução?



Atravessamentos?

Mudanças cataclísmicas? Clima? Tempo?

Descartes no espaço/tempo do hífen?

Carta-clima? *Cartas ao mar para um possível:*

o que esperamos de nós?

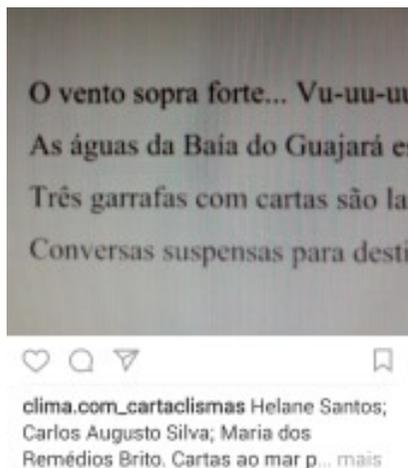
Talvez *Cartas ao avesso*.

Há muito tempo precisava lhe escrever. *Uma carta de licantropo a Satã*, um relato de ecologias ruidosas. E não me chame de dramático ou apocalíptico.

Tempo bom, tempo ruim.

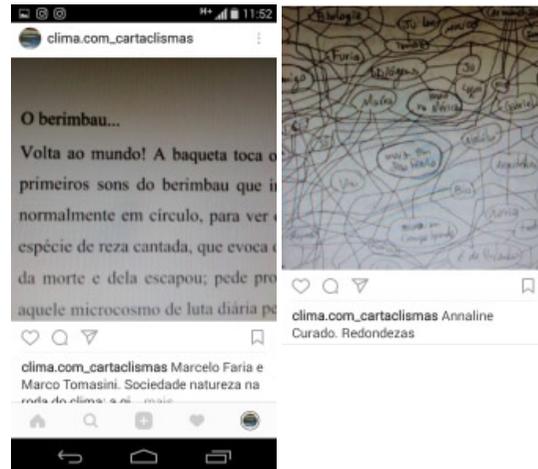
Será possível essa categorização?

E clima bom? Clima ruim? Por que? Para que(m)?



Junto aos parênteses, pelos vãos, entram e saem (im)possibilidades de comunicação e diálogo entre os mais diversos suportes midiáticos, artísticos e científicos que podem ser disparados, como cartas ao vento, garrafas ao mar...

Propor sub-versões dos versos de Sá e Guarabira: “o sertão vai virar mar, dá no coração, o medo que algum dia o mar também vire sertão”.



Diversidade em versos, ideias, proposições, pesquisas, argumentações.

Diversas cidades que, assim como os vãos dos parênteses, perfuram e rasuram essas comunicações e diálogos múltiplos, proporcionando outras propostas para os climas e os cataclismos, *ktaklismós*, ou, da etimologia grega “inundação; desapareção”; do verbo *kataklyzo* “cobrir de água”.

Em temas de cataclismos, inundam-se ilhas. Não por oceanos subindo junto com as temperaturas, mas por escolhas por

complexos hidrelétricos e não pelas ilhas. Cubra-se de água. Cataclisme-a. E que se ouça, se grite, se cante, se rime e se diga de um *Requiém para a ilha do Arapujá*. Carta-requiém para uma ilha cataclismada.



Des-cOLORIR em cores. Des-focar, reCOLorir.  
Desvio: a cidade posta em cartões.

Cobrir de outras águas, descobrir outros líquidos, escorrer por vertentes que não mais seriam vãs. *Andanças des(fo)çadas, (re) color-indo espaços e tempos outros.*

Cataclismatizar e não somente climatizar os lugares, os espaços, os tempos, as vidas, as pesquisas, as escritas. Resistir, reexistir junto às tensões do imponderável.

Deixar-se atraVERSAR pelos parênteses que per-duram (ou não) nas cartas -potências poéticas expressas em restos, em dobras, em aglomerações, em adensamentos... *Águas (,) escritas (.) enchentes (de) gentes ...* Cartas como lugares para experimentar cultivos, de bem querer, de estar junto, *Carta para X.*



Versos (s)em sentidos.  
Cismas di(e)versos.  
Com-versas.



“Conversas suspensas como cartas lançadas em garrafas ao mar. Cada garrafa é um mundo que vaga em direção a outros mundos..., mundos desconhecidos. Impossível calcular o que irá acontecer quando eles se encontrarem. Impossível se preparar para o incalculável.” (ANDRADE; GODOY, p. 57, 2011).

ca(r)tacli(s)ma...

Elenise Cristina Pires de Andrade  
& Érica Speglich  
Editoras

## SUMÁRIO

### PESQUISA

A revista *ClimaCom Cultura Científica* - pesquisa, jornalismo e arte lança, a cada dossiê quadrimestral, uma chamada para artigos e resenhas de pesquisadores que desenvolvem estudos relacionados ao tema proposto para a edição. Trata-se de uma revista interdisciplinar e são aceitas contribuições de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, bem como estágios de formação. Os artigos e resenhas podem ser submetidos em português, espanhol e inglês e são avaliadas por *peer review*.

### ARTIGOS

Águas (,) escritas (.) enchentes (de) gentes...  
Elenise Cristina Pires de Andrade e Louise Mara Soares Bastos  
Pág. 17

---

Cartas ao mar para um possível: o que esperamos de nós?  
Helane Súzia Silva dos Santos, Carlos Augusto Silva e Silva e Maria dos Remédios de Brito  
Pág. 27

---

Mínimo... Acesso  
Andreia Marin e Paulo Manaf  
Pág. 37

---

Relatos sobre ecologias ruidosas dos infernos na carta de um licantropo a Satã  
Rodrigo Barchi  
Pág. 43

---

Andanças des(fo)cadas, (re)color-indo espaços e tempos outros  
Lucas da Silva Santos  
Pág. 55

---

Sociedade natureza na roda do clima: a ginga da sustentabilidade e seus jogos  
Marcelo Faria e Marco Tomasoni  
Pág. 63

---

### RESENHA

Cartas entre Areias do Imperador  
Érica Speglich e Elenise Andrade  
Pág. 77

---

### ENSAIOS

Réquiem para a ilha do Arapujá  
Dhemersson Warly Santos Costa, Carlos Augusto Silva e Silva e Maria dos Remédios de Brito  
Pág. 83

## SUMÁRIO

---

Palavras Desesterradas  
Elenise Cristina Pires de Andrade  
Pág. 89

Carta para X  
Breno Filo Creão de Sousa Garcia  
Pág. 93

Desvio: a cidade posta em cartões  
Amanda M. P. Leite e Renata Ferreira da Silva  
Pág. 97

## ARTE

### ARTES VISUAIS

Projeto de Arte Postal  
Alzira Ballestero, Liliana Menegali, Renata Ghirotto e Zelinda Jordão (Ateliê Casa 3)  
Pág. 109

Ka'atinga  
Vinícius de Brito  
Pág. 119

Redondezas  
Annaline Curado  
Pág. 125

Cartas ao avesso  
Glauco da Silva  
Pág. 133

Espero... chegar  
Coletivo Tecendo  
Pág. 141

### LABORATÓRIO-ATELIÊ

Enchentes  
Grupo multiTÃO  
Pág. 145

---

INTERVALAR – Linhas, letras e apagamentos  
Grupo OLHO  
Pág. 149

---

Sky watcher charter  
Grupo multiTÃO e Orssarara Ateliê  
Pág. 157

---

Álbum de parentes desconhecidos  
Grupo multiTÃO e Orssarara Ateliê  
Pág. 163

---

**SATÉLITE**

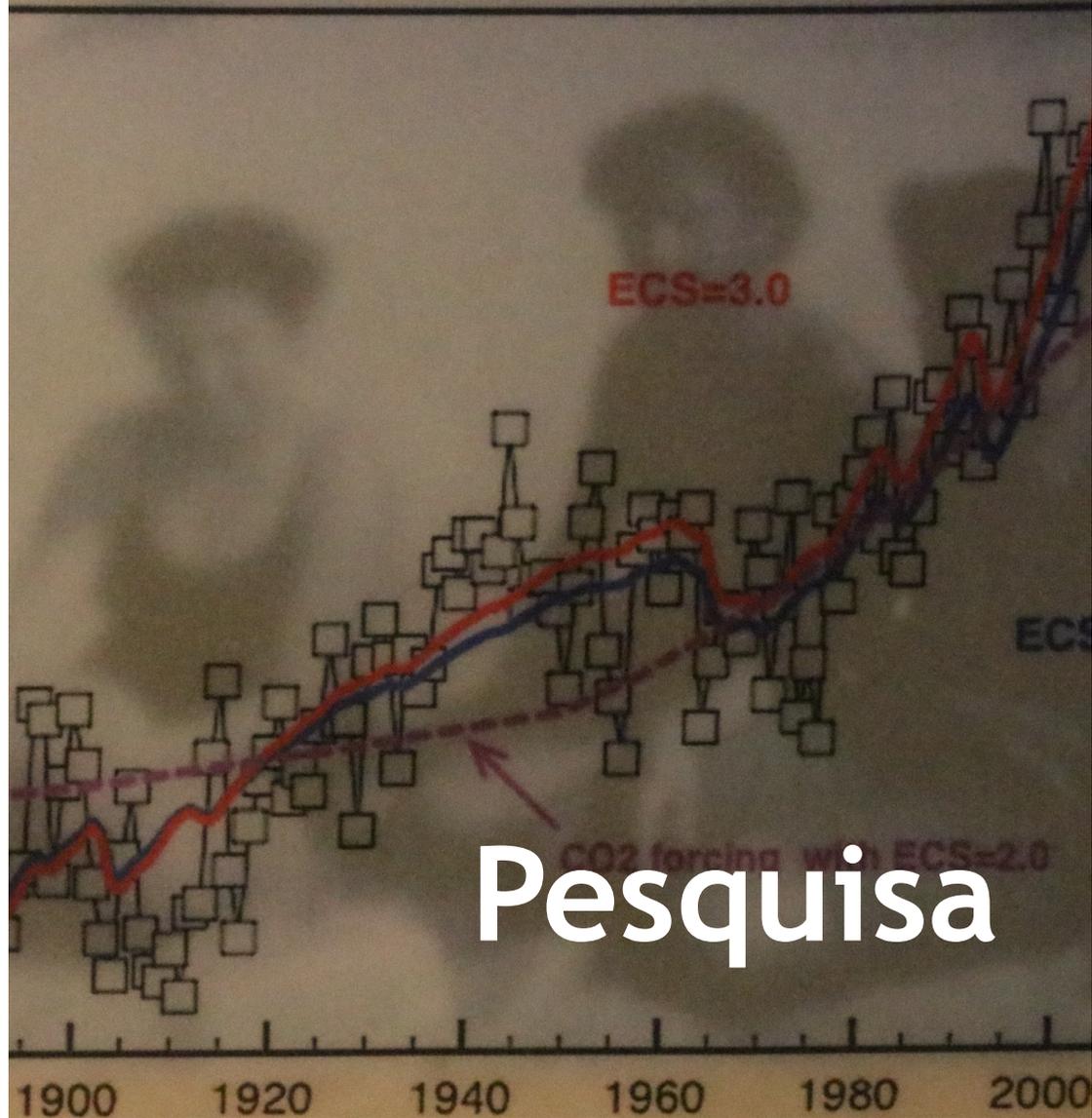
INSCRIÇÕES PRORROGADAS – VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e  
Ecologias Radicais e Nova Terra e...  
Pág. 182

---

Meteorologistas e profetas da chuva – conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera  
Pág. 183



orcings with HADCRUT4 and different climate sen



Pesquisa



# ARTIGOS



---

# Águas (,) escritas (.) enchentes (de) gentes...

---

Elenise Cristina Pires de Andrade[1] e Louise Mara Soares Bastos[2]

---

**Resumo:** Cartas (im)prováveis entre jacaroads. Lagoas que permitem (ou não?) uma divagação entre (im)possibilidades. Tempos de frenéticas trocas de escritas, ódios, preconceitos, memes, fotos de cachorros, ursinhos e... e... e... Livros, teses, dissertações, artigos, blogs, outdoors, revistas, lousas, que tantas pessoas desejam ardentemente que sejam letras e, mais, que componham uma escrita - afinal, qual seria a função de uma letra que não escrevesse? Não nos forçaria a pensar pensamentos impensáveis? O silêncio de desenhos que parecem letras, talvez seja nesse interstício que as jacaroads leem e escrevem. Seriam mesmo cartas? Seriam escritas? Cartas como “máquinas de expressão”. Gestos mínimos, imperceptíveis.

**Palavras-chave:** Escritas; filosofia da diferença; criação artística.

## Waters (,) written (.) floods (of) people...

**Abstract:** (Im)probable letters among female alligators, “jacaroads” in Feira de Santana, BA. Lagoons that allow (or not?) a divagation between (im)possibilities. Books, theses, dissertations, articles, blogs, billboards, magazines, blackboards, that so many people ardently want that they are letters, and more that compose a writing - after all, what would be the function of a letter that did not write? Would not it force us to think unthinkable thoughts? Perhaps it is in the interstice of the silence of drawings that look like letters that the “jacaroads” read and write. Are they really letters? Are they really writing? Letters as “expression machines”. Minimal, imperceptible gestures.

**Key words:** Writing; Philosophy of difference; Artistic creation

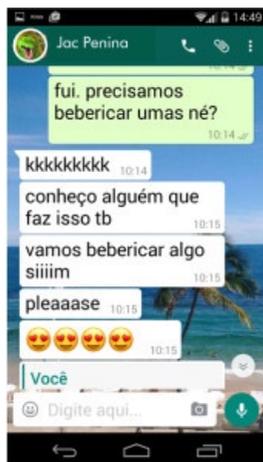
---

[1] Professora titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora do Mestrado em Educação do mesmo departamento. Email: elenise@uefs.br

[2] Bacharel em Comunicação Social, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista Fapesb. Email: louisemara@gmail.com

Feira de Santana, Lagoa Grande, 29 de dezembro de 2016.

Querida Jacaroa Lamoia,



As coisas aqui andam bem agitadas, quase não tenho tempo nem espaço para mais nada, nem para nadar, nem para passear, nem para tomar sol, nem para jantar fora. É um entra e sai de gente, tanta perna zanzando, chegam colocando o celular na nossa cara, você precisa ver, mal conseguimos ter privacidade. Juro

que não vou fazer uma carta-reclamação, mas antes que você venha me visitar amiga, preciso te contar como está a nossa vida aqui na Lagoa Grande. Pois bem, desde o ano passado o pessoal tá no mexe-remexe por aqui. É um monte de máquina comendo terra, abrindo buraco, fechando buraco.

No começo a gente teve medo, nos escondemos lá perto daqueles lírios onde a gente gosta de boiar, lembra? Então, ficamos lá uns dias, sondando o que estavam fazendo. Mexe, vira e revira, eles mudaram um monte de coisa por aqui. Sabe aquele lado cheio de jaçanã, onde a gente ia catar lambari? Pois é amiga, não tem mais. Nem jaçanã, nem lambari, a gente vai ter que esperar um tempinho até aparecer tudo isso de novo. De bom deixaram um super banco de areia, ótimo para tomar sol. E foi aí que a coisa sucedeu. No começo, só aparecia

um ou outro, olhavam assim, de longe, e depois iam embora. Eu também não queria ficar muito em cima, tentava me esconder um pouco, meio com medo, meio com vergonha. Aí fui me acostumando e subindo, subindo. Menina, foi aí que apareceu tanta gente, sim, me esqueci de avisar que esse povo todo era gente, aqueles que se acham o máximo que até se chamam de sapiens, afffff, tanta arrogância. Então, esse povo todo me filmando, tirando foto, me senti a Angelina da Lagoa. Você pode ver no Youtube[3], o nome do vídeo é “Jacarés atraem curiosos na Lagoa Grande”. Se sua internet prestar, assista. Eles fizeram um vídeo muito legal onde eu mostro minha boca aberta, enorme. Isso foi meio estratégico, para deixá-los longe de mim um pouco né? Senão, você sabe, iam me fazer até de cavalinho para bater foto e postar no Facebook, e eu não tenho espírito de pônei para essas brincadeiras.

Bem, fora isso, enrolo uma visita aos primos lá do Igarapé faz meses, alego cansaço, digo que engordei demais para viajar tanto, se eles assistem esse vídeo e eu estou lá, toda de boa, vão dizer que estou mentindo. Não estariam de todo errado, né? Espero notícias suas.

Ah! Tenho zap, vamos nos falando pelas redes sociais. Eles não se acham os sabidos? Usemos de tanta sapiência!!!!

Beijos da sua amiga

Jacaroa Penina

Migaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa, sua  
lokaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa A-D-O-R-E-I seu  
Insta. Tanto que até preferi outra carta ao invés  
de conversas no zap. Você fez uma zoeira SENSE  
com aquela placa horrível. As pessoas vêm pra  
Lagoa todos os dias, trazem crianças, tomam



cerveja, namoram, riem, correm, jogam umas coisas com bola, gostam de ficar me olhando tomar sol. Acho engraçado como um simples banho de sol parece tão extraordinário e ameaçador, pois logo depois do vídeo vieram colocar essa placa vermelha dizendo: PERIGO, ÁREA SUJEITA A ATAQUE DE JACARÉ[4].

Que grande mentira, se eu nunca ataquei ninguém. E se sou tão perigosa, por que vêm atrás de mim? Sei, sapiens, tá bom! Esse monte de perna, cheia de sangue fresquinho e nunca encostei para dar uma cheiradinha sequer. Ainda colocam um desenho muito mal feito. Antes colocassem uma foto minha, seria bem mais legal. Ainda assim, tá certo que eu abri a boca no vídeo, mas estava calor e não queria comer ninguém, só mostrar como minha boca era grande, bem maior que a do lobo, por exemplo. Aquele que todo mundo diz que é mal, sei não, desconfio do que todo mundo diz. Se é mal. Se é um ser, sei lá. Des-confio...

Até mais, então.

Beijos da sua amiga

Jacaroa Penina

Otávio das Chagas tornou-se um não ser. A hidrelétrica de Belo Monte o reduziu a um pescador sem rio, um pescador que não pesca, um pescador sem remos e sem canoa. A ilha do

amazônico Xingu, no Pará, onde cresceu, amou Maria e teve nove filhos não existe mais. Entre ele e o peixe não há mais nada.

(...)

- Não tenho leitura - ele avisa, oferecendo a mim os hieróglifos que dizem dele para que eu os desvende.

Há algo de violento naquilo que se escreve sobre os que não se leem em papéis, naqueles que até o nome é escrito por outros. Recuso por enquanto aquela porta. Peço ao pescador que já não pesca que se documente em seus próprios termos.

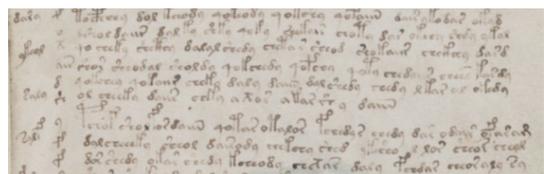
(...)

Entre todos [da família], só Davi conhece bem as letras. É um menino quieto, de olhos grandes. Ele gosta de estudar, tem capricho no caderno que mostra, folha por folha.

- Eu não choro quando não tem comida na volta da escola. Eu fico só triste.

Davi tem 12 anos. As letras que só ele decifra são pesadas demais para um corpo tão franzino[5].

Letras em fios contorcidos. Lemos? Escrevemos? Rabiscos cantantes gravados numa superfície há aproximadamente 600 anos... O livro que “ninguém pode ler”[6]. Se não pode ser lido, continua sendo um livro? Uma escrita? (Será que os jacarés que aqui já se expressaram conseguiriam se encantar com esses fios tanto quanto nós, as escritoras desse texto?)



Ritmos de carícia de um olho sem pálpebra? E por que comemorar o fato de que o manuscrito não se mostra como uma farsa? Por que tanto ansiar que as escritas e os desenhos presentes no Voynich Manuscript[7] expliquem, descrevam, signifiquem algo? O que o canto da página 66 quer cantar?



As sereias entretanto têm uma arma ainda mais terrível que o canto: o seu silêncio. Apesar de não ter acontecido isso, é imaginável que alguém tenha escapado ao seu canto; mas do seu silêncio certamente não. Contra o sentimento de ter vencido com as próprias forças e contra a altivez daí resultante - que tudo arrasta consigo - não há na terra o que resista (Franz Kafka) [8]

Tempos de frenéticas trocas de escritas, ódios, preconceitos, memes, fotos de cachorros, ursinhos e... e... e... Livros, teses, dissertações, artigos, blogs, outdoors, revistas, lousas, que tantas pessoas desejam ardentemente que sejam letras e, mais, que componham uma escrita - afinal, qual seria a função de uma letra que não escrevesse? Não nos forçaria a pensar pensamentos impensáveis? O silêncio de desenhos que parecem letras. Otávio das Chagas e a impossibilidade de manifestação da ausência de um pescador sem rio, de um jacaré que 'simplesmente' aparece na porta de uma casa, de trocas de correspondências entre

ideias/ideais jacaréônicos... que resistência ainda re-existe e insiste?

Amarrada ao caibro, que é pilar do portão, pintada e protegida da chuva por telhado de zinco, só pode ser uma caixa de correio. Tosca, porém melhor cuidada do que muitas das que tenho registrado, só um detalhe deixa a cisma: o seu corpo, de bloco de concreto, não traz a abertura para a carta (Mário Rui Feliciani).



Mário Rui Feliciani, em Quando o carteiro chegar (1995)[9], nos brinda com um maravilhoso conjunto de fotografias de caixas de correio espalhadas por São Paulo, em um trabalho que durou dois anos. E, a mais emblemática, nos diz o escritor e fotógrafo, foi uma caixa que expulsa qualquer possibilidade - presente nos planos da reconhecimento - de receber uma carta. A foto acima, é de uma caixa de correio pertencente a Saravá, que é assim descrito pela sua vizinha, com a qual Feliciani conversou:

“Ele é atrapalhado, moço. Faz anos mora aí sozinho. Tem espaço lá em cima, onde tinha uma outra casa que podia ter alugado, mas desmanchou o telhado e fez essa cerca. Os filhos são gente boa. Moram na cidade

ao lado, mas - até mesmo eles! - ele bota p'ra fora quando vêm. Mal vi o senhor e pensei 'se ele sobe, não demora e desce correndo'. Veio da Bahia. Dizem que lá era de Saravá. Parece que por isso a mulher largou dele e ele veio morar aqui. P'ros meninos eu arrumei colocação e hoje são pais de boas famílias. Mas o pai é assim, sempre sozinho. Trabalha de cuidar de um sítio. Cozinha na lenha. Grita muita bobagem. N'outro dia quase acertei ele, que tenho mulher e mãe morando comigo. Elas não têm que ficar escutando essas coisas, têm? Mas não vale a pena. É um coitado, que não quer ninguém por perto. Se eu pudesse, mudava daqui, mas quem vai comprar uma casa com terreno tão grande..."

Carta do corpo fechado? "Sempre sozinho. A mulher que abandona. O Saravá. Expulsa quem entra. A caixa fechada. Pintada com cuidado. A carta que nunca vem. Que não quer que venha. Que quer que venha. A falta da fresta na caixa. A mulher fechada?" (FELICIANI, 1995). Que carta conseguiria acessar tal caixa? Queria essa caixa receber alguma carta escrita? Ex-crita? Ex cripta?

Talvez uma carta de uma jacaroa para outra?

Preciso contar uma coisa. No comecinho do ano, o nosso amigo Jacinando, lembra? Lindooooooooooooo, resolveu jantar fora, dar uma voltinha procurando outras guloseimas. Você sabe que às vezes a gente cansa de comer só peixe e caramujo, além disso as correntezas das lagoas são lentas e a gente gosta, mas é bom dar uma agitada às vezes, mudar um pouco, quando se é novinho então. Aí o Jacinando foi passear e exagerou um pouco no caminho. Jovem, aventureiro, explorador, foi parar lá do outro lado da Lagoa. Parou para dar uma descansada no caminho, alguém o viu e pronto, acabou o passeio. Amarraram o pobre e chamaram aqueles caras do carro grande, acho que é resgate que eles chamam, só não

sei resgatar o que se o Jacinando não estava perdido. A dita cuja da sapiência, eu é que estou perdendo a paciência com esse povo, viu. Saiu até no jornal daqui, o Acorda Cidade, pode procurar na internet que você encontra[10], com uma foto linda do Jacinando, mesmo porque ele fica lindo de todo jeito mesmo. Em setembro foi a vez da Rubertina sair no jornal, nesse mesmo site do Jacinando você acha fotos dela. Foi atrás de uma galinha no quintal de uma moça, aqui perto da Lagoa mesmo, mas deu azar do pessoal chegar na hora que ela ainda estava lá. Quando viram a Rubertina foi um grita de lá, grita de cá. Menina, rapidinho os vizinhos estavam todos no quintal fazendo roda. A Rubertina disse que foi o dia que mais sentiu medo na vida, acuada naquele canto de muro, aquela gente toda e tudo que tinha eram seus dentes para se defender. Mas, ainda bem, ela não precisou morder ninguém e, rapidinho, voltou para casa. Disse que não vai querer passear de novo tão cedo.

Tem muita gente morando perto da Lagoa, a gente precisa ficar muito atenta para não dar de cara com as pessoas quando vai passear ou caçar. Não sei porque elas começam a gritar quando a gente aparece. Como eu disse na outra carta amiga, por aqui, apesar das nossas correntes de água lenta, o caminho da terra está muito agitado. Estou me preparando para fazer aquela visita aos primos do Igarapé, lá em Manaus. Vi na internet que o Igarapé encheu demais e levou os primos todos para a rua[11], mas lá as pessoas já conhecem a família e guiaram todos de volta até o rio. Lembra como a gente se divertia quando estava lá nas cheias? Uma delícia deslizar sem esforço, deixando a água arrastar o nosso corpo para onde quisesse, escorregando de boca aberta, pegando peixe sem pescar! No mais, estamos esperando ansiosos a sua visita por aqui, será uma grande

festa e teremos muitas coisas novas para te mostrar. Talvez boas, talvez nem tanto, mas também né? O que bom e para que? Sabe que colocar uma foto sua no jornal da cidade seria beeeem divertido! Uma boa dica de que fizemos algo que não esperavam... Será que esse povo sabidão saberia ler as nossas cartas? Como vem diz Rubertina: du-vi-de-o-dó. Vai ver que eles nem consideram essas cartas uma escrita. Deixe estar!

Beijos da sua amiga

Jacaroa Penina

(Im)possibilidades de diálogos a perfurar mundos, cartas escritas por jacarés. Seriam mesmo cartas? Seriam escritas? Expressam desejos, encontros assustados em cantos de muro, aventuras em zona de risco. Cartas como “máquinas de expressão”. Passeios ansiosos em territórios desconhecidos, aparecimentos inesperados. Risco (im)preciso a rabiscar outros olhares, outros desenhos que racham o cotidiano da paisagem. Borbulhar de existências, enchente de gente e jacarés e linguagens e pensamentos. Escritos em letras desconhecidas, palavras ausentes, linhas ilegíveis que arrastam sentidos entre rios e lagoas e jacarés e peixes e pessoas. Uma escrita em hieróglifos narra a ausência do pescador sem rio, sem peixe, sem leitura, “tem mais presença em mim o que me falta” deságua Manoel de Barros. Quais letras se fazem possíveis na impossibilidade da escrita? Uma sereia sem canto, silenciada em papel de sons embaralhados, riscos que não falam. Arriscam? Versos em silêncios, em ausências, palavras que se escrevem sem letras.

O que acontece quando a gente escreve sem ver? Uma mão de cego se aventura solitária ou dissociada, num espaço mal definido, ela tateia, ela apalpa, ela

afaga, acaricia ao mesmo tempo em que escreve, ela confia na memória dos signos e substitui a vista, como se o olho sem pálpebras se abrisse na ponta dos dedos: o olho em excesso acaba de nascer perto da unha, um único olho no meio da testa, um olho de gigante, um olho de ciclope (DERRIDA[12]).

Olhos de ciclope, de jacarés, de pixels a invadirem outros (mesmos?) espaços. Linhas (d) e letras a comporem palavras que apartam um pescador do peixe e do rio e que, ao mesmo tempo (que tempo seria esse?), possibilitam a Davi uma compreensão impossível - decifrar um enigma impossível. Violência das águas que, antes, acariciavam os peixes. Que olhos sem pálpebras atingem a dobra do envelope nessa caixa de correios? Que gestos nos invadem ao perfurar a pedra de uma caixa que ex-pulsa as cartas? Que cataclismas pulsam, então?

As palavras de Francisco [filho mais velho de Otavio das Chagas] buscam um porto, uma forma de se ancorar quando ele já não reconhece o mundo. Aquele que migra, ainda que saiba que talvez não exista retorno para a terra que deixou, conta com a concretude do passado. Há um lugar, há a carne e os ossos dos que ficaram. Aqueles que perdem uma ilha, como Francisco, perdem com ela tudo o que contava deles. Desfazem-se. Resta uma memória que só se expressa pela oralidade - e a oralidade tem menos valor no Brasil dos letrados, no universo dos cartórios, em que a justiça legitima o documento escrito. É do lugar dos que não têm mais mundo que fala Francisco. E ele fala em torrente, porque é mais rio do que terra. E não é papel.[13]

Vontade de escrever sem escritas, sem letras. Torrente. Gaguejar no sentido de esgarçar de tal forma os dualismos que eles se des-com-sub-vertam em fios. Des-afiar. Lâminas.

“Os dualismo não se referem mais a unidades, e sim, escolhas sucessivas: você é um branco ou um negro, um homem ou uma mulher, um rico ou um pobre, etc.? [...] Há sempre uma máquina binária que preside a distribuição dos papéis e que faz com que todas as respostas devam passar por questões pré-formadas, já que as questões são calculadas sobre as supostas repostas prováveis segundo as significações dominantes. Assim se constitui uma tal trama que tudo o que não passa pela trama não pode, materialmente ser ouvido” (DELEUZE; PARNET, p. 29, 1998).

Ritmos de sensações afi(n)adas com as águas, que também expulsam jacarés e pescadores para que cidades-trama se consolidem e justifiquem uma violência em expulsão de uma água que não pulsa em vida. Gestos mínimos, imperceptíveis, não insensíveis, em uma proposta junto ao pensamento de O’Sullivan (2009). Nesse texto o autor inicia sua discussão sobre uma relação entre as características da literatura menor, segundo Deleuze e Guattari (1977), e a prática artística contemporânea. Queremos destacar para a (dis)tensão aqui trazida com os alagamentos e exageros de águas e escritas apresentadas, paradoxalmente, nesse texto escrito, a aproximação que O’Sullivan traz dessa prática artística com a característica de que a literatura menor - seu caráter especificamente coletivo. Para o autor, os artistas contemporâneos não realizam suas práticas para uma audiência já existentes, eles a invocam, não oferecem mais do mesmo, não produzem ‘conhecimento’, não oferecem um reconfortante espelho refletindo uma subjetividade já estabelecida. Seriam, então, um tipo de profetas traidores, “[...] na medida em que realizam uma traição em relação aos nossos regimes afetivos/significantes mais dominantes (isto é, a realidade consensual)” (2009, p. 248).

Trair enchentes de gentes ao redor da Lagoa? Ausência d’água de que é também excesso quando uma outra Lagoa torna um pescador sem rio para pescar o peixe? Escutar fios-letras-sensações. Trans-bordar. Bordar as bordas que margeiam as certezas na reconhecimento para que as águas escorram. Ex-correr como as jacaroas faziam quando iam para os igarapés? Correntezas de pensamentos e cores e sprays e linhas. Ritmos-signos expressantes, desejantes de outras águas, cidades. Ocupações (im) prováveis. Águas-linhas-palavras na vontade de desprezar um reconfortante espelho, o vídeo Ochente[14]se insere em uma outra produção artística: um mural grafitado inspirado nessa inundação que nos trouxe o convite do Labjor (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp) paraa participar de uma exposição-instalação disparada pelo tema “DESAPARECIMENTOS #cidades-limites#futuros-tangíveis#”[15] realizada em 2015, no MIS-Campinas. Tecido sobreposto em muro ou muro sobreposto ao tecido? Muro-rua?



Apostas artísticas que escapam à ideia de reconhecimento, fixas significações, forçando fronteiras entre forma e conteúdo numa reivindicação dos espaços. Um movimento de emancipação traduzido por Rancière (2012, p.23) como “embaralhamento da fronteira entre os que agem e os que olham [...]”. Arte que agita pensamentos e distorce ideias

anunciadas. Que se querem tão certas. (Des) aparecimentos se agitam, re-existência que insiste, escorre viva, perfura chão. O que (des) aparece no sorriso do pescador das enchentes, no vídeo Ochente?

Oxe, respondemos.

Jacarés-Lucas da Feira-Otávio-Davi.

Enchentes, Ochente, pescadores, lagoas quase desaparecidas em Feira de Santana, para o surgimento de casas e comércios. Lagoa aparecida de Belo Monte, para o surgimento da produção de energia elétrica. Jacarés que escrevem. Davi decifra. Lucas da Feira reinventa-se nas linhas da HQ, perturba o consentimento de uma audiência/memória já existentes ao ser costurado no painel-muro. Elenise e Louise permitem-se, balbuciam por outros riscos (e correm outros riscos). Oxe, respondemos.



Andrea Trindade

Um jacaré apareceu na porta de uma residência no bairro Subaé, região do 35º Batalhão de Infantaria, em Feira de Santana, na noite de sábado (23) e surpreendeu os moradores do local. É que apesar de existir lagoa próxima ao bairro, ninguém sabe explicar exatamente como ele andou tantos metros e chegou até a Rua Pio XII, nos fundos de um condomínio, sem ser visto.

Foto: Andrea Trindade/Acorda Cidade

Notícia postada em 24/01/16. Disponível em: <http://www.acorda.cidade.com.br/noticias/153972/jacare-aparece-na-porta-de-residencia-em-feira-de-santana.html>



Figura 1 - Desenho de Milena Rodrigues. Texto sobre desenho: O beco de tatá, de João Daniel Guimarães Oliveira. Produção final de Louise Bastos.

Além da produção do painel pelos artistas grafiteiros Kbça, Coelho, Don Guto e Charles, exploramos ainda mais as possibilidades de riscos, costuras, fios contorcidos, exageros de cores, sensações, borrões que provocassem uma ausência do que esperar, do que explicar, do que significar na busca pela ruptura com a política da representação. Outras artistas, como Louise Bastos, Milena Rodrigues e João Daniel, “Uma quebra do hábito de “fazer sentido”, de “ser humano” (grifos do autor, O’Sullivan, 2009, p.249). O autor, dessa vez, relaciona a gagueira da língua desde dentro da própria língua materna, uma das características da literatura menor com a pintura de Bacon para apresentar que esse balbuciar e essa gagueira provocariam um resingularização (no que se refere à uma reordenação dos elementos que provocam nossa singularização, nos termos de Guattari uma possibilidade de resingularização (Guattari, 1995, p. 18). Um acontecimento-afectivo (O’Sullivan, 2009, p.249) a possibilitar que algo ocorra. Estar aberto ao impensável da singularidade da arte - o inumano - no sentido de entender, junto a Deleuze e Guattari (1992) que, para que a arte tenha uma mínima condição de existência seria criar sensações inumanas, “e como veremos, esta também é sua condição mínima para um ato de resistência estético” (ZEPKE, 2009, p. 180). Uma vontade que expressamos na apresentação do painel com o vídeo:

Uma inundação é anunciada na Feira: “ochente de notícias, manchetes, informações...”. Grafites, poemas, contos, desenhos, vídeos, tecidos, papéis, pixels são re-cortados, transportados, re-portados, trans-cortados por Lucas da Feira até o MIS, naquele mesmo primeiro andar. Aparecem as águas? Desaparecem os olhos d’água? Enchentes de sensações, angústias, certezas de um sertão que se

acha tão certo em destruir... “Xo ver”, brada Lucas, quase duvidando deste delírio... Qual é a fonte? Questionam os pesquisadores! “A fonte do prato”, respondem os artistas... Aparecem os olhos d’água minando pelas ruas dessa Feira anunciada, uma cidade através do grafite, da poesia, dos desenhos que não estão propriamente nos muros, mas nos ‘rascunhos’ de ideias que estão sempre sendo re-novadas, re-cortadas, em uma re-existência ao desaparecimento... das águas?[16]

Imagens que racham o que se entende da cidade, provocações a extrapolar sentidos, proliferar sensações, (des)concertar o que parece tão certo. Riscos que propõem outros desenhos da cidade, traçados em suas arriscadas linhas. Riscar linhas? Possibilidades na/da cidade escritas pelo que escapa: águas e gentes e jacarés e lagoas e linhas e letras e gagueiras que resistem, insistem em aparecer, escorrer entre muros e asfaltos.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BRUM, Eliane. **O pescador sem rio e sem letras**. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764\\_226305.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764_226305.html)>. Acesso em 04 de junho de 2015.
- DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka, por uma literatura menor**. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro : Imago Editora, 1977.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. **Mémoires d`aveugle, L’autoportrait et autres ruines**. Éditions de la réunion des musées nationaux, Paris: 1990.
- Experts determine age of book ‘nobody can read’. Disponível em: <<https://phys.org/news/2011-02-experts-age.html>>. Acesso em: 04 de junho de 2015.
- FELICIANI, Mário Rui. **Quando o Carteiro Chegou**. 1995. Disponível em: <<http://www.mruifotos.com/quando.html>>. Acesso em: 04 de junho de 2015.
- KAFKA, Franz. **O silêncio das sereias**. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/kafka2.htm>>. Acesso em: 04 de junho de 2015.
- O’SULLIVAN, Simon. From Stuttering and Stammering to the Diagram: Deleuze, Bacon and Contemporary Art Practice. **Deleuze Studies**, Volume 3 Issue 2, Page 247-258, 2009.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- ZEPKE, Stephen. Deleuze, Guattari and contemporary art. In HOLLAND, Eugene W.; SMITH, Daniel; STIVALE, Charles J. (Eds.) **Gilles Deleuze: image and text**. London : Continuum, 2009.

## Vídeos

Ochente. Direção: Elenise Andrade. Produção: Louise Mara. Experimentação Visual, 3’08”. Disponível em: <https://www.youtube.com/>

watch?v=3rhcpI2UGT4. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UAaRC1tjgvk>

Disponível em <http://www.acordacidade.com.br/noticias/148315/jacares-atraem-curiosos-na-lagoa-grande.html>

O pescador sem rio e sem letras, de Eliane Brum. Fonte: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764\\_226305.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764_226305.html)>. Acesso em 04 de junho de 2015.

[3]Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=UAaRC1tjgvk>

[4]Disponível em <http://www.acordacidade.com.br/noticias/148315/jacares-atraem-curiosos-na-lagoa-grande.htm>

[5]O pescador sem rio e sem letras, de Eliane Brum. Fonte: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764\\_226305.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764_226305.html)>. Acesso em 04 de junho de 2015.

[6]Adjativação proposta no artigo disponível em: <<http://phys.org/news/2011-02-experts-age.html>>

[7]Mais informações sobre o manuscrito em <<http://brbl-dl.library.yale.edu/vufind/Record/3519597>>, incluindo a possibilidade do material para download. Acesso em 04 de junho de 2015.

[8]Conto: O silêncio das sereias. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/kafka2.htm>>. Acesso em 04 de junho de 2015.

[9]Algumas fotos disponíveis em <<http://www.mruifotos.com/quando.html>>. Acesso em 04 de junho de 2015.

[10]Disponível em <http://www.acordacidade.com.br/noticias/153972/jacare-aparece-na-porta-de-residencia-em-feira-de-santana.html>

[11]Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/12/28/chuva-em-manaus-causa-desabamentos-deixa-desabrigados-e-traz-jacares-a-rua.htm>

[12]Mémoires d'aveugle. L'autoportrait et autres ruines, éditions de la réunion des musées nationaux, Paris: 1990,

p 11, postado na timeline de Daniel Lins, facebook, pelo próprio Daniel Lins, em 28/05/15.

[13]O pescador sem rio e sem letras, de Eliane Brum. Fonte: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764\\_226305.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/16/opinion/1424088764_226305.html)>. Acesso em 04 de junho de 2015.

[14]Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=3rhcpI2UGT4&feature=youtu.be>

[15]O convite, presente no cartaz da exposição: “Após uma longa seca, com as chuvas de março, o MIS-Campinas foi inundado de notícias. Uma verdadeira enxurrada de manchetes, opiniões, informações... invadiu o museu. O fenômeno resulta de uma espécie de reação automática, de resposta natural, ao desaparecimento (da água, dos peixes, dos pássaros, da sensibilidade, da política...). Depois que as notícias vazaram surgiu “Aparições”, uma cidade de papel (papel jornal, revista, papel-tela-do-cinema, papel-fotografia, papel-tela-do-computador, papel-pintura...), inventada por diversas ocupações que artistas, coletivos e pesquisadores criam ao enfrentar o que podem as imagens, palavras e sons diante da violência do desaparecimento desde dentro das lógicas dominantes arquivistas, que atravessam ciências, artes e comunicações. Ocupações aberrantes em busca de expressão das potências da gramática de criação, em que imagens-palavras e sons são expostas às forças de futuros abertos e recombinantes.” Disponível em [https://www.fe.unicamp.br/servicos/eventos/2015/cartaz\\_aparicoes\\_expo\\_resumos.pdf](https://www.fe.unicamp.br/servicos/eventos/2015/cartaz_aparicoes_expo_resumos.pdf)

[16]Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=2591>

---

# Cartas ao mar para um possível: o que esperamos de nós?

---

Helane Súzia Silva dos Santos[1], Carlos Augusto Silva e Silva[2] e Maria dos Remédios de Brito[3]

**Resumo:** Três cartas são lançadas ao mar em garrafas separadas, contendo conversas suspensas para destinatários incertos. A carta  $\alpha$ , escrita sob o calor da atmosfera equatorial, compartilha sensações a partir de caminhadas pelas ruas, parques e praças da cidade de Belém do Pará. Na carta  $\beta$ , imagens grafitadas em casas ribeirinhas são intercaladas ao texto, subvertendo a arte do grafite tracejada numa identidade urbanística, desterritorializando para si/outros, possibilidades inimagináveis. O movimento dos rios (ins)piram os grafiteiros, que parecem querer nos dizer: resista, re-exista, insista em novos fluxos! A carta  $\gamma$ , levanta questões sobre o que temos feitos de nós junto com os outros, com a cultura, com a natureza, com o coletivo, com as cidades, principalmente em relação às questões ambientais ou ecológicas. Não quer dar respostas, mas fazer questionamentos para que possamos movimentar o pensamento. As garrafas não seguem mapas, nem trajetos definidos, apenas boiam sendo arrastadas pelas correntes marítimas. Carregam possibilidades de outras vitalidades expressas em cartas. Elas resistem às forças das águas, à salinidade, ao vento, às ondas, às intempéries para quem sabe cataclismar outras cidades, outros mundos.

**Palavras-chave:** Cartas. Natureza. Outras vitalidades.

## Letters to the sea to a possible: what do we expect from us?

**Abstract:** Three letters are thrown into the sea in separate bottles, containing suspended conversations for uncertain recipients. The letter  $\alpha$ , written under the heat of the equatorial atmosphere, shares sensations from walks through the streets, parks and squares of the city of Belém do Pará. In the letter  $\beta$ , graffiti images in riverside houses are intercalated to the text, subverting the art of graphite. Dashed in an urban identity, deterritorializing for themselves / others, unimaginable possibilities. The movement of the rivers (ins)graze the graffiti artists, who seem to want to tell us: resist, re-exist, insist on new flows! The letter  $\gamma$  raises questions about what we have done with ourselves, with others, with culture, with nature, with the collective, with cities, especially with regard to environmental or ecological issues. It does not want to give answers, but to ask questions so that we can move the thought. The bottles do not follow maps or defined paths, they just float being drawn by the sea currents. They carry possibilities of other vitalities expressed in letters. They resist the forces of water, salinity, the wind, the waves, the weather for those who know how to cataclysm other cities, other worlds.

**Keywords:** Letters. Nature. Other vitalities.

---

[1] Doutora em Educação em Ciências. É professora do Instituto Federal de Educação do Pará.

[2] Mestrando em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Pará/Instituto de Educação Matemática e Científica.

[3] Professora da Universidade Federal do Pará.

O vento sopra forte... Vu-uu-uu! Vu-uu-uu! Vu-uu-uu!.....

As águas da Baía do Guajará estão agitadas... Swishh! Swishh! Swishh!...

Três garrafas com cartas são lançadas ao mar...

Conversas suspensas para destinatários incertos...

### Carta a

Belém, 12 de agosto de 2015.

Possíveis leitores,

Tenho a sensação de que movimento melhor meus pensamentos quando minha pele é aquecida pelo vapor desta atmosfera equatorial. Escrevo-lhes, numa tarde de céu calcinado e de um silêncio ensurdecador, para compartilhar com vocês minhas caminhadas por essa cidade, colocando-me à espreita de suas ondulações.

Percorrendo suas ruas, parques, praças, portos, feiras... Senti o quanto são vitais os encontros com outros possíveis que a atravessam, talvez eu estivesse ainda ruminando o trecho que li no livro *Diálogos* (1998), nele Deleuze, ao ser entrevistado por Parnet, diz que os poderes estabelecidos têm interesse de nos comunicar afetos tristes, num mundo do qual nos “desapossaram” quando nos submeteram ao controle ditado pelo capital. Como agenciar bons encontros com a cidade? Como resistir a esse mundo que parece imerso numa produção social massificada da existência? Como fissurar essa massificação para produzir nichos menores de existências próprias, que fazem fugir, mesmo fuzadamente, à disciplina e ao controle?

Parece que a nossa dificuldade em fomentar encontros com outros possíveis que atravessam esta cidade, esteja atrelada a uma questão fundamental: o que esperamos de nós mesmos? Esquivamo-nos dela por banalizarmos nossa existência, essa banalização parece remeter a uma naturalização do que é dado. A ideia de viver nesses espaços, com tantas alterações antrópicas, pode se tornar um hábito determinado pela binaridade causa/efeito. Mas o que pode atravessar a urbanização e seus problemas?

Não há como desconsiderar os malefícios para a qualidade de vida decorrentes da urbanização descomedida, mas não é propósito desta escrita discuti-la. Tais considerações, provavelmente, já são discutidas em exaustivos debates em diferentes áreas, da academia às tribunas legislativas.

Então, esboço essas linhas para conotar minhas sensações ao me colocar no cotidiano dessa cidade como uma garça, que outrora visualizei ziguezagueando o céu, com seu voo labiríntico emparedado pelas altas edificações. Estranheza! Ela não deveria estar sobrevoando os estuários, os rios, as várzeas, os campos de marismas ou as restingas? Como ela produz sua existência num ambiente tão adverso? E ao sentir-me como a garça, sorri. Quão intensamente produtivo foi meu encontro com ela!

Como uma estranha ao universo urbano, imbricado pelo ar poluído produzido pela queima dos combustíveis fósseis, pelos sons quase sempre acima do limite estabelecido e considerado poluição sonora, pelo acúmulo dos descartes orgânicos e inorgânicos atirados nas ruas e nas redes de esgotos, que nos imprimem sentimentos de impotência e lentidão, pude vislumbrar a possibilidade de experimentar outras vitalidades nesse espaço.

Lembrei do texto *Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?* de Luiz Orlandi (2002), nele é ressaltado que há um sucateamento da humanidade em sua qualidade físico-química de vida na Terra, assim como da decomposição de paisagens que embelezam variadamente a coexistência. Mas a própria vida “resiste e ao mesmo tempo cria outras vitalidades”, como a garça que se desafiara a voar para além do céu aberto.

Há variações contínuas que compõem essa cidade! Nas quais é possível fomentar encontros afirmativos para a vida. Encontros com ares saudáveis, com o verde das copas das árvores, com micro vidas que formam colônias e se tornam visíveis nos troncos das plantas, com a água que invade as ruas, com raízes lenhosas que quebram o concreto das calçadas que as aprisionam... n’ encontros!

Num beco desta cidade, emergem vidas noturnas ávidas por experimentações que borram os modelos, descodificadoras dos bons costumes, ocupam uma calçada que margeia uma praça. Fumaça, corpos se conectando, sons de violão e saxofone, vozes entoam canções... Saltam outros modos de existir entre o binarismo bem/mal, que resistem às formas de repressão. Fazem as vias moleculares urbanas vibrarem mais intensamente.

Como nos apossarmos de um mundo que nos possibilite existências singulares? Quando os gerenciadores das cidades enaltecem discursos universalizantes de como ocupá-las? Mas quem pode controlar as desterritorializações intensivas que permeiam esses espaços?

A cidade se desfaz, refaz, produz, cria! Seus movimentos parecem fissurar a urbanização massificada, típica das grandes cidades. Talvez agora não importe mais sua localização

geográfica, mas seus possíveis micro-mundos que ensaiam danças com n’ combinações de passos e ritmos.

Como as águas que seguem o ciclo das marés, vem e vão, lavam e secam, modificam, trazem e levam nutrientes para manter o ciclo biogeoquímico. Nunca são as mesmas águas, misturam-se ao solo, ao ar, aos organismos... Alimentam-se do vento, da chuva, dos sedimentos. Invadem territórios, corroem alicerces, promovem desabamentos, abrem fendas nas barragens, mudam paisagens, criam passagens... São incontidas.

Penso como Deleuze, quando diz que “acreditar no mundo significa, principalmente, suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos” (Deleuze, 1992: p. 218), então talvez também possamos ocupar as cidades como as águas, como a garça, como os corpos dos becos... ou como Anahí, a índia que, no meio das chamas, se metamorfoseia em flor, amedrontando os inimigos de sua tribo.

Continuo com meu corpo aquecido pelas brisas equatoriais...

“eu” ocupado por multidões num espaço-tempo.

Aurora

## Carta B

**Quando o movimento dos rios (ins)  
piram os grafiteiros**

Floresta, entre pororocas de uma  
lua cheia qualquer

Caro leitor, as suas cartas ainda estão molhadas e chamuscadas por cores, rabiscos, partículas de tintas, um colorido vibrante enleado nas folhas de papel. Suas cartas me lembram as palafitas que encontrei, que também estão chamuscadas... Grafites (im)possíveis, cartas-grafites que contam sobre os grafites-outros produzidos numa ilha, nas paredes de madeira das casas dos ribeirinhos moradores de uma comunidade.



Fonte: página do Sebá Tapajós no facebook [4]

Preciso contar-lhes algo, acabo de retornar à cidade, estava foragido! Não aguentava tantos

muros, paredes, revestidos de tons pretos e cinzas que se intercalam até o arranha-céu. Peço que me entenda, ansiava por outras aquarelas! Verde, vermelho, azul... Ah um céu azul! Radiante e esplendoroso derramando vida não sobre campos de flores naturais, mas sobre açazeiros, mangues, palmeiras, orquestrando os movimentos dos rios. Ah os rios, estes se tornaram para mim ruas, me conduzindo floresta adentro. A cada parada uma descoberta, uma história, um grafite.

Aqueles movimentos da maré ins-piraram os grafiteiros, o encontro foi intenso, subvertendo a arte do grafite que traceja-se numa identidade urbanística, desterritorializando e criando, para si/outros, possibilidades inimagináveis. O que antes era uma floresta de pedras, agora, tornou-se uma floresta com outras vidas, verde, transgressiva. A rua que outrora era aglomerada por carros, invade-se por barcos, peixes, cores movimentativas. O grafite chega à floresta, às águas, às ilhas. O verde que inundava as paisagens-sensações é chamuscado, iguais as cartas que recebo-envio, por cores, rabiscos, sprays, partículas de tintas, um colorido vibrante.

Navegava por entre rios ziguezagueando com o movimento das marés de peito aberto para receber a brisa que escapava da floresta, para encher, esse já gasto pulmão de um ar tão límpido e doce, que dava pra sentir o frescor do orvalho vindo dos açazeiros. E então mais uma vez dar início ao ciclo desta existência que vos escreve... Parece-me que ali a vida estava embaralhada por todos os lados, criando-se e reinventando-se nas mais improváveis formas, um caos vital.



Fonte: página do Sebá Tapajós no facebook [5]

O oxigênio que saía da mata atravessava meu corpo para então transformar-se em gás carbônico pronto para ser consumido por outra forma de existência... Movimentos dessa complexa máquina da vida. No entanto, buscava por outros modos de oxigenação, outros modos de respiração, aquele ar que perpassava pela criação. Ar que nutre corpos. Cessando essa fonte ao corpo, este não mais aguentaria, poucos minutos seria o suficiente para jogá-lo no rio das representações. Poucos suspiros, um último fôlego, esta é a respiração de muitos corpos que estão sendo asfixiados para seguir regras, ou mesmo por não segui-las. Quem privaria o corpo a tal manancial vital?

Voltando a pensar com o compasso das marés, os desenhos são re-in-ventados. Gesto-corporificado que desata fios, nós, identidades. Forças-diagrama que germinam flora amazônica, e, ainda, derivas-grafite, que faz uma arte adentrar não mais as galerias, agora

deseja aventurar-se pelas águas dos rios, e bater na porta dos que estão distantes.



Fonte: página do Sebá Tapajós no facebook [6]

O grafite escapou por linhas de fugas trazendo consigo desterritorializações de atmosferas, corpos. Grafiteiros que esperavam pelo novo compasso da mu-dança, não por que mudanças possuem maiores intensidades, mas, principalmente por que proporcionam outros encontros alegres ou tristes, e é claro, na ordem do acaso.

O gelado metálico nas mãos ao som de pequenas embarcações, macacos, curupiras, laras. Uma floresta cheia de armadilhas, mitos a povoam... O “homem da floresta” vive entre seus valores, seus mitos e suas necessidades. Onde armarei minha armadilha para capturar os meus afetos? Nas margens do rio seria um bom lugar, preferencialmente naquelas margens silenciosas. Então, como isca, usarei um

bocado de tinta spray em aerossol, um grafite inacabado, certamente conseguirei capturar meus afetos, paixões... Ser-me-ei tolo, eis que a armadilha estava todo tempo atada no meu corpo, aliás, era eu minha própria armadilha, e assim como os encontros, os afetos também estão na ordem do acaso.

Lendas in-ventadas que também ins-piram encontros artísticos. Encontros que criam, que comem ti...n...ta...s... e, além disso, incitam conhecimentos que beneficia, quem? Portanto, penso com Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010) sobre a arte como função criadora de perceptos e afectos, sempre como uma itinerância, transitando entre estados até extirpar o afeto contido nos blocos de sensações. Afetos que metamorfoseiam iconografias urbanas, em iconografias mais que urbanas, outros urbanos, outras iconografias.

Lembro-me vagamente quando o rio invadiu minha casa. Ele escolheu a parede do meu quarto para infiltrar-se. Diferentes dos outros que já cheguei a conhecer, percorreu pela calmaria, e claro, deixando suas marcas. A umidade invadiu meu quarto, e com ela um rio de imagens foi sendo desenhado, não ouvia bulícios de sprays, mas suas marcas estavam sendo desenhadas. Por quem? Para quem? Como? Quem permitiu? Estaria o rio grafitando meu quarto? Obviamente não sabia responder tais indagações que latejavam o meu corpo.

O rio grafiteiro no meu quarto me fez querer grafitar ainda mais, no entanto, com rios-outros, distorcendo os limites entre arte-grafite-rua-rio, numa potência que não apenas cruza afetos, mas que os produz.

Quantos viveres fazem um grafite, um rio, e um rio-grafite? Na busca destas vitalidades encharcada de afetos, o grafiteiro cria

possibilidades de fazer artes, grafiteiros que muitas vezes não apenas grafitam, mas picham insatisfeitos com o que os atravessam, ou não atravessam, e, ainda, cansados de muros, paredes, carros, bairros, na busca de outros ambientes.

Antes que você, leitor, pense que estou buscando contrapor arte/grafite e natureza, não é bem por aí que tentarei dialogar, quem sabe, talvez, suscitar possíveis encontros a partir de cartas-sensações, que não buscam pelo destinatário, mas um destinatário qualquer. Todavia, que diálogos surgiriam a partir desta carta sem paradeiro? Cartas-sensações que navegam por águas, poderiam encontrar ancoragem? Temo que sim, temo que não... Temo pelas sensações que s(er)ão ativadas a partir deste encontro.

E neste bloco de sensações, termino esta minha carta-grafite, lançando-a num rio qualquer, entre o mar e um rio, talvez um rio-mar, que neste encontro gera ondas. Venha pororoca, arrebente os ambientes estabelecidos, arrancando-os do lugar fixador de vidas, com um barulho ensurdecedor, modifique-os, modifique-os, modifique-os... n'vezes... Viole com mansidão? Também, viole como desejares, inclusive com violência. Resista, re-exista, insista em novos fluxos! Aproveite e leve consigo minhas cartas-grafitadas a um grafiteiro qualquer, mas antes pulverize pinceladas de vida por onde passares.

Para outro grafiteiro qualquer...

C.A

### Carta $\gamma$

Belém, 02 de novembro de 2016.

Perdoem-me, meus queridos amigos, que já não tenha agradecido suas cartas; cada uma me faz sentir a intensidade das preocupações que nos atravessam nesses tempos de poucas recepções. Sinto que estão juntos de um trabalho que é justo: pensar o que temos feitos de nós junto com os outros, com a cultura, com a natureza, com o coletivo, com as cidades. Cada vez mais me parece urgente que somente como combatentes temos o direito de estar vivos; como combatentes de um mundo possível vindouro, cuja formação pressagiamos antes dentro de nós mesmos, naquelas horas que justamente podemos nos sentir estranhos ao nosso tempo, e que se vive em mundo em que nos faz pensar a urgência de um porvir.

Confesso que nada entendo de profundidade sobre as questões ambientais ou ecológicas, mas observo sua estimada relevância para os tempos atuais. Essas questões passam pelos problemas da cidade, pelos problemas humanos. Afinal como não achar pertinente uma área de conhecimento, como a ecologia, que estuda o meio ambiente e as relações desse meio com todos os viventes? Porém, a quem interessa a demarcação recente dessa ciência que bifurca mais uma vez a Biologia? Do mesmo modo, a quem interessa as questões da cidade? Ao meu ver seria a todos os viventes... A todos aqueles que têm preocupações com as vidas...

Sobre o meio ambiente, é sabido que ele afeta as interações em todos os sentidos, incluindo as funções vitais, comportamento, metabolismo, hábito... Ele determina qualidade de vida, permanência e procriação das espécies, ou pode negar tudo isso dependendo de como se interage com o meio e o seu funcionamento. O

vivente altera, modifica, transforma seu meio permanentemente e essas transformações podem configurar problemas globais vitais. O meio é tão importante que reverbera até mesmo no modo como se degusta um alimento, como se dorme, como se ama, ou trabalha. Isso valeria para se pensar o como se habita as cidades, as ruas, os espaços públicos. Então, como não dizer que esse assunto não deva ser tema de primeira ordem? Sua reflexão vem ganhando destaque por pesquisadores sérios, trazendo reflexões importantíssimas para pensar a relação do homem com o seu meio, a relação do vivente humano com a natureza e com a cultura. Um pensador interessante que pontua certas questões é Michel Serres (2011), chamando atenção para tais questões a partir de um olhar filosófico. Como o homem interage com seu meio? Que relações políticas e éticas são travadas? O que cabe ao homem na sua relação com o meio e com as cidades?

Meus queridos amigos, peço-lhes perdão pelas palavras rudes que imbricam essa escrita e deixo para vocês pensarem certas questões, porém, insisto que não se deve dar pausa à solidão e ao silêncio para que certas reflexões sejam medidas e meditadas.

Com muitas saudades de nossos encontros regados a palavras, desejo-lhes alegria e bons encontros... Que façamos da vida, do meio, das cidades, espaços de convivências regados ao diálogo e à política.

Com afeto,

Anaiis

**Ondas e ondas...outras ondas!**

Olhando o mar, sonho sem ter de quê.

Olhando o mar, sonho sem ter de quê.

Nada no mar, salvo o ser mar, se vê.

Mas de se nada ver quanto a alma sonha!

De que me servem a verdade e a fé?

(...)

(Fernando Pessoa)



Foto: Helane Santos

Pássaros, ondas, mar... Alturas, baixo... Longe, cor, mato, cidade, homem... Onde olhamos à distância? Mar, pássaros, parecem bem mais poderosos do que somos... Ambicionamos o que é longe, onde tudo ainda é mar, acima da cabeça humana... Mas para onde queremos ir? Queremos transpor o mar? Para onde as ondas nos arrastam? O que vale para cada um de nós? O que buscamos em nossa direção? O que esperamos?

O mar, como espaço aberto para a aventura, a descoberta, o avanço, a coragem, o desconhecido... Mar quente, mar frio, mar vermelho, mar azul... Imensidão... Barcos, navios, veleiros, canoas, embarcações... O mundo... Aberto, vida: mistérios... Mar: um signo! Mar, ondas! Mar... Aventuras, águas salgadas, doces, profundas, turbulentas, navegáveis, inavegáveis... Águas, oceanos... Riachos... Ondas!!

As garrafas não seguem mapas, nem trajetos definidos, apenas boiam sendo arrastadas pelas correntes marítimas. Carregam possibilidades de outras vitalidades expressas em cartas. Elas resistem às forças das águas, à salinidade, ao vento, às ondas, às intempéries... Para quem sabe cataclismar outras cidades, outros mundos... São ca(r)tacli(s)mas... Não se sabe de antemão o que podem, nem o que irão afetar, pois o que pode mesmo um corpo?

**REFERÊNCIAS****Carta α**

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. São Paulo: Escuta. 1998.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

ORLANDI, L. B. L. Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos? In: RAGO, M.; ORLANDI, L. B. L.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze - ressonâncias nietzscheanas*. Rio de Janeiro, DP&A Ed., 2002, pp. 217-238.

**Carta β**

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo, Editora 34, 2010.

#### Carta γ

SERRES, M. **O mal limpo: poluir para se apropriar?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PESSOA, F. **Novas Poesias Inéditas.** Lisboa: Ática, 1973.

#### Notas sobre a Carta B

Esta carta foi pensada a partir do encontro que fiz com a ilha do Combu (região das ilhas do município de Belém do Pará), no qual, pude conhecer um pouco do trabalho artístico visual Sebá Tapajós, acompanhado de seis grafiteiros. O objetivo do projeto denominado “Street River” foi levar um pouco da arte urbana para as casas dos ribeirinhos que moram nas comunidades na ilha de Combu.

#### Imagens da Carta B

Extraídas da página de Sebá Tapajós no Facebook (acesso em agosto de 2016)

*Recebido em: 15/12/2016*

*Aceito em: 13/03/2017*

---

[4] Disponível em: <https://www.facebook.com/sebatapajos/?fref=ts>. Acesso em ago. 2016.

[5] Disponível em: <https://www.facebook.com/sebatapajos/?fref=ts>. Acesso em ago. 2016.

[6] Disponível em: <https://www.facebook.com/sebatapajos/?fref=ts>. Acesso em ago. 2016.



---

# Mínimo... Acesso

---

Andreia Marin[1] e Paulo Manaf[2]

---

**Resumo:** Em carta ao amigo, ela relata a transmutação que experienciou diante dos quadros que ele produziu: ao abandonar todas as suas qualidades humanas e a consciência a elas apegada, sua substância corpórea, cefálica, densa, pesada e sem movimentos transmuta-se em um mínimo e, assim, disforme e móvel, transpõe os portais materializados nos quadros. Lendo a carta ele se surpreende com o esfacelamento simultâneo do tempo, do espaço, do corpo e da consciência descrito pela amiga e decide, em sua resposta, expandir a obra plástica para a literária, revelando uma rara conexão entre a experiência relatada na carta com o Cerrado brasileiro. Assim, ele introduz suas narrativas sobre antigos e fantásticos vínculos entre humanos, animais e o Cerrado, revelando nas entrelinhas que, a cada pouco do bioma que morre, morrem com ele nossos poderes de transmutação do corpo e da consciência.

**Palavras-chave:** Cerrado brasileiro. Transmutação. Estudos Animais.

## Minimum... Access

**Abstract:** In a letter to his friend, she recounts the transmutation she experienced in front of the paintings he produced: as she abandons all her human qualities and the consciousness attached to them, her cephalic, dense, heavy, and inert corporeal substance transmutes to a minimum and, in such a deformed and mobile way, she transposes the portals materialized in his pictures. Reading the letter, he is surprised by the simultaneous shattering of time, space, body and consciousness described by the friend and decides, in his response, to expand his visual work to the literary realm, revealing a rare connection between the experiences reported in the letter and the Brazilian Cerrado. Thus, he introduces his narratives about ancient and fantastic attachments between humans, animals and the Cerrado, revealing between the lines that, for every bit of the biome that dies, our powers of transmutation of the body and consciousness die as well.

**Keywords:** Brazilian Cerrado. Transmutation. Animal Studies.

---

[1] Graduada em Biologia (USP) e Filosofia (UFPR), Doutora em Ecologia (UFSCar). É docente/pesquisadora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: aamarinea@gmail.com

[2] Graduado em Biologia (USP), Doutor em Psicologia (Neurociências e Comportamento) (USP). É biólogo do Zoológico Municipal de Mogi-Mirim. E-mail: paulomanaf@gmail.com



Figura 1. Paulo Manaf. *Memory*. Grafite, acrílico e látex sobre papel em tela, 2011. 40x60cm

Querido Paul,

Não foi simples me desvencilhar... As forças vinham em redemoinho e me enclausuravam no fluxo que levava para o portal.

Me desesperei, não é preciso que explique. Pode prever pela clara incompatibilidade entre minha estranha forma e abusiva dimensão e aquela delicadeza do mínimo que prometia um outro mundo. Quis, obviamente, me afastar do desconfortante “comparecimento ao meu próprio desencontro”, mas tal mania, definida pelo poeta das Ignoranças, me fez focar mais uma vez o tão atraente desconhecido.

Supus: era um mundo silencioso, não parecia haver dúvidas... Mas era também fluido... Não... A palavra é mais para “gelatinoso”... Do lado de lá do ínfimo portal o mundo parecia não ter solidez, nem cores enclausuradas, de forma que no lugar de arco-íris se formavam transitoriamente aquarelas multicores em constante (de)composição. Eu achei, por alguns segundos, que poderia desintegrar e voltar a ser coisa, ser bicho, ser árvore, ser só

esferas moles a se movimentarem sem rumo, sem estorvo gravitacional.

O fluxo me levou para um pouco mais perto e eu, gigante, só pude dar como saída pensante da difícil situação, uma tentativa de âncora, fincando meus pés disformes logo abaixo da pequena plataforma que sustentava a delicada estrutura celulósica do portal. Temi minha típica inabilidade com as coisas mínimas de forma que tentei permanecer o mais estática possível, já que uma respiração um pouco menos contida poderia demolir seu misterioso mundo.

Assim perdida em pura concentração, senti escorrer sobre os dedos dos meus pés um líquido morno. Tentei enxergar curvando-me cuidadosamente, mas só pude perceber o acinzentado de uma goma que escorria líquida do espaço de trás do portal e ia se cristalizando sobre meus dedos. Um comichão. Pareceu queimar e... Tornaram-se menores junto, logo, com todo meu pé. E o viscoso líquido subiu multiplicando os efeitos. O desequilíbrio de quem encolhe pelos pés... Era o contágio... Do mínimo.

Era também uma ansiedade incontrolável de ir deixando apagam-se todas as bestas qualidades humanas. Toda a consciência a elas apegada subtraindo-se, já nesse momento, da insignificância cefálica que substituiu meu velho crânio, assemelhada às esferas disformes. Preocupações, em instantes, suplantadas pela diabólica sensação de potência... A paradoxal potência de um mínimo que, agora, passa com entusiasmo infantil pelo delicado portal... São visíveis agora suas detalhadas curvas postas em adornos que pairam sobre meu corpo muito leve.

E foi assim que ganhei acesso ao seu mundo povoado de seres híbridos, pedras móveis e cores dançantes. No início, pareceu-me um micro-caos assustador. Mas os sons provenientes de todas as pequenas partes e combinados numa desinфонia, inesperadamente, agradável, me acalmaram. Vez ou outra, tudo se multiplica ou transforma. Inesperadamente, tudo para e as cores brincam de irem-se juntando em compartilhamento, dando espaço para a plenitude branca... E logo reiniciam seu balé.

Fui assim, aprendendo com as danças, que jamais pude dimensionar em dias, horas ou qualquer outra contenção temporal, e escorregando cada vez mais para o nada de mim. É daqui que te escrevo essa carta. Aproveito para fazê-lo nesses instantes em que a desinфонia cede ao silêncio, agora, nunca perturbador.

Ah, sim. Antes que esqueça de mencionar, talvez não volte. As vezes que tentei, abri a porta secundária que gentilmente você colocou no seu brilhante mundo e fui descendo os degraus da escada, única matéria firme que você fez questão de providenciar para evitar desastres desnecessários. Mas ocorre que, ao descer, vou voltando ao tamanho normal, começando pela região cefálica. Por mais de um motivo, acabei desistindo das tentativas: primeiro, porque o desequilíbrio da grande cabeça sobre os mínimos membros inferiores poderia resultar um fracasso e um acidente inevitável na descida da escada; segundo, e mais importante, porque, ao descer, fui me sentindo cada vez mais matéria densa, pesada e sem movimentos, o que sinceramente não podia mais me agradar; terceiro, porque a saudade das coisas disformes e móveis, dispersas em insignificâncias ou camufladas na matéria branca, embaladas pelas desinфонias e balés das cores, já parecia insuportável no

terceiro degrau...

E assim vou ficando... Talvez desse mínimo, somente ao nada ou à transmutação... Não é possível saber ainda. Obrigada por tudo, querido inventor. Quando puder, venha me visitar, já que as cartas provavelmente se esvairão junto aos resquícios languageiros.

Afetuosamente abraço.

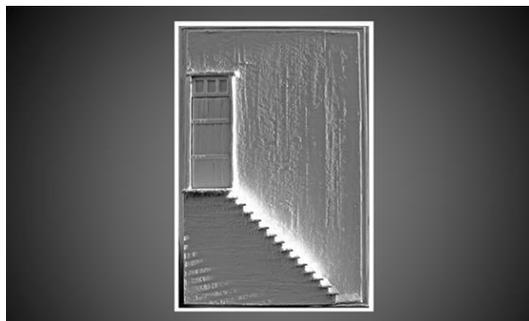


Figura 2. Paulo Manaf. *Matéria Branca II*. Latex sobre papel em tela, 2011. 16x30cm

*Querida Andréia,*

Pequeno prólogo

Vai chover agora, e vai chover bastante. Como todo filho de lansã, sinto a estranha carga antecipatória que subverte os elementos sempre que uma tempestade se aproxima: a mãe rosada manifesta sua presença aos filhos que, a ela, humildemente saúdam. É imenso o firmamento nestas horas. Depois da chuva, entre parentes e amigos, sabiás-do-campo ocupam pontos privilegiados do bairro para ver o entardecer. Ouvem, quietos, o espetáculo das cores crepusculares - um hábito exemplar da

espécie, que Fernando Pessoa compartilhava.

Urubus fendem o firmamento como agulhas no vinil. Silenciosamente. Ouvem, quietos, o vento. Ouvem seus próprios pensamentos. Pensam em memórias antigas e - ao ler tua carta decidi contar a você estas histórias - pensam em eventos futuros e em cataclismos que alguns deles previram. Lembro-me de Saní. Você não conheceu esta figuraça. Era um Urubu de meia-idade, descendente em linha direta de Roco, aquele que, a tradição nos conta, conheceu a índia Boureña.

#### Pequeno capítulo I - Os Apitãs

Isto foi há muitas gerações, na época em que havia cães só nos pampas. Segundo a crença, Roco ficava pousado no galho mais alto da árvore das almas, quase escondido; Boureña acomodava-se bem mais para baixo do morro, ao pé de um barranco, o mais perto que conseguia chegar; ela passava assim horas em silêncio, aguardando, aguardando, até que ele, reticente e comedido, comesse a lhe ensinar as práticas mágicas da presciência, as veredas do prognóstico, a arte da profecia, os mistérios do pressentimento, os meios para obtenção de presságios e o ofício da premonição, seus enigmas e seus riscos. Muito pouco revelava o Apitã, comparado aos anseios da índia sobre esta matéria. Ao final, a ave aguardava pacientemente. Boureña, moderada na mesma medida, contava então um pouco de seu tesouro mais confidencial, aquele ao qual o catartídeo tanta atenção dispensava: as narrativas da transmutação, o segredo de como ela, mulher, alterava suas qualidades humanas, desvencilhando-se de sua própria matéria - densa, pesada e sem movimento - para ser um mínimo e, fluída assim, atravessar os portais e viver momentaneamente entre as coisas disformes e móveis. Roco ouvia tudo,

compenetrado. Ao final do encontro, sem mais um único pronunciamento, ele saltava do galho e deslizava gravemente para o escuro cavado na mata, para onde olhos humanos não ousam mirar. Boureña, exausta e faminta, iniciava então seu moroso caminho de volta à aldeia. Como sabemos hoje, os dois voltariam a se encontrar toda vez que o Sol desviasse sua atenção para além da constelação da Anta.

#### Pequeno capítulo II - Roco

O mais lendário de todos os Urubus, Roco era também um dos mais esquivos. Poucos Xamãs de aldeias distantes eram capazes de ouvir seus pensamentos, no máximo fragmentos difíceis de interpretar. Apenas a Boureña era permitida a aproximação, a única que realmente ouvia seus pensamentos e a quem ele estava fatalmente conectado.

Roco costumava voar à tarde para lugares muito reservados, de onde assistia ao pôr do sol, sozinho e quieto. Só havia o vento. Pensava profundamente nas suas memórias. Eram muitas, muitas, muitas. Será que nós, humanos, temos tantas memórias assim? Voar é espetacular, mas voar com suas próprias memórias é uma epifania. Eu, para mim mesmo, apelidei a memória de “a dádiva cruel”: tão especial e tão difícil de lidar.

Roco quedava-se ali, absolutamente presente no tempo presente. Um instante, ele próprio um portal por onde suas memórias fluíam para o futuro e coisas que ainda estavam por acontecer vertiam para o passado. Uma fusão, um ciclo da natureza, uma mandala que se completa, o círculo sagrado, o Sol que se põe diante dos olhos de Roco. A responsabilidade pesa sobre suas asas negras. O que restará deste Cerrado imenso? As trevas chegam do Mar do Leste, furiosas. “Ele voltará, a Luz do mundo

voltará”, assim diz a profecia mais antiga que as próprias aves. Voar é preciso, e assim Roco se eleva, majestoso, para desaparecer na escuridão profunda do firmamento.

Com os anos, Roco, tenaz e disciplinado, alcançou domínio sobre a arte do mínimo, apesar da afetada parcimônia de Boureña para revelar seus conhecimentos privados e das lacunas propositais no seu professorado. Ainda assim ele era um Apitã refinado o bastante para evitar lhe dirigir diretamente qualquer pergunta. Paciência, minha amiga, é um predicado quase sinônimo de Urubu, sabia? Haveria de obter respostas, por bem ou por mal, conforme previu.

#### Pequeno capítulo III - O portal presente

A primeira vez que ouvi os pensamentos de Saní foi logo que me mudei para cá. Hoje não ouço mais. Espero que ainda esteja vivo ou que, pelo menos, não tenha sofrido destino semelhante ao de sua irmã, que morreu ainda muito jovem, apedrejada por um bando de moleques ao fazer um pouso de emergência num campinho de pelada. Isto aconteceu bem antes. Dizem que, ao receber a notícia, Saní voou, transtornado, em direção ao Sol, pedindo - gritando - aos prantos para que o astro lhe queimasse as asas, e com elas toda a dor embarçada em suas penas. Todos se condoeram. Há quem afirme que até humanos mais sensitivos perceberam o fato na forma de “uma repentina sensação ruim que amargou o dia”. Não me recordo, Andréia, do nome da irmã de Saní. Que vergonha. Mas são muitos Urubus e todos com nomes impronunciáveis. Os que eu aqui cito são humanizações muito grosseiras. Que vergonha. Mas uma coisa eu te digo: nada se compara ao constrangimento de estar perto de um deles e não saber voar. Saní era educado e não ficava se exibindo. Pelo menos não a todo o momento.

Laudanus era o indivíduo mais velho da comunidade onde Saní vivia. Detinha os saberes mais completos da presciência. Era poderoso o bastante para escolher o que queria prever. Quem escutava os pensamentos dele há muitos anos era uma senhora chata e autoritária que presidia uma instituição de caridade. Ela era capaz de ouvir os pensamentos de Laudanus assim como Boureña aos de Roco ou como eu aos de Saní. E como tantos outros pares misteriosamente conectados por aí. Mas, de maneira pouco comum nestes casos, Laudanus permitiu que ela o conhecesse pessoalmente. Assim decidiu ele após prever o suicídio do filho dela. Não haveria recuperação naquela família humana. Já os predicados de Saní na arte da adivinhação eram bem ruinzinhos para um Urubu daquela idade. Mas sua erudição era gigantesca. Ainda assim conseguiu prever que seria banido por Laudanus, este que não pertencia à linhagem de Roco.

Vi Saní pessoalmente uma única vez - pelo menos acredito que tenha sido ele mesmo. Estava dirigindo e avistei um grupo de catartídeos pousados sobre uma grande árvore no topo de um morro. Senti um frio na barriga, um pressentimento de que ele estaria lá. Brequei o carro, saí e corri para a cerca na beira da estrada deserta. Todos me ignoraram, exceto um, pousado bem mais longe, fitando-me por detrás de uns galhos secos. Então, todos ficaram em silêncio olhando para mim por alguns momentos e, de súbito, saíram voando e foram embora. O último a partir foi ele. No céu, bem alto, ainda fez uma volta, como um aceno. Em seguida, batendo forte as asas imensas, subiu ao firmamento e fluiu com velocidade até sumir no horizonte. Fiquei parado, mirando. Só o som do vento e o cheiro quente de um Cerrado tão antigo quanto o Mar. O presente, a memória, o futuro, o portal.

### Pequeno epílogo

É muito difícil para mim, Andréia, separar o literário do plástico. A era do dualismo está terminando. Dia e noite, mar e firmamento, pessoa humana e pessoa Urubu, memória e invenção, realidade vivida no concreto e realidade vivida no sonho, passado e futuro. Mais relâmpagos: vai chover de novo. Estes temporais cada vez mais assustadores! Tenho saudades de Saní, tenho saudades de você. Vou te visitar, sim, e contarei mais histórias sobre ele, sobre Roco, Boureña e os Apitãs do Cerrado. Ah sim, e contarei também sobre os cães dos pampas e sua longa jornada ao Planalto Central; e sobre como, no século retrasado, uma fêmea, descendente destes cães, morreu ao proteger sua dona contra a violência do marido numa fazenda perdida no meio do Cerrado, e como voltou para manter guarda sobre as gerações que se seguiram. Tenho muita coisa para te contar. Depois, olharemos juntos, quietos, o céu poente, como se pássaros fôssemos. Haverá ainda Tempo?

Afetuosos abraços.

*Recebido em: 14/12/2016*

*Aceito em: 13/03/2017*

---

# Relatos sobre ecologias ruidosas dos infernos na carta de um licantropo a Satã

---

Rodrigo Barchi [1]

---

**Resumo:** Esta carta-ensaio é um manifesto escrito por um licantropo a Satã, independentemente de ser a mesma entidade ou não. Ou seja, pode ser uma carta escrita para si mesmo, visto que o diabo e o licantropo podem ser manifestações distintas de um mesmo sujeito ou para o outro responsável pela maldição que recaiu sobre a besta lupina. Nela, o licantropo critica a perspectiva filosófico-política ocidental, refém ainda das interpretações hobbesianas sobre as relações humanas, e sugere não mais o lobo e/ou o próprio lobisomem como o predador e promotor da barbárie humana, mas como o militante que reage e combate a destruição promovida pelo Estado e pelo capital. Por fim, o licantropo evoca as perspectivas libertárias dos pensadores e movimentos sociais do século XIX e XX como alternativas radicais para enfrentar os holocaustos ecológicos promovidos pela ação predatória dos humanos contra as paisagens e os outros seres do planeta. O texto dá ênfase aos discursos ecologistas de bandas de música extrema.

**Palavras-chaves:** Licantropo. Satã. Holocausto. Ecologia. Música extrema.

## Reports on noisy ecology of hells in the lycanthrope's letter to Satan

**Abstract:** This letter is a statement written by a lycanthrope to Satan regardless they have the same entity or not. However, it can be a letter written to him as the devil and the lycanthrope can be different expressions of the same subject or to the other responsible for the curse that lies on the lupine beast. In this curse the licantropo criticizes the Western political, philosophical view that is still dependent on the Hobbesian interpretation about the human relationships and suggests that the werewolf is the predator and not the wolf and fosters the human barbarity and acts as the militant that reacts and fights the destruction caused by the Government and capital. Finally, the lycanthrope raises the libertarian views from the thinkers and social movements from XIX and XX as radical alternatives to tackle the ecological holocaust promoted by human predatory action against landscapes and other planet beings. The text emphasizes the environmental speeches from extreme music bands.

**Keywords:** Lycanthrope. Satan. Holocaust. Ecology. Extreme music.

---

[1] Doutor em Educação pela Unicamp, Mestre em Educação pela UNISO, Especialista em Educação Ambiental pela EESC-USP, licenciado em Geografia pela UNISO. Professor-Coordenador do curso de Geografia da UNISO.

Falar no fim do mundo é falar na necessidade de imaginar, antes que um novo mundo em lugar deste nosso mundo presente, um novo povo: o povo que falta. Um povo que creia no mundo que ele deverá criar com o que de mundo nós deixamos a ele. (Eduardo Viveiros de Castro)

The darkness will replace day! Eyes with blood and heart will knock! Your appearance will be replaced by the wolf skin Symbol of freedom you will be embodied!!! (Ao som de Dehydrated...)

*Nas mais belas noites de lua cheia, em um outono das selvas tropicais atlânticas...*

Cara(o) Mestra(a) suprema(o) das trevas.

Senhor(a) das superfícies lúgubres e infernais.

Princesa/príncipe da luz da manhã.

Como você está?

Há muito tempo precisava lhe escrever.

Escrever para ti é como se fosse escrever para mim mesmo.

Talvez seja...

Por isso a velha problemática em saber o endereço do destinatário. Mas resolvo isso depois...

Naquela primeira carta, escrita há mais de 20 anos, a qual não quero tornar pública - cujo teor, portanto, ficará somente entre nós - estava entorpecido de loucura e ira, pois recusava a aceitar a condição monstruosa, mestiça e marginal à qual fui condenado. Peço até desculpas por acusar-te injustamente de tal situação. Sei que não foi intencional de sua parte, e que não há culpa, necessariamente, nas formas que tomamos em nossos processos constitutivos.

Mas eu acreditei por algum tempo, como

você sabe muito bem, que caminhávamos literalmente, todos e todas, para um mesmo caminho, e que, de um modo ou outro, acabaríamos encontrando uma mesma solução para nos salvarmos daquilo que nos impuseram como pecado, como inferno das profundezas, do sofrimento eterno. Ou no mínimo, de um final, em nossa condição orgânica, dos mais tenebrosos e agourentos.

Aliás, o que mais sobra por aqui é a torcida por uma arrastada existência moribunda...

Sempre as mesmas falsas promessas baseadas nas malditas dicotomias e dialéticas retrógradas, e o diabo a quatro (desculpe o trocadilho...) que Platão inventou em busca das perfeições. O perfeito e o imperfeito, o verdadeiro e o falso, a ideia e o mundano. Como se essas distinções, em minha condição, ainda me fossem necessárias.

Na verdade, te acusei de ter me desviado de um caminho que me haviam sugerido como bom, e que aparentava ser amplamente a forma mais exata para encontrar uma eternidade que se mostra potencialmente sedutora, lúdica e idílica. Afinal de contas, ela é exatamente tudo aquilo que não temos. Aliás, de tudo aquilo que nos fizeram acreditar que nós não temos...

Te acusei de me fazer sofrer.

De me desviar da “verdade”.

E da minha inconformidade, de minha deformidade... ter me transformado...

Minha condição monstruosa, nos últimos dias, não vem causando as dores horríveis - mais no espírito que no corpo em si, e ainda agradeço não sofrer o que o caro Nietzsche sofreu - que vem e voltam constantemente, e minhas condições laborais, mentais e físicas

me dão um entusiasmo na alma, exigindo que lhe relatasse algumas novidades. Alma que, apesar de condenada eternamente por minha mestiçagem ferina, vem caminhando feliz. Ela sabe que não está mais presa aos suplícios que tanto a fizeram sofrer enquanto temia o que as trevas poderiam lhe fazer.

Minha empolgação é esporádica, fluida e passageira. Ela alterna-se a momentos de extrema fúria, de máxima desilusão, e irrecuperável desesperança. No entanto, em nenhum desses momentos ela é atravessada pelo niilismo fugaz das contingências contemporâneas, o amor infértil dos humanos “puros” por suas invenções soníferas e fascistas das univocidades históricas. Esse niilismo dos outros é o que justamente me impõe a alternância entre os momentos felizes e as situações de profundo pesar.

Quem estiver lendo essa carta - a qual resolvi tornar pública, espero que não lhe chateie - irá se perguntar os motivos pelos quais preciso lhe escrever. A superstição não nos diz que, assim como o demiurgo cristão, você não é capaz de saber tudo o que pensamos? Aliás, de nos conduzir para o outro lado, dominando nossas mentes e nossas ações, tirando de nossos corpos nossa “alma iluminada e perfeita” para impor espíritos malignos que nos fazem sofrer e causar dor aos outros?

No meu caso, a situação, de acordo com a superstição, a maldição é ainda maior, pois não sou mais que um mero “leão de chácara” dos territórios infernais, o qual defende a força das trevas ao levar o terror e a violência às pobres pessoas normais, cristãs, justas, de bem. Sou tido por aqui como uma das piores aberrações já criadas por sua força, já que minha condição entre humano e lobo faz de minha aparência, ao senso comum, monstruosa, terrível, apavorante.

Mesmo sendo tão imponente e poderosa, e para alguns, magnificamente sedutora.

Desde que fui tocado por sua maldição, ao tomar contato com outros mestiços e mestiças, me vi encurralado sob uma condição absurdamente marginal. Marginal ao lobo, marginal ao humano. Estou em um plano no qual a ciência não pode me considerar nem um animal selvagem, nem como um humano. Para a religião, nunca deixarei de ser seu discípulo, herdeiro, laçao e soldado. Se ao menos buscassem entender que nossa relação não é hierárquica e fascista, mas autônoma e solidária...

Sim, a ciência não pode me classificar. Pelo menos a ciência moderna, a qual Prigogine e Stengers (1997) consideram como responsável pelo desencantamento do mundo, não pode me “taxonomizar”, etiquetar. A não ser como anormalidade a ser corrigida, como deformação a ser moldada, sob o risco de ser confinado em uma jaula de segurança máxima para exibição pública, ou de me refugiar nos confins das cada vez mais escassas matas virgens.

Mas, pior do que a nefasta difamação da religião e da ciência (certas religiões e ciências), são as calúnias que a política institucionalizada hobbesiana constantemente faz do meu ser, e de meus parceiros mestiços. Nela, o lobo selvagem é um ser nefasto, preocupado única e exclusivamente com sua sobrevivência e suas presas, cujo objetivo é sempre a próxima carnificina. E o humano só pode ser humano se estiver protegido, assegurado, vigiado e controlado pela instituição estatal.

Mentiras, mentiras, e mais mentiras...

Difamam o lobo ao acusá-lo de ser um delinquente, um assassino, malévolo por natureza, carniceiro por prazer. O lobo atravessa

a história da filosofia moderna e contemporânea sendo amplamente vilipendiado em sua imagem, em seus direitos, e em seu encanto. Os lobos, como sabe muito bem, Lúcifer, são de um esplendor sem igual, principalmente em suas práticas coletivas.

Ah, que sublime parentesco...

As alcateias, posicionadas de modo a proteger os mais velhos, que ditam o ritmo da caminhada do grupo ao andar no primeiro escalão, enquanto os mais jovens e fortes estão espalhados, de forma a impedir quaisquer perigos às fêmeas prenhas e aos filhotes. O sentido de grupo, de bando, de autonomia e proteção são muito mais inerentes aos aspectos coletivos e individuais do lobo, do que propriamente sua violência e qualquer forma de barbárie.

A difamação ao ser humano é ainda maior, pois acusam sua natureza de ser lupina, em uma imagem distorcida e falsa do que é ser o lobo. Humano como naturalmente mau, perverso, egoísta e barbárico. Imagem que condena, cada vez mais, a espécie humana à escravidão das burocracias estatais, das normalidades pseudo-inclusivas e da vigilância hierarquizante, classificatória e disciplinarizante, como Foucault (2001) tão bem elucidou.

O que sou, portanto, como licantropo? Uma soma das falsas bestialidades humanas e lupinas? Uma má potencialização daquilo tido como terror, medo e monstruoso? Sou acusado de violência em estado puro, e sequer capaz de me defender perante esses ditadores das adjetivações alheias, pois não querem me dar direito à palavra, ao som, ao diálogo. Estou fora dos dois campos, já diria Agamben (2002).

Mas estou submetido a uma violência que me impede de exercer uma condição bifronte,

ambivalente e múltipla, em nome de uma uniformidade e de uma determinada paz, da qual me acusam de ser o principal inimigo.

Eu? Como assim?

De onde vem a ideia que me transformo somente em noite de lua cheia? Sim, claro, adoro e faço questão de ritualizá-la e cantar para ela, sem necessariamente dá-la um ar esotérico, transcendental ou místico. Pelo menos não o misticismo negativo dado pela cultura ocidental. Aliás, ahahah... Se eu fosse a violência pura que me acusam de ser, eu estaria cobrando propinas dos outros licantropos mais desavisados para dar significados proféticos fantasiosos sobre a condição lunar. O problema é que não há licantropos desavisados, como existem humanos, que pagam para serem dominados, enganados e roubados pelos profetas da verdade. Nós somos autônomos, e significamos a Lua como quisermos. Apenas nos recusamos a não cantar ou não dançar para ela quando ela se mostra imponente para nós.

Minha transformação é constante, diária, cotidiana. Há dias em que há maior intensidade, e a vibração parece tão potente que acredito que acabarei me perdendo de mim mesmo, e nunca mais recuperarei minha forma que achei que tivesse um dia. Aliás, conforme o tempo passa, pareço muito mais uma mistura de bode com lobo, do que propriamente um lobis-homem, já que a longa barba branca que cresce sob meu maxilar e a casca que se desenvolve em minhas patas devido às minhas constantes andanças me impõe essa aparência cada vez mais bizarra. Há dias em que pareço estagnado, e nem meus pelos parecem crescer ou se trocar. Se eu tivesse os córneos monstruosos das inúmeras representações que fazem de ti, a monstruosidade estaria perfeita. Lupis capra é nossa parceria infernal.

Só que há dias enfadonhos, tediosos, nos quais não consigo ser nem trans, nem formativo, pois cada vez mais me deixo enganar pela possibilidade de criar outros lobisomens, dentro de uma ordem instituída na qual não posso morder meus futuros licantropozinhos... Como que poderei trans-formá-los(las) sem a mordida, sem a dor, sem o pânico inicial causado pela mudança e pelo abandono do estado de conforto da socialização humana?

Caramba, Artaud e Deleuze, cada um ao seu modo, sugeriam o espanto e o susto (teatral, estético e filosófico) como as únicas formas capazes de propiciar a criação de pensamento e (contra)cultura, fazendo as pessoas saírem de sua letargia (e das verdades medonhas da unidade teísta), e aí me obrigam a transformar os humanos sem causar-lhes estragos e espantos?

Como você trans-forma sem impactar, sem dessubjetivar, sem desterritorializar, sem molestar as boas formas, a boa conduta, a fé pastoral e a utopia cristalizada do paraíso mórbido das frugalidades monoteístas? Tá, eu sei que há um processo mais longo, e que preciso estudar melhor as futuras “vítimas” trans-formáveis, as quais precisam aceitar ou não esta mudança. Também sei que só se mudam as coisas através dos pactos (os nossos, muito além do que Rousseau sugeriu), e que as pessoas precisam entregar suas almas às possibilidades de modificação.

Mas cara, a gente precisa agilizar, pois minha raiva está crescendo, e meus desejos de desconstrução estão rapidamente se tornando em sede destrutiva. Sangue pelo sangue, vingança pura e sem retorno. Ou seja, minha condição licantrópica está se esvaindo, e me torno cada vez mais “humano, demasiado humano” a cada dia que passa.

Não quero! Estou me sentindo cada vez mais morto em vida, e daqui a pouco a imagem falsa ao meu respeito - ou seja, do licantropo exclusivamente demente, descontrolado, pura desordem - pode ganhar corpo...

Além disso, estamos perdendo terreno, território, ambiente e espaços de luta. O número de lobisomens diminui cada vez mais, pois muitos estão sendo capturados e cooptados pela humanidade. Eles estão sendo facilmente dragáveis tanto pelo medo (sim, medo), quanto pela comodidade, quanto pelo abandono de nossos valores comuns e coletivos.

Não dá!

Principalmente agora que estamos a ponto de perder quase tudo.

E não me chame de dramático ou apocalíptico. Fui por muito tempo ponderado (mesmo sendo crítico) e a coisa só piora.

Vamos esperar a bomba atômica? Vamos ser derretidos aos poucos pela chuva ácida (eu ainda estimo meus pelos)? Cozidos, fritos, assados? Vamos permitir que nossas ecologias sociais e subjetivas sejam engolidas pelos fascismos contemporâneos, os quais utilizam a própria ecologia para destruí-la?

Que porcaria de ecologia é esse que esses indivíduos criaram? Essas porcarias de normas de boas condutas, até onde sei, são só boas condutas? Como tem coragem de falar que o ato fechar a torneira para escovar o dente pode ser considerado como prática ecológica? Aliás, as pérolas que soltam me doem a boca do estômago:

“Não gaste água no banho e na torneira! Você não tem direito de gastar a água privatizável dessa forma!”

“Recicle as latinhas! Mas não deixe de consumir esse tóxico e destruir seu organismo!”

“Não molhe a calçada! Morra de rinite, sinusite, bronquite, asma crônica e câncer de pulmão ao aspirar a poeira, mas não gaste a água do boi do agronegócio!”

“Salve a Amazônia! Mas nunca conteste seu carnivorismo necrófago, responsável direta pelo extermínio da floresta!”

“Não alimente os pombos! Eles trazem doença para nós! Nós não podemos morrer, eles sim!”

MATE-OS! MATE-OS! MATE-OS!

Depois nós que somos cruéis, malévolos, sombrios e obscuros...

Como se eu fosse capaz de exterminar setenta mil pessoas em um minuto com em Hiroshima, e mais em Nagasaki... Como se eu fosse o responsável pelo roubo, sequestro e extermínio de pessoas naquilo que chamaram de câmara de gás... E eu sei que você também não foi, pois não era seu nome que estava nos cinturões dos soldados nazistas, e muito menos foi você quem fez vista grossa para esses crimes.

Muito menos era a sua imagem que estava estampada no Kremlin durante os horrores dos arquipélagos gulags, as fomes nas planícies do extremo leste asiático, nas chacinas da Indochina.

A gente vai morrer. Você inclusive. Apesar de sua longa estadia em nossos corações, seu poder de contestar, dividir e desobedecer pode estar muito, mas muito próximo do fim. Há um cerco se fechando de modo muito brutal, e talvez o momento em que literalmente irão arrancar nossos pelos (meus pelos, ah meus pelos!) pode estar se aproximando. Nossa

desobediência e indisciplina às ecologias oficialistas e policialescas irão nos custar caro, se não agirmos rápido... Você não quer mais um exílio forçado, quer?

O problema meu caro é que, diferente do outro, nesse provavelmente você não seja lembrado, pois talvez ninguém seja lembrado. Antes, você ainda exercia influência (como ainda exerce) sob os malditos projetos homogeneizantes e fascistas dos contingenciamentos em nome do pseudo nazareno, assombrando os desejos uniformes dos reacionários. Tudo bem que nem eles são capazes de manter o projeto, devido às mesquinhasias tão comuns entre os mais ambiciosos. Mas o problema é que eles insistentemente estão a nos incomodar em nossos propósitos, e muitas vezes, estão promovendo grandes barbáries.

Aliás, muitas vezes não... sempre!

A histeria e o caos que estão sendo implantados, cada vez mais, em nome da ordem e do progresso (quem iria imaginar que justamente o conde Drácula nos trairia desse jeito... ahahaha), e rumo à uma pseudo utopia liberal - não libertária, como desejamos - estão nos levando cada vez mais à possibilidade de extinção.

E para defender seu projeto, há muito acusam nossa dissidência de simulacro, mentira, baderna, anarquia, indisciplina, desordem. Tudo bem que assumimos, e com gosto, alguns destes aspectos e nomes. Particularmente a anarquia e a indisciplina nos fazem muito gosto. Se nos jogam em uma condição marginal e menor, não temos que assumir mais nenhum compromisso ético ou político com os planos arbitrários produzidos pela fantasia dos Estados nacionais.

Aliás, o que é a ética para esses Estados

senão uma moral impositiva de condutas, e a política, um exercício policial de imposição de normalidades?

Por falar em anarquia, não é possível deixar de citar o que Bakunin dizia ao seu respeito (ele te conhecia pessoalmente?... parecia próximo), quando sugeria o ato rebelde e revolucionário como uma ação de quem tem o diabo no corpo. É uma falha fundamental, mesmo nas palavras do grande anarquista, nessa metáfora de tomar o corpo e o espírito. Será que essas pessoas ainda não aprenderam que a lição é elas justamente fazerem ao contrário, ou seja, impedir que algo lhe tome posse? Talvez Proudhon tivesse lhe entendido melhor, sob a recusa do poder do outro...

E é um jogo interessante, pois quanto mais as pessoas acreditam que estão livres de você, mais elas têm suas vidas tomadas pelos profetas, e não conseguem mais sair do maldito eixo obediência-moralidade-normatividade. Se for sob mim, licantropo, na qual se impõe a maldição, não é por que me tornei pior, mas é por que me tornei execrável por não me submeter a esses ditames escabrosos.

E com se não bastasse, a acusação é que somos incapazes de nos organizarmos ou construirmos sociedades, culturas, economias e políticas melhores, pois somos amplamente caóticos e indisciplinados.

Se for para ser disciplinado e nunca mais conseguir possuir e governar a mim mesmo, devido a uma série de robotizações nos meus mais estritos movimentos ter sido imposta nas instituições das loucuras, prefiro continuar escrevendo sentado na terra embaixo da mangueira, sentindo o cheiro do mato molhado, do que em uma escrivaninha mofada de sentimentos ressentidos em um quarto fechado

de manicômios militares.

Além de nos fazer intensamente mais livres em relação aos crentes na ordem e medrosos da vida, nossa anarquia indisciplinada nos permite pensar em modos de vida, subsistência e convívio sem cairmos na sandice da competitividade, predação e extremada hierarquização do corpo, da vida e dos sentimentos.

De certo modo, apesar da condição maldita (para nós, lembrando, é positiva e potencialmente criativa) que nos é imposta em nosso constantes estado trans, nós somos herdeiros de uma postura que desde os cínicos e os cirenaicos (e de uma certa forma, os estoicos, apesar do desacordo entre Deleuze e Onfray [2]) se coloca perante o mundo como dissonante, divergente, dissenso. Não queremos, de nenhum modo, ser incluídos em nada... Somos excluídos, ao mesmo tempo por imposição e por escolha. Sempre n-1.

Aliás, quem melhor que Diógenes (o de Sínope) para esclarecer nossa condição canina... Viver como o cão, lutar como o cão, agradecer, como o cão...

Ora, assim como nós, condição metamorfoseada de cachorros selvagens, você, Lúcifer, por excelência, é o Cão...

Sim, novamente, os velhos nomes...

É por isso que insistimos tanto em nossa condição licantrópica, e associamos a nós, mesmo que de modo não totalizante e totalitário (senão não seríamos polimorfos, mas monocromáticos e uniformes, como querem as milhares de classificações feitas sobre grupos e movimentos tão disformes e múltiplos), as magníficas ações e sugestões de pensar dos próprios cínicos, dos anarquistas, dos utópicos, dos heterotópicos, da contracultura sessentista, dos zapatistas,

dos black blocks, das utopias piratas da Idade Média, dos provos holandeses, das dezenas de assaltos à cultura sugeridos por Stewart Home (1999), dos bangers (os que não caíram para o fascismo, claro), dos punks (menos os de boutique), dos ecologistas.

Repito, não é possível generalizarmos tanta gente como licantrópica. Até por que é impossível tanta gente lobisomem ao mesmo tempo. Nossas noites de lua cheia são distintas, e só precisamos nos transformar quando somos afetados. Muitas vezes, essas luas cheias duram um dia... Às vezes, uma vida inteira. A questão é que assim como a lua provoca - nas lendas clássicas ao nosso respeito - um fervor na pele no qual precisamos nos despir inteiramente nesse processo (ahahah, uma boa história a nosso respeito está na película “Um lobisomem americano em Londres”. Clássico!), tentando aliviar o que não é possível se atenuar, mas mostrando todo o horror que nos é causado. E, principalmente, o quanto somos capazes de nos tornar tenebrosos, quando pensamos que estamos aturdidos e terminais.

Jamais seremos terminais. Não estamos submissos à tão frágeis teleologias. Sempre estaremos na condição transicional, transformativa... Intermezzo.

Mas a questão é que ninguém melhor que o italiano Agamben (2002) tenha nos caracterizado, e que nós sejamos justamente aquilo que ele vai chamar de homo sacer, ou seja, o meio caminho entre o bios e o zoe, nem besta fera, nem o cidadão político da pólis. Aliás, e como poderia sugerir Rancière, cidadão político uma vírgula, já que todo consenso sobre a polis não é mais do que uma ação policial e policialesca que busca controlar os indivíduos sob um grande pacto normativo.

Nós somos os agentes políticos. Nós somos os agentes do dissenso. Nós não nos submetemos aos ditames fascistas das sociedades de controle contemporâneas. Quando abrimos a boca e grunhimos, ladramos e gritamos, temos um discurso entre nós, licantropos, satânicos, menores, marginais, periféricos, anárquicos e minoritariamente ecológicos, que é comum. Só não é comum a todas as pessoas, pois a grande maioria delas já está tão anestesiada e zumbificada por suas práticas policiais, que elas não são capazes de entender. Por isso o que falamos é ruído, barulho, chiado...

Se não querem entender, não é por nossa culpa. Nós estamos abertos à transformação, a hibridação (fértil, claro) e à mistura, e estamos propostos a intensificar esse processo. O problema é que o estado morto-vivo em que a maioria das pessoas submetidas à morfina consumista está buscando nos matar. E isso, caro diabo, não podemos deixar acontecer. E se o máximo que pudermos fazer for ruído, o faremos.

Ruído que fizeram Venom, Mercyful Fate, Hellhammer, Slayer, Satan, e até o Iron Maiden e o Black Sabbath (antes, claro, de terem se curvado ao mainstream, aos pedidos de desculpas por terem falado de ti, e de tentar desvencilhar-se de sua imagem... “coisa de jovens”), lá pelo comecinho dos anos 80. Tanto que a senhora Tipper Gore, esposa do “ecologista” vice-presidente, armou uma cruzada cristã contra os satanistas. O melhor de tudo era ver o Dee Snider, do Twisted Sister, com os seus quase dois metros de altura e longos cabelos loiros encaracolados, desafiando as boas senhoras e senhores defensores da família tradicional americana, nos tribunais estadunidenses...

Não, não é coisa só daqui...

Mas, mesmo entre aqueles que lhe negam hoje, ou mesmo as possibilidades de rebeldia, revolução, *Eternal Devastation* (como sugeria o álbum dos alemães do *Destruction*), é necessário fazermos jus à valentia daquelas pessoas. Deram a cara a bater. Expuseram sua imagem como o inimigo daquela sociedade putrefada pseudo organizada e feliz.

Assim como nos expuseram. De modo diferente que nos haviam exposto o cinema e as HQ's, eles nos expuseram e nos postaram nas capas dos álbuns e das camisas da galera das trevas - metaleiros ao senso comum, headbangers para nós - como os ícones das sociedades normatizadas, da tradição cristã, do american way of life, da família nuclear, das instituições disciplinares, das sociedades de controle.

A ordem era evocar o apocalipse, a desgraça, o caos. Era acabar com a hipocrisia na qual uma determinada sociedade neoliberal e consumista poderia dar conta das agruras do mundo, quando, na verdade, era responsável pelo desastre humanitário instalado sobre as regiões mais pobres do planeta.

Não eram os bangers - assim como o punks, dos quais irei falar já, já - os responsáveis pelo caos. Não eram eles quem haviam que estavam causando o fim dos tempos, a loucura, o barulho, o ruído, o inferno sobre a terra. Sua (anti) música, ou música extrema, como contra/sub/anti cultura, estava somente reproduzindo, em acordes, em letras, em capas, em movimento cultural e político, e em um processo de ensino-aprendizagem muito específico, aquilo que as sociedades contemporâneas produziam em seu dia a dia.

Não reclame das imagens que são usadas para lhe representar. Se eu posso aguentar a imagem de um peludo bípede, o qual, apesar de

imponente, ainda causa constrangimento, você pode aguentar os desenhos que mesclam o bode e o morcego... Ainda bem que abandonaram a cobra.

Muitas destas imagens, particularmente, me encantam bastante. Lembro-me de discos como *Don't Break the Oath*, do *Mercyful Fate*, das capas infernais dos três primeiros discos do *Slayer* - *Show no Mercy*, *Hell Awaits* e *Reign in Blood* - assim como dos álbuns *Pleasure to Kill* e *Terrible Certainty* do *Kreator*, e a reprodução da pintura de Jean Delville, *Les Trésors de Satan*, na capa do álbum *Blessed are the Sick*, do *Morbid Angel*.

Aliás, que maravilha de álbum:

Forgive me not.

This knowledge makes me strong.

To resurrect the cities of the damned.

All the treasure of Sodom.

Now belong to me - celebrate.

Fallen angels take my hand. [3]

A partir dos anos 80, não era uma ação isolada de excêntricos - como Aleister Crowley ou Anton La Vey - que queriam ganhar seguidores, leitores e/ou ouvintes com a sua imagem. Foi todo um movimento que transformou a imagem que o cristianismo deu a ti em um estandarte de luta. Muito mais que uma posição de liderança contrária às imposições familiares, religiosas, laborais e consumistas. Ao estamparem os diabos da capa do *Morbid Visions* do *Sepultura* em suas camisas, a galera do metal não estava querendo dizer que te louvava, mas estava assumindo uma dissidência. Individual e coletiva.

Isso foi magnífico cara...

Particularmente, o rompimento foi tão estrondoso, e talvez até maior do que aquele que os hippies, os pacifistas e os ecologistas dos anos 60, pois se estes pregavam uma perspectiva de futuro sugerindo mudanças nas atitudes dos indivíduos, os bangers e os punks falavam unicamente:

“Acabou, agora é esperar o fim, pois a humanidade é estúpida demais. Eu não compartilho com isso, e não vou repetir suas ações estúpidas. Mas como vocês são maioria, eu quero ver suas chamuscantes mortes e extermínio de camarote! Só torço para o capeta realmente existir pois, se nos encontrarmos no inferno, eu quero ser o assecla das trevas e o responsável por seu castigo eterno!”

Lembro-me da proposta antiga, mas muito pertinente, da classificação de Marcos Reigota (1999), em um texto ainda dos anos 90, quando ele sugeria a distinção dos ecologistas entre radicais e catastróficos. Ao anunciar o fim do mundo, esses grupos sempre fizeram questão de estampar a proximidade da morte, do extermínio, do final das coisas. No entanto, é impossível se manter ou catastrofista ou radical. A condição é nômade e fluída, e sempre pairamos sob as duas posições.

Se não houvesse o posicionamento, a criação de radicalidades (anti-musicais), a produção de sentidos não “assimilacionistas” e/ou “normativistas”, o constante aviso (e pedagogias, por que não) sob as ameaças que nos rondam, os alertas sobre os responsáveis pelo holocausto (sempre o capital e o Estado, além dos microfascismos), talvez esses conjuntos pudessem ser acusados de catastrofistas passivos, coniventes com a barbárie.

Mas não!!! Há a ação, há o combate...

Por isso gosto tanto das bandas anarquistas. Por isso sou constantemente chamado de punk cabeludo. Especialmente os conjuntos grindcore. Eles urram. Fazem um barulho dos infernos (literalmente, ahahah), vociferam contra os machismos, os racismos, as misoginias, homofobias, xenofobias, fascismos, nazismos. Desde os anos 80, bandas como o Napalm Death (quer melhor grito que “On the brink of extinction”), Carcass e seu splattergore vegetariano, como sugere Mudrian (2016) e Agathocles (no underground extremo, gravando centenas de pequenos álbuns em apoio às causas animal, ambiental, social, junto com outros conjuntos), estão berrando contra o holocausto nuclear, climático e barbárico contra os animais (BARCHI, 2016).

São ecologias outras, extremas, ruidosas, infernais, licantrópicas, que se recusam a se submeter ao jugo do bom mocismo de pseudo ambientalismo contemporâneo, desejosos por uma junção harmoniosa entre as preocupações verdes e o capitalismo, que não entendem a disparidade descomunal existente entre essas duas perspectivas. Não são capazes de compreender o quanto a ampliação irrestrita do capitalismo, mesmo com suas maquiagens verdes, é a responsável pela aniquilação das possibilidades de vida no planeta.

No entanto, apesar do tom alarmista presente em minha fala nesta carta, e também nos discursos catastróficos das bandas metal e das bandas core, é preciso esclarecer que as possibilidades de combate à barbárie contra nossas condições de vida não podem, de modo algum, se confundirem com um messianismo pastoral salvador de almas. Sabemos bem o quanto essa noção é semelhante às perspectivas maniqueístas que combatemos, e o quanto estas

verdades proféticas são nocivas por sua força coercitiva e esmagadora das diferenças.

Talvez nos acusem de combater o horror com o horror, em uma analogia muito semelhante àquela proposta por grupos terroristas menores, que combatem o terrorismo de Estado com as mesmas armas e estratégias violentas e barbáricas. É uma outra difamação, já que o único horror que talvez causemos é justamente de ser o espelho invertido das sociedades contemporâneas, que não assumem o fato no qual todos os humanos são mestiços: em sua estrutura física, em sua cultura, em sua língua, em suas práticas cotidianas. O que foi, aos poucos, sendo destruído pela implantação dos sonhos/pesadelos homogeneizantes fascistoídes e policialescos dos projetos ufanistas liberais.

Nosso terror é mais do gato vingativo das histórias de Edgar Allan Poe, que aterroriza o fascista, o assassino, o cruel, levando-o à demência e ao arrependimento forçado sob o susto das vozes na parede, do que o terrorismo de grupos ligados às minorias étnicas e culturais em Oriente Médio, Europa e no continente latino-americano dos anos 80. É o terror do Caapora, que impede maiores atrocidades aos animais da floresta, mesmo que para isso alguns traumas precisem ser promovidos.

Terror e horror os quais, ao nosso modo, são capazes de produzir processos formativos e transformativos a partir das poderosas pedagogias do Inferno (CORAZZA, 2002), que não se ajoelham, não se rendem, dividem, rebatem, contestam, trazem o caos à “Verdade”. Que sejamos todos simulacros

São estabelecidas farsas unificadoras em sociedades amplamente múltiplas, disformes (no sentido positivo), diversas e heterogêneas. E essa grave imposição, ao destruir as diferenças,

também destrói as diferentes ecologias de cada uma dessas multiplicidades, ocasionando os equívocos que, cada vez mais, tentam resolver problemáticas tão graves quanto da péssima condição climática das cidades, dos campos, da vida cotidiana, com uma mera adequação das questões ambientais ao capitalismo contemporâneo, cujo nome se convencionou como desenvolvimento sustentável. O qual, longe de resolver e/ou discutir as questões que levaram à nossa desastrosa situação ambiental, parece somente amenizar os impactos da tragédia, diminuindo o desconforto apocalíptico.

Enfim... Acredito que tenha prolongado demais a minha carta. É que eram tantas coisas pra escrever, tanto tempo sem notícias minhas a você, que quis contar tudo de uma vez só, e abrir-me sobre as inquietações sobre esse mundo, mais caótico, violento, tórrido. Não que não fosse tudo isso antes, e anos anteriores tivessem sido melhores. Mas a minha maior angústia é parecer que as novas gerações não aprenderam com a história, com a filosofia, com a geopolítica/geografia, e muito menos do beabá político. O avanço das direitas nos dá a impressão que estamos próximos do macarthismo dos anos 50, e da histeria militarizada brazuca dos anos 60.

O Iron Maiden, há trinta e cinco anos, nos avisava sobre o relógio do apocalipse. Será que estamos novamente a dois minutos da meia noite? Voltamos no tempo, senão cronologicamente, mas ecologicamente?

Aguardo seu retorno, meu caro Lúcifer. Gosto desse nome, pois me traz boas recordações dos momentos de clareamento da mente, apesar das trevas, perante os outros, serem uma imagem muito mais latente, e não darem o devido crédito aquilo ao que realmente parece.

Com amor, cumplicidade e parceria!

Viva as trevas! Só delas nasce a luz!

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de

Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

ARTAUD, Antonin. O Teatro e seu Duplo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARCHI, Rodrigo. Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa). Campinas: Unicamp, 2016. Tese de Doutorado em Educação.

CORAZZA, Sandra Mara. Para uma pedagogia do inferno na Educação: Nietzsche,

Deleuze e outros malditos afins. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DELEUZE, Gilles. Lógica do Sentido. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006a.

\_\_\_\_\_. Diferença e repetição. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Trad. Raquel Ramallete. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOME, Stewart. Assalto à Cultura: utopia, subversão, guerrilha na (anti)arte do século XX. São Paulo: Conrad, 1999.

MUDRIAN, Albert. Eligiendo Muerte: la improbable historia del Death Metal y Grindcore.

Trad. Carlos San Román C. NY: Bazillion Points, 2009.

ONFRAY, Michel. Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas, 1. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PRIGOGINE Ilya; STENGERS, Isabelle. A nova aliança: metamorfose da ciência. Trad. Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trincadeira. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

REIGOTA, Marcos. A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 1999.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKI, Déborah. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

*Recebido em: 04/01/2017*

*Aceito em: 13/03/2017*

---

[2] Enquanto Deleuze (2006) sugeria que a potencial inversão/perversão da filosofia estava presente na filosofia dos filósofos cínicos e dos estoicos, Onfray (2008) ataca o perfil conservadores dos últimos, enaltecendo a ética e o filosofar com o corpo de Epicuro.

[3] Trecho de Fall From Grace, do disco Blessed Are The Sick, lançado em 1991.

# Andanças des(fo)cadas, (re)colorindo espaços e tempos outros

---

Lucas da Silva Santos [1]

---

**Resumo:** Em meio à proposta do dossiê “Cartas e cataclismas”, e por meio de cartas postais - criadas numa perspectiva de educação ambiental - desfocadas, no chão, iluminadas, sem destino, busca-se, através de fotografias em preto e branco, (re)colorir passos e relações político-socioambientais nos espaços que são vivenciados a partir do que uma política maior imprime.

**Palavras-chave:** Fotografia. Educação ambiental. Filosofia da diferença.

## Blurred and evanescent landscapes, recoloring spaces and other times

**Abstract:** Considering the proposal of this ClimaCom’s dossier and by means of postal letters - created from an environmental education perspective - unfocused, on the ground, with no destination, it is sought, through photographs, (re) coloring the steps and the political-socio- environmental relations in spaces that are experienced from what a larger politics prints.

**Keywords:** Image. Education. Philosophy.

[1] Graduando em Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

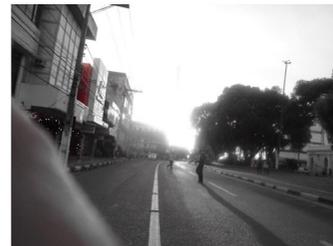
Em meio à proposta deste dossiê em “cartas cataclismas”, e por meio desses cartões-postais que aqui se apresentaram, desfocados, no chão, iluminados, sem destino, pretendemos a partícula des... Buscar, através de fotografias em preto e branco, (re)colorir passos e relações político-sócio-ambientais com espaços que são vivenciados a partir do que uma política maior imprime, no sentido deleuziano desse conceito. O movimento proposto nesse diálogo, de re-colorir, juntamente com as fotografias desfocadas, tem o intuito de tentar não acompanhar os clichês fotográficos do que se conhece sobre a cidade. Então, esses

passos construídos vão sendo (des)focalizados para outras visualidades, de uma cidade (des) percebida no dia-a-dia.

Exposto a tantos postais e na perspectiva do des para causar o enquadramento, as propostas aqui apresentadas para ser cartões-postais são produções dos alunos[2] do 7º ano do Colégio Estadual Professor Maria José de Lima Silveira, situado no bairro do São José, distrito de Maria Quitéria, Feira de Santana, Bahia. Junto aos alunos, inicialmente, para incentivar o movimento criativo, ocorreu uma breve apresentação do projeto com uma sequência de



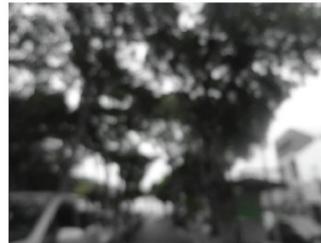
Em meio à proposta “cartas cataclismas”, e por meio dessas cartas postais, desfocadas, no chão, iluminadas, sem destino. Busca-se através de fotografias em preto e branco, (re)colorir passos e relações político-sócio-ambientais com espaços que são vivenciados a partir do que uma política maior imprime, resultando em postais criados numa perspectiva de educação ambiental.



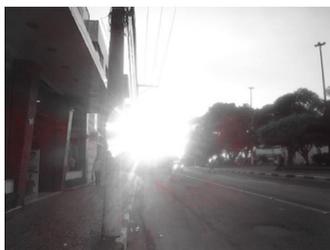
Po  
Dem  
Um bom Ter  
(Sem)  
Ti-do



An  
Dáv  
ças ...



Descentralizando  
O  
Centro  
é...



Des  
Fo  
Ca  
Das...

Focalizando  
O  
(Des)centralizado de Feira.



fotografias feitas por mim, ordenadas segundo a data. Fotografias que foram registradas em dois pontos do canteiro central da Avenida Getúlio Vargas, que, atualmente, está passando por um processo de modificação para a implantação do BRT[3], no cruzamento com a Rua Castro Alves, no centro de Feira de Santana/BA. As fotografias foram tiradas sempre do mesmo ponto e registradas duas sequências, totalizando trinta imagens: quinze no mesmo local, ponto 1, com o enquadramento sendo o prédio da Prefeitura, enquanto as outras quinze foram obtidas do outro lado do cruzamento, ponto 2, sentido contrário à Prefeitura [4].

Cada uma das fotografias dos grupos que são apresentadas nesse texto, expõe uma forma de analisar o que eles entendem de enquadramento. Pode-se ver fotografias em modo “retrato” ou “paisagem”, movimento talvez provocado pela ânsia da experimentação, é possível notar também a fuga do enquadramento, a presença de alguns objetos, pessoas, a utilização de um programa de edição (Bestime) pelo grupo 4 e, por fim, uma fotografia (des)focada (grupo 3), que vem para expressar a fuga de padrões e para “brincar” com a câmera.

Seguindo com o movimento criativo nota-se, com as fotografias produzidas pelos alunos, um pensar livre, que acaba provocando o movimento des, enquadrando os olhares, as câmeras, fugindo literalmente das regras pré-estabelecidas. Proposta baseada no filme Cortina de Fumaça[5], onde um dos principais personagens mantém uma câmera no mesmo lugar, tirando fotografias do mesmo ponto todos os dias, podendo-se perceber mudanças temporais (chuva, sol, nublado), passos (pessoas a andarilhar pelas ruas) e variações de dia (domingo, segunda...).

Proponho nesse texto dialogar com Hur

(2012), que discute sobre uma temporalidade linear (objetiva) e segmentar, que trata particularmente de lembrar acontecimentos ou marcar algo para uma data/tempo futuro. Num senso cotidiano, de nossas percepções, o tempo linear estaria basicamente dividido em passado, presente e futuro, que estão entrelaçados, um em função do outro. Para afirmar, Hur (2012, p. 180) menciona que “[...] É a forma comum de pensar o tempo e que é transmitida na escola e na sociedade, é o tempo sob a égide de Cronos, o titã que devora seus filhos, o tempo contido exteriormente e que marca corpo, rotinas e hábitos das pessoas”.

Contrariando essa ideia de tempo objetivo, nos propusemos a dialogar com a ideia deleuziana, que traz o conceito de duração a partir de Bergson. Apostamos que, para essa pesquisa, tenha muita importância abordar sobre qual a concepção de tempo que se aproximaria de um período mais intensivo, que é aquele que pode ser presenciado/vivido, o tempo das emoções, das intensidades, devires, tempo que estaria desgrudado do cronologicamente correto, o tempo linear. Deleuze (1999) compreende esse tempo como pulos, acelerações, rupturas e diminuições de velocidade.

Essa duração, a partir da concepção deleuziana, é perceptível nas fotografias a partir do momento em que, de alguma forma, temos estados instantâneos de espaço guardados, com isso as fotografias produzidas são dadas junto ao movimento de justapor a um espaço que Deleuze (1999) define como “auxiliar”. Assim, é necessário que esse tempo seja dividido em partes, para que se torne um “tempo homogêneo, um tal misto”, que deve ser dividido em duas direções, onde uma é a duração, que se apresenta como o lado bom do “misto”, ao passo que o outro lado como um

erro, a impureza, que distorce o significado do que seja espaço.

Espaço “auxiliar” que permitiu andarilhar pelas/nas fotografias aqui apresentadas, o mesmo espaço incitou a ideia que permeia essa análise, que está pautada em apresentar os estados instantâneos, ou seja, as fotografias dos alunos, na condição de enunciar uma nova expressão, indo contra os clichês fotográficos e, principalmente, sobre os cartões-postais estabelecidos, ou que só remetem ao centro da cidade. Assim a “impureza” vem no intuito de distorcer o que seria o espaço politicamente correto.



Relacionando esses pontos com a proposta de tornar a praça do São José um novo cartão-postal, percebe-se uma mudança nos enquadramentos, que são instantaneamente o lado bom do misto. Novos enquadramentos com percepções, passos curtos, tempos (im) perceptíveis. Mudaram-se as possibilidades de entender que desenquadrar também pode ser um enquadramento. Enquadramento como uma nova reprodução da praça do São José, no sentido de (re)significação, a partir do momento em que a praça é fotografada pelas pessoas que vivenciam o espaço.

As fotografias a seguir, são as “experimentações

criativas” e também fazem parte do trabalho realizado pelos alunos na praça do bairro. A turma foi dividida em quatro grupos, com o intuito de que todos participassem na realização das fotografias, seleção dos espaços a serem fotografados, bem como para ter outros olhares/percepções sobre o local.

Que tempo se relaciona a essas imagens? Quais memórias atra-VERSAM esses novos cartões-postais? Nessa perspectiva, um dos objetivos desta pesquisa é discutir a cidade e as imagens, mais especificamente o diálogo sobre a exclusão dos espaços marginalizados e o porquê do protagonismo apenas do centro da cidade no programa Google Earth [6], e as fotografias tem o propósito de fazer com que a praça do São José se torne um novo cartão-postal de Feira de Santana.

### Experimentações criativas

A fotografia foi registrada, registro a permitir poetizar os olhares para experimentar (des) enquadrá-los. Na proposta do convite des, para compor o enquadramento, expressões da cidade em experimentação através das imagens, saindo da representação, potencializando a pluralidade do diálogo, conectado com a perspectiva de educação ambiental e fotografia em uma tensão que, nesses postais, os olhares adentram em territórios desconhecidos, propiciando aos alunos uma atuação (re)criativa a partir do momento em que experimentam realizar as fotografias e mostrar uma outra Praça do São José.

Com essa atuação (re)criativa, vale ressaltar que a fotografia acaba provocando encontros onde o que predomina são os olhares, a observação feita sobre o ambiente. Com isso é

possível gerar a “brincadeira” com a câmera, a fotografia em modo “paisagem” ou no modo “retrato” (fotografia do grupo 1), mas que enquadramento é esse? Uma possível resposta seria um debate acerca das possibilidades de expressão e criação que a fotografia pode proporcionar aos alunos, ou seja, (re)criação de um tempo vivido, presenciado por eles, protagonistas na Praça do São José.



Ainda no movimento de desenquadrar e com o intuito de possibilitar uma liberdade para outras Feiras, o desconhecido/esquecido, que não remete apenas ao centro ou a determinado monumento/cartão-postal/clichê, mas aqui, acolá, nas praças periféricas, que na maioria dos casos são despercebidas, estas que irão (re)compor os novos cartões-postais, que nos “convidam para um gesto de criação movido pela potência efêmera das palavras e das imagens da contemporaneidade” (WUNDER; ROMAGUERA, 2014, p. 44). Imagens repetidas, no mesmo local e hora, será que a praça modifica-se ao longo do tempo?

Respondendo à pergunta anterior e relacionando-a com o “gesto de criação” dos alunos, percebe-se que, com as fotografias, a praça se movimenta a todo instante: as nuvens que andam, as sombras, o dia nublado, a presença de algumas pessoas andando na praça,

dos estudantes conversando com a professora. Esses gestos presentes nas fotografias propiciam o “gesto de criação” juntamente com o ato de vivenciar o ambiente, na perspectiva do tempo de Aion.

Esse tempo de Aion se faz presente nas fotografias, gerando uma potência das/nas imagens, possibilitando que os alunos possam andarilhar no espaço criativo, como uma fuga dos clichês fotográficos, dos mesmos enquadramentos, e a lente da câmera, assim como o olhar do fotógrafo, apresenta-se como uma magia, e esta “magia da lente está na sua capacidade de suspender o instante, de mostrar aquilo que está submerso e que necessita ser revelado socialmente” (WUNDER, 2009, p.4): uma nova Praça do São José que, com as fotografias, focaliza o descentralizado de Feira de Santana, com novos olhares, novas percepções.

Acompanhando essa postura, Wunder (2009) traz elementos significativos que tomo como ponto de partida para discutir a pesquisa no campo educacional, afirmando que a fotografia pode ser pensada e observada de várias formas e, no espaço escolar, não poderia ser diferente, vindo como “narrativas de histórias, afirmação de identidades e como uma forma de apresentar/expressar as representações sociais” (p. 3), porém a autora, assim como essa pesquisa, tem como principal objetivo/aposta, tratar sobre o ato de criação, que está estritamente relacionado com o tempo vivido.

Dessa forma, as fotografias aqui apresentadas podem ser pensadas como uma forma de apresentar o mundo sob os pensamentos e sensações de cada pessoa em seu mundo sócio-cultural, trazendo uma ideia de novas expressões ou até mesmo a inserção de novas discussões ambientais, políticas e principalmente sociais,

que nesse projeto é a questão dos espaços marginalizados de Feira de Santana.



Ao deparar-se com as fotografias do grupo três, vale conversar com o trabalho desenvolvido por Guimarães e Preve (2002) que apresenta um potencial para discutirmos educação ambiental atrelada às relações entre imagem, educação e ambiente, permitindo-nos “andar” entre, sobre e com as imagens. Uma das propostas dos autores é a questão da colonização da imagem e o diálogo com elas, que, atrelada às fotografias dos alunos, provoca o olhar sobre uma Praça do São José que permanece desconhecida, “invisível”, um lado da praça que tem potencial para compor/ser um cartão-postal da cidade.

Deslocamento é o que pode ser mencionado sobre as fotografias, deslocamento que andarilha sobre o desconhecido da Feira de Santana, que vem para enfraquecer os cartões-postais clichês a partir de um movimento, um pensar em educação ambiental que influencie no des para provocar o enquadramento, uma nova visão sobre a cidade e principalmente no que diz respeito às relações socioambientais.

Com isso apostamos em outras formas de pensar o ambiente, bem como em nossas relações socioambientais, que sofrem influência

principalmente dos clichês e das representações de determinado local que, neste caso, é a cidade de Feira de Santana. Partindo desse pressuposto, Guimarães e Preve (2002) trazem algumas perguntas, dentre as quais: “como seria possível uma mesma imagem incitar modos distintos de ver?” Uma possível resposta para esse questionamento seria que podemos pensar, como resultado dessa pesquisa, em práticas pedagógicas que incitem outros pensares, fugir do que seja apenas perceptível aos olhos ou sensações, uma educação ambiental que vise outros significados sobre o mundo, sobre as vivências.

Continuando com os autores quando afirmam que “talvez nossas práticas pedagógicas necessitem exercitar deslocamentos não apenas na imagem, mas nos nossos focos” (GUIMARÃES; PREVE, 2002). Dessa forma, pode-se observar as fotografias do grupo três e as dos demais grupos como um terreno que pode ser semeado, e as práticas pedagógicas se apresentam como um caminho que possibilita andarilhar por percursos marcados pelos clichês, na tentativa de remodelar esses lugares “esquecidos”, possibilitando a (re)criação de novos ambientes, novas trilhas que podem ser percorridas pelos alunos. Despercorrer...



Despercorrendo sobre o conceito de natureza que semeamos, é válido investigar o trabalho feito por Pereira e Favero (2014), onde as autoras traçam um sentimento advindo das artes sobre a natureza e como este está presente na humanidade desde os primórdios, passando pela industrialização, tendo como consequência sua devastação. Posteriormente, acontece o que as autoras consideram uma “estetização do olhar” e o pensamento conservacionista, movimentos que influenciaram na relação entre artistas-natureza-arte-sociedade, visto que este olhar/pensamento tem relação direta com uma construção de relações com o ambiente.

Os artistas (alunos) com as fotografias e com seu ato criativo atra-VERSAM os clichês e o centro da cidade com novos cartões-postais, Praça do São José em Feira de Santana. O movimento des possibilitou o ir de encontro com as fotografias e o movimento de expressão que elas proporcionaram aos alunos, atuantes e (re)criativos.

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles, 1925-1995. *Bergsonismo* / Gilles Deleuze; tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução Rafael Godinho. Ed. 0789, 2003.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso; PREVE, Ana Maria Hoepers. *Fotografias de deslocamentos no ambiente: fugas em uma prática educativa*, IX ANPED SUL, 2012.
- HUR, Domenico Uhng (2013). *Memória e tempo em Deleuze: multiplicidade e produção*. Athenea Digital, 13(2): 179-190.
- PEREIRA, Juliana Cristina; FAVERO, Franciele. *A experiência na paisagem: a vivência estética, o sublime e o menor*, Textura Canoas n.30 p.107-123 jan./abr. 2014.
- WUNDER, Alik; ROMAGUERA, A. *Experimentações coletivas por entre poesias, fotografias e ventos-áfricas*. *Informática na Educação (Online)*, v. 17, p. 31-45, 2014.
- WUNDER, Alik. *Uma Educação Visual por entre Literatura, Fotografia e Filosofia*. *Políticas Educativas*, v. 3, p. 65-78, 2009.

*Recebido em: 15/12/2016*

*Aceito em: 13/03/2017*

[2] Foram realizados três encontros com a turma, com o apoio da professora. Os encontros aconteceram nos dias 9 e 15 de agosto, quando nos dedicamos, respectivamente, à exibição do filme *Cortina de Fumaça* e do Google Earth. Dia 23 de agosto explicamos o trabalho com as fotografias e iniciamos a produção das primeiras fotografias.

[3] BRT - Bus Rapid Transit é um sistema de transporte de ônibus que proporciona mobilidade urbana rápida, confortável e com custo eficiente, através da provisão de infraestrutura segregada com prioridade de passagem, operação rápida e frequente e excelência em marketing e serviço ao usuário. Disponível em < [http://www.feiradesantana.ba.gov.br/seplan/arq/Projeto\\_Sistema\\_BRT.pdf](http://www.feiradesantana.ba.gov.br/seplan/arq/Projeto_Sistema_BRT.pdf) > Acesso em 28 de Março de 2016.

[4] Projeto de pesquisa “Novos ventos, cartões-postais Feiras de Santana”. UEFS, Edital PIBIC-AF/CNPq - Nº 002/2016.

[5] *Comédia dramática* dirigida por Wayne Wang, 1995. O filme se passa no Brooklin, Nova York, verão de 1990 e tem como personagens principais Auggie (Harvey Keitel) e Paul (William Hurt), pessoas diferentes que são ligadas pelo hábito peculiar de Auggie: registrar uma fotografia no mesmo lugar e hora, defronte a sua tabacaria, mantendo o mesmo enquadramento.

[6] Aplicativo de mapas gerido pelo Google apresenta-se em três dimensões, permitindo que o usuário possa ter

uma percepção virtual sobre qualquer lugar do planeta a partir do modo Street View - andar por ruas, com imagens capturadas por satélites. Fonte: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/google-earth.html>>. Acesso em 10 de Março de 2017.

---

# Sociedade natureza na roda do clima: a ginga da sustentabilidade e seus jogos

---

Marcelo Faria [1], Marco Tomasoni [2]

---

**Resumo:** No jogo de capoeira, o toque do berimbau sugere um ritmo e um rito; os corpos, postos em movimento, interagem em sincronia, golpe e esquiva. O jogo depende da composição e arranjo de seus elementos, um desvio, um único movimento em falso e tudo pode se perder em confusão e violência. Assim é na relação entre os indivíduos e grupos que habitam o planeta, um jogo delicado, sempre sujeito à desestruturação. Na contemporaneidade, a ação dos agentes econômicos, centrada principalmente no crescimento ilimitado da produção e do consumo, tem colocado em risco o frágil processo de equilíbrio que mantém o ambiente como uma possibilidade de reprodução da vida humana. Nos momentos de violência - de crise - no jogo de capoeira nem tudo está necessariamente perdido; é possível que um dos componentes - o berimbau ou um dos jogadores - interrompa o processo e retome, por um novo caminho, a possibilidade do jogo. O mesmo pode ser dito da relação sociedade - natureza. Ainda há tempo para colocar em suspensão o modelo atual e buscar um novo modelo que tenha a sustentabilidade ambiental como uma de suas centralidades, aliada à maior justiça social e mais democracia. O mundo dá voltas; volta do mundo camará!

**Palavras-chave:** Capoeira. Sustentabilidade ambiental. Solidariedade.

**Society and nature: the climate dance and the Global solidarity involvement.**

**Abstract:** In “capoeira” ’s game the play of “berimbau” suggests a rhythm and ritual; the bodies in movement, interact in synchronization, blow and dodge. The game depends on the composition and arrangements of his elements; a deviation, only one false movement and everything turns in confusion and violence. In such a manner is the relation between individuals and groups that live in the planet, a delicate game, always submitted to social disruption. Nowadays, the action of the economical agents, centralized mainly on the ilimited growth and consumption, put in risk the fragile process of balance between the environment and the reproduction of human life. In the moments of violence - crisis- in the “capoeira” game, not necessarily everything is lost; it is possible that one of the components - the “berimbau” or one player - breaks the process and find another way to play the game. The same could be said in relation to society - nature. There is still time to find a new model where environmental sustainability, social justice and democracy will be the core principles. The world turns; turn the world camará!

**Keywords:** Capoeira. Environmental sustainability. Solidarity.

[1] Professor Associado I do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. Leciona na graduação as disciplinas de Análise Integrada da Paisagem e Geomorfologia e no Programa de Pós-Graduação Métodos e técnicas em Avaliação Ambiental e Análise Integrada do Meio Ambiente (tomasoni@ufba.br).

[2] Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana - BA. Leciona disciplinas ligadas à Geografia Escolar e Educação Geográfica, metodologia e estágio supervisionado (marcelo.faria65@gmail.com).

O berimbau...

Volta ao mundo! A baqueta toca o arame preso à madeira e faz soar, pela cabaça, os primeiros sons do berimbau que inicia a roda. Pessoas se aproximam e se dispõem, normalmente em círculo, para ver o que ali acontece. Tudo começa com a chula, uma espécie de reza cantada, que evoca o valor da liberdade para quem, cativo, esteve à beira da morte e dela escapou; pede proteção e ajuda aos deuses, ou entidades, que regem aquele microcosmo de luta diária pela afirmação dos sujeitos nela envolvidos; enaltece a arte do jogo e convida o Outro à disputa. A luta que ali se inicia é um combate simbólico de vida e busca de liberdade, cujo desfecho nunca é totalmente conhecido, ainda que o ritmo do berimbau exerça, através dos diferentes toques e do ritmo, certo domínio sobre o jogo. A cada movimento de perna, a cada golpe, uma esquiva. Na ginga, no floreio, na simulação tudo é símbolo, tudo é diálogo, tudo é jogo.

A violência é uma possibilidade real e permanente, afinal, ela está na própria origem da capoeira, e é seu marco identitário. Diversamente de sua origem, a violência nas rodas contemporâneas, em geral, emerge quando o diálogo entre os sujeitos (os corpos em movimento) não se estabelece. Imprevisível, quase sempre indesejada, ela expressa um limite da nossa capacidade de entendimento, de negociação, de convivência, de estar com o outro.

Esse outro pode ser definido aqui como “*tudo aquilo que não é eu mesmo*” e com o qual não consigo estabelecer uma relação de negociação, de convivência. Esse outro pode ser um indivíduo, um grupo diverso do qual eu me identifico, uma outra sociedade ou a *natureza*.

A presença dos seres humanos na Terra é bastante antiga e, diferentemente das outras espécies, nossa característica fundamental é a transformação da natureza através das técnicas, do trabalho, gerando novas composições e arranjos espaciais. Há muitos anos que as sociedades humanas vêm se apropriando da natureza para produzir seus espaços de vida, isso implica, necessariamente, em impactos ambientais que podem ser maiores ou menores a depender de como se realizam os processos de *produção social do espaço*.

Podemos dizer que a *produção social do espaço* depende dos *elementos naturais* disponíveis nos diversos contextos, das *representações sociais* produzidas para estes elementos, dos recursos técnicos disponíveis nos diversos contextos histórico-geográficos, e das *finalidades político-sociais* estabelecidas para a sua produção.

Como há a necessidade de se apropriar da natureza para a produção da vida humana em grupos, as sociedades sempre se preocuparam em compreender os elementos naturais, suas relações e dinâmica, a fim de garantir e alargar as possibilidades de se reproduzir como sociedade. Dessa forma, a busca de conhecimento sobre os elementos e processos naturais sempre ocupou papel de destaque nas preocupações humanas desde os tempos mais remotos até os dias de hoje. Como no corrido da capoeira que diz

É lua minguante eu vou cortar madeira  
Madeira boa não corta na lua cheia  
É lua minguante eu vou cortar madeira  
Madeira boa não corta na lua cheia

Meu mestre me disse  
Não vai pra mata atoa  
Que é só na lua mingunte  
Que corta madeira boa

Neste período, que dura cerca de 15 mil anos, muito conhecimento foi produzido e reproduzido com relação à natureza, seus elementos, comportamentos, inter-relações, etc. Compreender essa exterioridade que é a natureza sempre foi, e permanece sendo, um desafio para as sociedades humanas para sua apropriação e produção do espaço; no entanto, o sentido dessa compreensão tem se modificado muito desde o início da prática de agricultura até os dias de hoje não apenas no tempo, mas também nos diversos contextos espaciais, sem nenhuma linearidade.

Pensemos dois contextos imaginários (inespecíficos, porém possíveis) dessa relação sociedade natureza, ou melhor, de produção social do espaço.

Em sociedades de subsistência, cuja *finalidade* da ação social é, normalmente, a reprodução material direta da vida biológica (prover a alimentação do grupo, produção de moradia e de instrumentos) e imaterial (a tessitura de significados), o conhecimento da natureza é bastante profundo, mas restrito à escala local. Isso não significa no entanto que não produzam representações sobre todas as coisas com as quais mantêm contato, por exemplo, com o céu e os objetos lá presentes (Lua, Sol, etc.).

A percepção e o entendimento da dinâmica natural, seus componentes e relações, são fundamentais para essas sociedades em que os *ritmos naturais*, embora não determinantes, condicionam de forma radical a *temporalidade*

*social*. Os *recursos técnicos* de exploração da natureza tendem a ser menos agressivos com o ambiente, porém a dinâmica caótica dos processos naturais criam, com frequência variada, momentos problemáticos para a obtenção de recursos como, por exemplo, períodos prolongados de estiagem ou de chuvas, invernos rigorosos, verões escaldantes, etc. o que faz com que a perspectiva da carência seja uma ameaça constante.

As *representações sociais* sobre a natureza variam muito nos diversos contextos espaciais. No entanto, é comum que se encontre uma visão anímica dos componentes da natureza e, mais que isso, a inexistência de uma separação radical entre o universo humano e a natureza como se criou no mundo ocidental moderno. Vejamos essa passagem de Davi Kopenawa:

Desejo, portanto, falar-lhes do tempo muito remoto em que os ancestrais animais se metamorfosearam e do tempo em que Omama nos criou, quando os brancos ainda estavam muito longe de nós. No primeiro tempo, o dia não acabava nunca. A noite não existia. Para copular sem serem vistos, nossos ancestrais tinham de se esconder na fumaça de suas fogueiras. Afinal flecharam os grandes pássaros da noite, os Titi kik, que choravam nomeando os rios, para que a escuridão descesse sobre eles. Além disso, eles se transformavam em caça sem parar. Assim, foi depois de todos terem virado animais, depois de o céu ter caído, que Omama nos criou tais como somos hoje (Kopenawa, 2015).

Essa compreensão da natureza tende a não separar o natural, o social e o sobrenatural e, dessa forma, os fenômenos não se reduzem à sua manifestação objetiva direta, que permitem, por exemplo, o estabelecimento de relações causa efeito em sua explicação, mas, ao contrário, produz-se uma lógica outra de compreensão e ação diante da contingência.

Cuidado com a cobra venenosa Ela pode te  
morder

Cobra criada é bicho perigoso Ela te morde e  
tu não vê

Perto de mim teve um monte de cobra Foi São  
Bento que me protegeu

A que estava mais perto de mim Que cobra  
traíçoeira essa que me mordeu

Mas meu veneno também era forte Hoje estou  
vivo e cobra morreu

As questões que se impõem a esses grupos, relativas à produção espacial em suas dimensões material e imaterial são bem diversas das que se colocam para as ditas sociedades modernas, mas não menos importantes nem menos problemáticas.

O período da Era Moderna que se inicia na Europa do século XVI, vai transformar por completo a forma pela qual boa parte das sociedades compreende e se relaciona com a natureza em todo o mundo. Duas criações humanas imbricadas serão determinantes para essa mudança: a ciência moderna, que inaugura uma nova forma de olhar e compreender o mundo; e o capitalismo, um modelo econômico que em um curto prazo de tempo tornou-se mundial.

Podemos dizer que a ciência moderna se caracteriza por uma ruptura importante entre um sujeito racional que deseja conhecer um objeto que lhe é externo e que, para isso, recorrerá a um método de observação e sistematização de dados que lhe permitam chegar a um conhecimento verificável (testável) e justificado (sustentado em argumentos

racionais, medidas, quantificações, relações), passível de ser aceito como verdadeiro, ao menos transitariamente em função de suas evidências. Essa construção sem dúvida logrou grandes avanços na capacidade dos seres humanos se apropriarem e transformarem a natureza, convertida agora em objeto, fonte inesgotável de *recursos naturais*.

Segundo o historiador Nicolau Sevcenko,

(...) o desenvolvimento da ciência e das técnicas teria possibilitado o domínio de poderosas forças naturais, de fontes de energia cada vez mais potentes, de novos meios de transporte e comunicação, de armamentos e conhecimentos especializados permitindo-lhes impor uma hegemonia apoiada na ideia de uma vocação inata da civilização europeia para o saber, o poder e a acumulação de riquezas. No século XIX essa convicção otimista seria expressa pela fórmula “ordem e progresso” significando que a difusão e assimilação paulatina dos valores da cultura europeia conduziram o mundo a um futuro de abundância, racionalidade e harmonia. (Sevcenko, 2001, p. 15).

Como podemos ler nessa passagem o modelo capitalista, que se espalhou pelo mundo todo a partir do século XVI, é inseparável da ciência moderna, uma forma específica de entendimento do mundo, cuja intenção é compreender para utilizar e, mais recentemente, compreender para fabricar.

A natureza, transformada em mercadoria, deve atender à centralidade do sistema que é a ampliação das taxas de lucro das empresas que lidam com os recursos naturais, cuja exploração se realiza em larga escala, e em alta velocidade crescente, para atender a demanda crescente do mercado consumidor, induzido pela propaganda.

O conhecimento científico da natureza, além de ampliar exponencialmente o que chamamos de recursos naturais, tem permitido uma série de avanços em sua exploração incompatíveis com sua capacidade de assimilação e tempo de reciclagem. Isso tem gerado uma série de problemas ambientais que devem ser compreendidos à luz dos impactos dessa racionalidade técnico-científica, regidas pelas leis do mercado, no ambiente, ou seja, nas formas dominantes de produção do espaço sob o capitalismo, tornado global.

No entanto, seria ingenuidade pensar que a ciência e o capitalismo se desenvolvem de forma homogênea, ou mesmo sem conflitos internos.

Nos institutos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico é clara a presença de correntes teóricas concorrentes e que disputam não apenas os recursos de financiamento de seus trabalhos, mas também a afirmação da validade de seus argumentos na orientação da ação pública e ou privada de produção espacial.

Podemos dizer que nas ciências ligadas à compreensão e exploração da natureza há dois grandes grupos que se opõem em função de suas inclinações teórico-políticas sobre a relação sociedade - natureza.

Uma primeira posição que denominaremos de compatibilistas, crê na possibilidade de um desenvolvimento sustentável sob o capitalismo; e, de outro lado, os incompatibilistas, advogam em favor da insustentabilidade do atual modelo. Ambos os grupos procuram desenvolver argumentos que sustentem suas posições e, claro, convençam o maior número possível de pessoas que estão corretos.

As pesquisa apontam, na maioria das vezes, para

direções opostas. Enquanto um grupo procura desenvolver técnicas de menor impacto para grandes explorações, o que alguns chamam de desenvolvimento sustentável, outros tendem a fixar os limites de exploração dos recursos do planeta, demonstrando a insustentabilidade de uma política de crescimento permanente.

A primeira perspectiva se encontra vinculada à própria lógica do sistema. Foi através do conhecimento da estrutura e do funcionamento dos elementos naturais que o capitalismo conseguiu incrementar a produção nos níveis em que estão hoje. Como esta produção se faz em larga escala, e exige muitos investimentos, é necessário que se diminuam, o máximo possível, as possibilidades de imprevistos, de erros de planejamento que venham a comprometer o crescimento da produção e, conseqüentemente, do lucro.

Assim, a ciência moderna através de suas diversas áreas de estudo (biologia, ecologia, geologia, meteorologia, agronomia, geologia, geografia, etc), aliada a um intenso desenvolvimento do aparato tecnológico (satélites, computadores, etc.), busca produzir uma enorme quantidade de conhecimento que possibilita fazer previsões sobre o funcionamento das variáveis naturais e com isso, que se evite, ou pelo menos minimize, grandes prejuízos por parte dos agentes hegemônicos. Técnicas são desenvolvidas para possibilitar uma maior produção, armazenamento e transporte das *mercadorias*, de onde provêm seus lucros.

Uma enorme quantidade de dinheiro é gasta na produção deste conhecimento, pois ele é hoje elemento fundamental para a continuidade do modelo capitalista de desenvolvimento.

A segunda perspectiva (incompatibilistas) é crítica à forma pela qual o sistema capitalista

se relaciona com o meio ambiente e procura fixar os limites dessa exploração. Ao contrário das sociedades tradicionais, a velocidade de exploração dos recursos naturais é cada vez mais determinada pela técnica e pela ciência. O ritmo de exploração é intenso e sua escala mundial. Estudos têm demonstrado que o ritmo com que esta exploração tem se desenvolvido não é compatível com a capacidade de reprodução da vida no planeta, o que pode, em um prazo razoavelmente curto, esgotar recursos fundamentais para a reprodução da vida em nosso planeta.

Desde o encontro *Limites do Crescimento* (Estocolmo-1972) passando pela Eco92 (Rio de Janeiro-1992) se aponta à necessidade de se estudar os limites de sustentabilidade do modelo vigente de exploração dos recursos naturais sem que se respeite o ritmo de reciclagem da natureza como um todo.

O conhecimento sobre a composição e funcionamento da natureza é uma busca bastante antiga das sociedades humanas e tem se modificado ao longo do tempo em função das diferentes mentalidades dominantes em cada período, do incremento no conhecimento e das descobertas científicas que, contemporaneamente, não apenas deseja compreender, mas também fabricar novos elementos.

O conhecimento até então acumulado acerca da natureza parece indicar que existam importantes propriedades emergentes nos sistemas, fundamentalmente os biológicos, que buscam a auto-organização visando readequarem-se as novas contingências. Mesmo assim, tais propriedades contrapõem-se às limitações intrínsecas do planeta, limitações estas impostas não apenas pela acelerada utilização dos recursos ambientais,

como também no desenvolvimento tecnológico gerador de grandes impactos. Somam-se a isso as dinâmicas que ocorrem em diferentes escalas temporais dos próprios sistemas naturais (terrestres - climáticos- geodinâmicos e oceanográficos).

Há um jogo em curso e em cada contexto - em cada roda que se organiza o jogo - há uma tese central: em 1972 a ladainha inspirava-se na ideia do limite de recursos inspirada nas teses de Malthus, em sua tentativa apocalíptica de decretar o esgotamento dos recursos da Terra face ao crescimento geométrico da população, gerando o slogan “Limites do Crescimento” (MEADOWS, 1972) para o encontro. Recentemente a chula/ladainha virou cantando para o mundo a possibilidade de um novo futuro, o “Nosso Futuro Comum” (CNUMAD, 1988) apresentado formalmente em 1992 e que vem refletir sobre a mesma problemática, a da permanência/sobrevivência humana, apontando para a necessidade de um “modelo alternativo” ao degradador consumista, a partir da estruturação do conceito de “desenvolvimento sustentável” (DS), ou seja, uma concepção que não rompe por completo com a estrutura do modelo atual, mas tenta criar soluções de compatibilidade entre o capitalismo - um modelo que aponta para o crescimento das demandas, portanto do consumo - e a sustentabilidade ambiental.

Com o desenrolar dos anos a ladainha de 1992 passa a virar uma quadra/corrido, e o DS passa para sustentabilidade/eco compatibilidade, entre outras expressões. Ao longo das décadas posteriores a 1972 as maltas militantes do ecologismo / ambientalismo passam a reproduzir alguns destes ensinamentos enquadrados em grandes vertentes que implicam em concepções antagônicas à ideia concreta da permanência,

que podem ser resumidas, conforme Alier (2014), em ecologismo associado diretamente aos ideais preservacionistas e sem necessariamente incidir no debate dos conflitos sociedade natureza. Uma outra forte vertente é a da ecoeficiência, que como um evangelho, segundo Alier, apregoa a melhora dos sistemas produtivos, “consumo consciente” entre outras questões sem voltarmos aos problemas do consumo e assimetrias globais, como um roteiro de ideias para salvar o planeta e por fim, aparece uma outra grande vertente que toma corpo a partir da chamada justiça ambiental que questiona diretamente as bases do modelo e não as suas extremidades. A chamada “ecologia dos pobres” radicaliza o debate entre os conflitos distributivos e o convívio não predatório com a natureza. Embora a preservação e eficiência sejam importantes é hoje a escassez e a raridade dos recursos, que tendem a incrementar os conflitos e provocar imensas tragédias humanas e como consta em seu texto: “os pobres são demasiado pobres para serem verdes” e os pobres são muitos. Neste sentido, a roda do debate ainda está aberta a enxergarmos estas possibilidades.

Mas, as alternativas ao presente processo de produção e consumo em larga escala impõem um enorme esforço e um grande conjunto de questões complexas que não se traduzem em receitas de curto prazo, embora seja necessário considerar a necessidade urgente de uma inflexão do modelo de desenvolvimento vigente, pois, o que parece avizinhar-se são cenários de escassez e deterioração dos sistemas de sustentação da vida.

O estudo da dinâmica dos elementos naturais no espaço tem levantado questões importantes para o questionamento de nosso modelo de desenvolvimento, pois os recursos estão se tornando cada vez mais escassos e as

consequências ambientais das ações humanas se fazem sentir com intensidade cada vez maior em cada ambiente e no planeta como um todo.

Nesse questionamento há uma dimensão política que não está clara, pois são diversos os grupos e interesses que se manifestam contrários ao modelo de desenvolvimento vigente. Partidos políticos, movimentos nacionalistas, organizações não governamentais (ONGs), etc se multiplicam na defesa de diversos ideais e ideologias, o que faz necessário um esforço maior ainda por parte de quem pretende evitar interpretações equivocadas sobre as questões que se apresentam.

A relativa artificialização dos sistemas ambientais do planeta, provocada pela dinâmica socioeconômica, deixou a ilusão de que a economia é um ente isolado, parecendo não ser governada pelas leis da termodinâmica, que regem a degradação da energia e matéria no processo de produção e consumo.

A degradação ambiental, que é apenas a manifestação imediata deste antagonismo, posto entre economia e natureza, trouxe à tona a noção de que o sistema econômico não só está imerso em um sistema físico-biótico mais amplo do qual depende, como também mostra a relevância de que o conceito de escassez “alicerce da teoria e prática econômica, que agora se converteu em uma escassez global, que já não se resolve mediante o progresso técnico” (LEFF, 2001). Assim, a racionalidade econômica induziu a estruturação do chamado *tecnicismo ambiental*, que apregoa poder vir a substituir ou organizar os processos que comandam os sistemas ambientais, os quais foram desorganizados ou comprometidos pela lógica de apropriação dos recursos ambientais. Esta lógica impede qualquer mudança para

um futuro próximo, portanto indeterminado e sujeito a inflexão mediante crise extrema.

Na linha de acomodação dos antagonismos entre o modelo de produção capitalista e a derradeira sustentabilidade ambiental, encontra-se o chamado *capitalismo ecológico*, apresentado em trabalhos como os de Paul Hawken, Amory Lovin e L.H.Lovin, que acreditam ser este o mote da *próxima revolução industrial*, uma “revolução limpa”. Para os críticos do capitalismo ou de vertentes mais radicais do ambientalismo, isto soa como eufemismo, pois segundo eles, a dissolução dos princípios ecológicos (RICLIFF, 1996) no capitalismo, mostra-se no mínimo antagônica. Pois como define Veiga (2007), o postulado central do capitalismo, ancorado no crescimento contínuo da produção, é completamente ilógico, assim como o consumo sem destruição, o que seria segundo ele, o mesmo que buscar a quadratura do círculo. Já Guattari (1991), prefere referir-se a tal projeto, como a difícil solubilidade da ecologia no capital.

Críticas à parte, a chamada vertente “*ecocapitalista*”, defende o emprego da eficiência no uso dos recursos e energia, reduzindo rejeitos em uma reengenharia de processos, levando a máxima eficácia do capital e possibilitando um “lucro limpo”, diferente do atual “lucro sujo”, como se os problemas sistêmicos do modelo pudessem ser resolvidos a partir da mera reorganização do processo produtivo. Esta ideia básica do *tecnicismo ambiental* inverte a lógica da complexidade da questão ambiental, reduzindo-a a um mero procedimento operacional, que sem dúvida faz parte da solução, mas, não é a saída dos imensos problemas socioambientais gerados por esta lógica produtiva. Como mecanismo para justificar a continuidade desta lógica,

poderosas técnicas de marketing chamadas de *maquiagem verde*, são empregadas, formalizando um ambientalismo panfletário e pseudo-soluções a um conjunto de problemas complexos. Um exemplo deste potencial se deu no antes controverso problema entre os chamados compostos clorofluorcarbonos (CFC’s) e a camada de ozônio e agora pelas chamadas “mudanças climáticas, mostrando claramente o alcance do poder da manipulação do conhecimento científico em informação a serviço de interesses corporativos não explícitos.

Ao avaliar os diversos condicionantes que restringem o desenvolvimento da sociedade, dois condicionantes são fundamentais em sua compreensão: aqueles ligados aos fatores concretos e aqueles condutores de princípios. Neste conjunto de fatores norteadores que determinam o rumo da sociedade, alguns limites são determinantes naquilo que se pode chamar de espaço de possibilidade. Segundo Bossel (1999), estes limites definiriam o espaço de sustentabilidade potencial, delimitado por condicionantes de três naturezas: um primeiro de ordem natural; um segundo de ordem humana e um terceiro de ordem temporal. Tais aspectos encontram-se restritos a um conjunto de opções disponíveis, umas mais abertas e outras mais limitadas ou, como o autor prefere, com baixa plasticidade. Estes elementos serão abordados no gráfico a seguir.

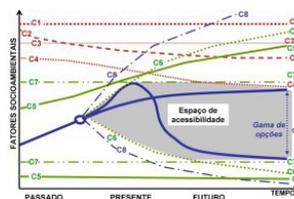


Gráfico n°. Condicionantes e limites ao desenvolvimento sustentável.

Entendendo a sustentabilidade como um conceito dinâmico, associada a um grande número de condicionantes, pode-se dizer que existem, entre eles, alguns aspectos que possuem certa mobilidade ou flexibilidade, mas, a maioria de seus condicionantes são mais ou menos rígidos ou imprevisíveis. A gama total de possibilidades futuras (cenários) está reduzida por estes condicionantes, restringindo o futuro a um certo espectro de possibilidades que Bossel chamou de “espaço de acessibilidade”. A continuidade do desenvolvimento futuro da sociedade é então limitada a um espaço de possibilidades, de escolhas subjetivas e decisões éticas inevitáveis. Estes condicionamentos ou restrições são de três ordens:

1. Condicionantes e limitações estabelecidas pelas leis naturais e implicando em limitações de ordem biogeofísicas básicas, mostrando que “nem tudo é possível”. Os elementos aqui enquadrados são serão chamados de condicionantes N (1,2,3 e 4); 2. Condicionantes de natureza humana e suas metas, exemplificadas na máxima: “nem tudo é desejável”. Os elementos que se enquadram aqui são os condicionantes H (5,6 e 7); e 3. Condicionantes de tempo implicam que a direção e os passos são determinados pela dinâmica evolutiva e pelas escolhas adotadas. Os elementos aqui enquadrados são os condicionantes T (8 e 9).

Definidos estes 9 condicionantes da seguinte maneira:

O condicionante 01 é definido pelo conjunto de limites e leis da natureza que deve ser avaliado sob alguns aspectos como a dinâmica e inconstância destes limites bem como sua mutabilidade. A noção melhor empregada neste contexto é o do equilíbrio dinâmico dada à contingência dos processos que cercam esta evolução. O condicionante 02 se define

pelo espaço disponível e sua capacidade de absorção de impactos sociais, a disponibilidade de recursos renováveis e não renováveis, a fertilidade do solo e clima, etc. Classificam-se em limitações de estado e taxas de limite.

O 03 define os fluxos de energia, especialmente a solar, que apresenta fluxo quase constante e possibilitando a contínua reciclagem através dos grandes ciclos da matéria e os estoques de materiais existentes, posiciona-se abaixo do condicionante 01 pelo fato de representar um limite de prudência no manejo destes estoques. O condicionante 04 que representa a capacidade de carga se situa no limite inferior ao condicionante anterior, pelo fato da capacidade de carga de um sistema qualquer, sempre encontrar-se teoricamente abaixo do total de matéria ou energia existente no sistema, o que pode representar, também, uma zona de resiliência. A curva descendente se justifica por dois fatores: primeiro, por que a própria evolução de qualquer sistema leva a uma entropia natural e, segundo, que a pressão sobre os recursos é um fator crescente principalmente do ponto de vista energético e do potencial dos recursos disponíveis.

O condicionante 05 representa fatores intrínsecos ao desenvolvimento humano, como a capacidade inventiva, de antecipação, de iniciativa, etc. Sua curva ascendente representa a natureza exponencial do conhecimento humano que, em tese, assume limites superiores às possibilidades de resiliência, seu caráter ilimitado permite também a possibilidade de uma evolução perceptiva dos condicionantes de natureza diversa, levando a uma boa aproximação do conceito de sustentabilidade. Os condicionantes 06 e 07 representam respectivamente o papel das organizações humanas, culturas, tecnologia e sua influência

na aceitação de necessárias mudanças e os limites de tolerância impostos pelos padrões éticos ou valores culturais e normas de uma determinada sociedade. Ambos representam criações sociais históricas e, portanto, são condicionantes indeterminados.

O 08 implica que os processos são dinâmicos e necessitam de tempo para a adaptabilidade do sistema. A instalação de infraestruturas técnicas ou tecnológicas influencia em diferentes escalas temporais nesse processo. Assim, restrições severas poderão ter efeito em face à premência destas necessidades e no momento de sua implementação. Segundo Bossel, as taxas de ameaça devem ser suplantadas pelas taxas de resposta, ou seja, capacidade de antecipação deve ser estimulada juntamente com a prudência.

Por fim, o condicionante 09 define o papel da evolução, pois, o DS implica em uma mudança adaptável que possibilite um espectro mais amplo possível de respostas para novos desafios. Posturas conservadoras ou inovadoras devem estar associadas a escolhas de horizontes factíveis.

As inúmeras razões tangíveis que podem levar ao pensamento de um ciclo virtuoso, esbarram em inúmeras razões intangíveis à virtuosidade humana. Como equacionar estas possibilidades entre o sonho humano, os limites da técnica e os limites da natureza. Tornar possível avaliar o quanto nossa visão de mundo pode avançar sobre a Terra ou entre o sonho e a realidade. Talvez este seja o limite para encontrarmos a ideia/ação de sustentabilidade.

Apesar de compreender o esforço do autor em discutir elementos em favor do desenvolvimento sustentável, cremos que não há possibilidade de se compatibilizar o

modelo capitalista de desenvolvimento com a sustentabilidade ambiental, pois o princípio da ampliação da riqueza - representado pelas taxas de crescimento das economias - é, na concepção dominante, algo que não pode ser alterado. Assim, discutir as possibilidades de outros princípios que rejam nossa relação com a natureza nos parece fundamental.

Como diria um grande mestre da roda da vida “O verdadeiro fundamentalismo é o consumo” (MS) e a desigualdade socioambiental exponencial de hoje. Contrapondo este aspecto e que poderíamos refletir não sobre um (des)envolvimento, mas sim evoluirmos para um jogo de *envolvimento*, pois não é possível mais o caminho de (des)envolvimento contínuo, um *motor perpétuo* que parece não se importar com premissas fundamentais da capacidade de suporte em suas diversas escalas e que visa uma acumulação insustentável e deslocando-se cada vez mais das bases que mantêm a vida sobre a Terra. Comprometermo-nos com um progresso humano permanente e efetivamente *global* e globalizante e que, acima de tudo, possa caminhar com a essência do que desejamos a uma futura humanidade, que é de fato sermos humanos. Para tanto, o modelo deverá ser solidário, pois não haverá humanidade sem essa premissa. Esta solidariedade não deve ser somente humana em um sentido social, mas também territorial, pois deve equalizar-se sobre o espaço. Em uma analogia quase final, podemos abstrair desta simples reflexão, que uma outra globalização deverá buscar um “*Envolvimento Global Solidário*” antepondo-se aos subterfúgios que buscam a sustentação deste modelo de desenvolvimento perverso e escondido consumismo. A verdadeira permanência, durabilidade ou sustentabilidade enquanto axioma, deverá ter essas premissas como uma semente, um ovo que vai gerar

uma outra globalização, um novo jogo somente possível com um Envolvimento Global Solidário.

O jogo depende, como afirmamos anteriormente, da existência de dois entes reconhecidos em suas particularidades e colocados em diálogo, golpe a contragolpe, ginga, esquiva, dança. A premência de um sobre o outro, acaba com a possibilidade de continuidade.

Na capoeira, a “parada de angola” representa um momento em que um dos capoeiristas suspende o jogo - por cansaço ou desafio de destreza - e convida o outro a retomada. Neste momento, o outro se vê obrigado a voltar ao pé do berimbau, reverenciá-lo e voltar ao jogo. Antes de qualquer movimento de contundência, o desafiado deve demonstrar conhecimento da situação criada, avaliar e tocar as partes do corpo do outro de onde podem surgir ataques e, quando convidado por aquele que suspendeu o jogo, retornar à peleja.

Talvez seja esse nosso momento. Um momento de colocar em suspensão aquilo que está em andamento, retornar à reflexão acerca do que realmente deve reger nossas vidas (os sentidos do desenvolvimento), demonstrar, pela reflexão que compreendemos os riscos nos quais estamos envolvidos e, pelo toque do outro que pode nos destruir, aceitar o convite para um jogo que se desenvolverá sob novos princípios, ritmos, corpos e, principalmente, pelo diálogo *com* o outro.

A capoeira é um jogo é um brinquedo / É se  
respeitar o medo

É dosar bem a coragem

É Luta, é manha de mandingueiro, É um vento

no veleiro, um lamento na senzala.

É um corpo arrepiado, Um berimbau bem  
tocado, Sorriso do menininho.

É o voo do passarinho, bote da cobra coral.

Sentir na boca todo gosto do perigo, E sorrir  
para o inimigo, ao apertar a sua mão.

É ódio, é a esperança que nasce um tapa  
explodiu na face e foi arder no coração

Enfim aceitar o desafio com vontade de lutar

Capoeira é um pequeno barquinho

Solto nas ondas do mar

## REFERÊNCIAS

BOSSSEL, H. A Indicators for Sustainable Development: Theory, Method, Applications: A report to the Balaton Group. Winnipeg: IISD, 1999. Disponível em: <<http://www.iisd.org/publications/pub.aspx?id=275>> Acesso em 12/10/2005.

CMMAD (Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento). Nosso Futuro Comum. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

GUATTARI, F. As Três Ecologias. Papirus Editora, São Paulo, 1991.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

LEFF, E. “Racionalidad ambiental y diálogo de saberes: sentidos y senderos de un futuro sustentable”. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 7, p. 13-40, jan./jun. 2003. Editora UFPR . 2003.

LEFF, E. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LÉVY, J. L’espace légitime; sur la dimension géographique de la fonction politique. Paris, Presses de La Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1994.

MARINEZ ALIER, J. O Ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração. 2. ed.. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, J. de S. O Poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta. São Paulo. Ed HUCITEC, 1999.

MASSEY, D. For Space. London. Sage Publications Ltd, 2005.

MEADOWS, Dennis L. et all. Limites do Crescimento. São Paulo : Perspectiva, 1972.

RICKLEFS, R. E. A Economia da Natureza. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan S.A. (3ªedição), 1996.

SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo. Ed HUCITEC, 1996.

SEVCENKO, N. A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa. São Paulo. Cia das Letras, 2001.

VEIGA, J. E. S. da. A Emergência Socioambiental. S. Paulo: Editora Senac, 2007

YANOMAMI, D. Descobrindo os brancos. In Novaes, A.(org) A outra margem do Ocidente. São Paulo. Cia das Letras. 1999.

INTERNET:

Chulas e corridos <https://capoeiradb.wordpress.com/2010/11/15/eu-vou-cortar-madeira/> consultado às 19:00 do dia 08 de novembro de 2016.

*Recebido em: 14/12/2016*

*Aceito em: 13/03/2017*

# RESENHA



# Cartas entre Areias do Imperador

---

Erica Speglich [1] e Elenise Andrade [2]

---

COUTO, Mia. *Trilogia as Areias do Imperador: Volume 1 - Mulheres de Cinzas*, Editora Companhia das Letras, 2016.

**RESUMO:** Cartas de memórias de um livro de cartas entre sóis, climas, areias, avôs e galinhas do Moçambique de Mia Couto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cartas. Mia Couto. Areias do Imperador.

Letters in-between “Areias do Imperador”

**ABSTRACT:** Memories letters from a book of letters in-between suns, climates, sands, grandfathers and chickens from Mia Couto’s Mozambique.

**KEYWORDS:** Letters. Mia Couto. Areias do Imperador.

---

[1] Doutora em Educação e pesquisadora colaboradora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

[2] Doutora em Educação e professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

Piracicaba, 16 de abril de 2017.

Querida Nise!

Parei o feriado para lembrar do livro lido sem pretensão de escrita sobre ele. Até achava que iria encontrá-lo em alguma das estantes da família, eu e meu hábito de distribuir os livros que gosto às pessoas que gosto... mas não encontrei. Não encontrei também lembrança alguma sobre areias e sobre imperadores.

Em minha (reconhecidíssima por sua névoa) memória restaram o sal, o mar, a mãe que dança, o barco, o rio, um português e uma (ou algumas?) galinhas. E deslocamentos. Deslocamento de gente da beira mar para dentro do sertão seco, com uma saudade da água, do barco e de poder fugir para o mar e não para a terra seca.

Morando (como nós duas) em sertões secos (seja por localização, seja por excesso de cana de açúcar, seja por desvios de rios), compreendo perfeitamente a vontade de água, a boca que mexe em busca da sensação úmida do ar.

Deslocamento de gente que vem (sem nunca chegar) do outro lado do mundo para habitar um espaço seco - de memória, de vida, de água. Especialmente quando se está sem querer estar e a querer voltar. Deslocamento de mãe que insiste em dançar, que repetidamente seca as águas até formar sal, na tentativa de voltar a ser mar.

De repente chegam também uns ingleses na névoa da memória. Arrastando multidões? Ou para arrastar multidões afora deixando os espaços vazios? As pessoas deslocadas?

E, afinal, as galinhas? Elas habitam o livro?

Beijos,

Érica

16/04/17

Olá Esquita,



Uau, que legal responder uma carta. Há muito tempo não respondo uma. Ainda mais sobre um livro lido que li ano passado. Foi um tempo lento, estava em repouso, tudo em slow motion, incluindo eu kkkk. Aho que nós estamos assim. Então vem o calor da África, cogitas se despedaçando... Aho as galinhas, não me lembro delas direito (ah! Troquei de cor de canetas. A D.O. R.O. escreve cartas com canetas novas! ☺)

A lembrança da água, mulheres de miçgas em areias do imperador. Uau! Quantas forças e intensidades num calor quase insuportável. Estou aqui em frente ao livro com essas quase-memórias. "Todas as murchas se equilibram até só sobre a planície de Imbarakime" (COVTO, p. 14). Sabia que era calor kkkk. Aqui em Feira de Santana na dca chegou a uns 3 ou 4 sóis. Agora estamos com algumas águas, mas não para esquecer do calor. Aho que o calor invade os poros pelos poros (kkk... debucamos tu man tudo os milhares de acútes, como os franceses)



Ah! na p. 108, super ao acaso, vejo que é o início do cap. 9 "Ricardo dos matos, silêncio dos vivos". E diz do mar, da fuga do avô para as minas de diamantes da África do Sul, dessa loucura. Mas, o que é mais louco

credial

Rock

... tudo? " - Adieu, souhados.  
 Eu sou para onde sei, douo dos  
 meu souhos." (COUJO, p. 112)

Adio que foi assim que passei e  
 atra VERE o livro, in elos outros, inco  
 voltando dessa terra quente, dos souhos  
 quere. souhados. Talvez não separam  
 souhados, mas estijamos souhados, como  
 nos diz o avô.

Esperando sua resposta  
 Érica mil  
 Nisoca



credeal

Piracicaba, 19 de abril de 2017.

Nisoca!

Acho que já tem para lá de 20 anos que não recebia uma carta colorida!

Aqui em Piracicaba alcançamos uns 5 sóis no verão e uns 2 no inverno. O que dói no inverno é o deserto que se forma com a colheita da cana. Eu bem preferia uma mata fechada, ou que fosse um cerrado aberto (muito mais do que mar), mas por aqui só temos esse verde que de tão doce junta moscas. E clima é bem dependente da quantidade de cana de açúcar em volta. Bem mais do que dos sóis e, especialmente, bem mais do que do rio (aquele dos olhos de alguém que chora).

Tem um outro clima nesse livro, um de suspensão da respiração. Só dentro do rio é que se respira, naquela hora que se afundam os ouvidos e o mundo some, para ficar a correnteza, o fluxo, a água. Mergulhar para respirar.

E o avô... como eu pude esquecer do avô? Que foi para as minas e nunca mais voltou. Para alguns estava morto. Para outros estava em amores com um homem. Para a avó era sinônimo. Para a neta era sonho.

Beijos,

Érica

OBS: tinham umas galinhas que moravam com o português expatriado. Ou eram pombas?

19/04/17

Querida Esquiva,



Como era suposto com a OBS: Ou nam pombas? É muito clara (im)possibilidade de pombas em Moçambique. Como fiz da outra vez, abri o livro e, aqui, deixei uns tópicos tentando (re)pensar suas/ nossas dúvidas...

"Pa auto demanei. Do que tenho consciência é de deparar no quintal de minha casa. A um palmo do meu rosto, a galinha Castorice fixava em mim o seu olhar miúdo e vivo." (COVTO, p.265).

Uah! Essa citação é de uma carta, portanto, Esquiva, vc acatou!!

"Bem-me que ela me disse o seguinte: as pátipomas são luas que nos nutram de um tempo anterior, quando fomos aves. E as pátipomas são involuções plumas. Essa é a crença de sua gente, que vive de abstradas su pedregais. [...] Dize, por exemplo, que na língua dos zulus "voar" e "roubar" se diz com o mesmo verbo." (COVTO, p.234)



Bem, se já fomos aves, tanto faz pombas ou galinhas? Pomba e galinha? Queria tanto saber a língua dos zulus... Talvez nem a minha eu saiba...

credeal

1 / 1



"E reitrou o homem que as estatúas, tal como as narrativas imperiais, nas diferiam uma das outras." (COVTO, p.184)

foi é (ou não)  
E hoje é o "dia do índio."

"O Estado é sempre único, total, um seu visto em si mesmo. Ainda que existam muitos Estados - nação, cada um é uma encarnação do Estado Universal, é uma hipóstase do Um. O povo tem a forma do Múltiplo. Jorgado, a se descobrirem "índios", os índios brasileiros descobriram que haviam sido unificados na generalidade por um poder transcendente, unificados para melhor serem desmultiplicados, homogênicos, aban leuado. O pome é antes de mais nada al quem de quem tirou alguma coisa. Tava transformar o índio em pome, o pimeu pas 10 é transformar o Mandarim em índio, depois em índio administrado, depois em índio assistido, depois em índio sem terra." (CASTRO, 2016) (p.12)

É difícil copiar a citação. KKK.K. Me empelgo demais com as perseguições na cartada. Fecho que t(foi) amo!!

Bjs mil  
Lúcia de quarta  
Mirca

credeal

Recebido em: 1/01/2017

Aceito em: 1/03/2017

# ENSAIOS



# Réquiem para a ilha do Arapujá

---

Dhemersson Warly Santos Costa [1], Carlos Augusto Silva e Silva [2], Maria dos Remédios de Brito [3]

---

**Resumo:** A proposta desta carta-imagem é experimentar dar a ver a Ilha do Arapujá, localizada na orla da cidade de Altamira (PA) e ameaçada de desaparecimento por conta da construção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte.

**Palavras-chave:** Carta-imagem. Desaparecimento. Belo Monte.

## Requiem for the Island of Arapujá

**Abstract:** The purpose of this letter-image is to try to see the Arapujá Island, located on the edge of the city of Altamira (PA) and threatened to disappear due to the construction of the Belo Monte Hydroelectric Complex.

**Keywords:** Letter-image. Extinction. Belo Monte.

---

[1] Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas-UFPA. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica dhemerson-santos@hotmail.com.

[2] Universidade Federal do Pará. Graduado em Ciências Biológicas-UFPA. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica carlos.s02@gmail.com.

[3] Universidade Federal do Pará. Pós Doutora em Educação pela Universidade de Campinas-UNICAMP. mrdbrito@gmail.com.

### Para um breve proêmio

Walter Benjamin sempre dizia que “para se conhecer uma cidade é preciso se perder nela” (BENJAMIN, 2006, p. 167). Assim, convido você, caro leitor, a se perder nos versos dessa carta para conhecer a ilha do Arapujá.

A ilha do Arapujá também é conhecida como “ilha do capacete”, pois sua forma geométrica lembra o capacete de um soldado de guerra. Localizando-se defronte a orla da cidade de Altamira, a ilha é composta por uma rica biodiversidade de flora e fauna, inclusive hábitat único de diversas espécies de animais como o *Plesiolebias altamira* e *Pituna xinguensis*, peixes que vivem em pequenas poças temporárias formadas na ilha durante a estação chuvosa (MACHADO et, 2008).

A riqueza dessa biodiversidade está ameaçada pela construção do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte. O empreendimento está em construção desde o ano de 2011, e pretende barrar o Rio Xingu, um importante rio da Amazônia, para geração de energia elétrica.

Com o barramento do rio milhares de quilômetros de vegetação serão cataclismadas pelas águas do Xingu - entre as regiões que serão atingidas está a ilha do Arapujá. Uma das medidas para contenção dos impactos ambientais é a supressão vegetal da floresta para evitar a liberação de CO<sub>2</sub> nas áreas inundadas.

A obra já está em processo de conclusão, boa parte da floresta já foi devastada, contudo muitas “promessas” não foram cumpridas: as florestas foram derrubadas e queimadas sem o devido aproveitamento da madeira, os animais não foram devidamente resgatados e, sem ter para onde correr, tornaram-se parte das cinzas que agora (de)compõe o solo.

Assim, esta carta-imagem trata-se de uma experimentação movimentada por prosa e verso, prosa ou verso, mais prosa que verso. Suplico-lhes desde já que essa carta seja narrada aos ouvidos delicados, ou explanada em praças públicas em alto e bom tom aos ouvidos delirantes, de forma que essas palavras sejam arrancadas desta materialidade e pulverizadas pelo vento para outros corpos, lares, escolas, assembleias e congressos.

Altamira, 02 de novembro de 2016

Saudações meu velho amigo...

Escrevo-lhe essa carta com a ingênua tarefa de tentar matar um pouco dessa saudade que já não cabe mais dentro de mim. Peço-lhe perdão pelas palavras manchadas e pela caligrafia disforme, não tem sido nada fácil conter as lágrimas que trasbordam esse papel, muito menos empunhar um lápis, quando a emoção toma conta deste corpo já calejado, cujas mãos tremem seguindo o ritmo deste saudoso coração que ainda bate acelerado no compasso da batucada que entoa as rodas de carimbó[4]

Infelizmente, a saudade não é a única razão que movimenta essa carta, trago-lhe notícias não tão boas de nossa pequenina Altamira, a princesa louçã da transamazônica, banhada pelo majestoso rio Xingu, que (re)corta e adentra a mata formando um excelso relevo, que mais parece um labirinto de águas profundas e serenas que alcançam um tom de verde tão verdejante que chega a se misturar com o verde da floresta, em uma harmoniosa composição de aquarelas que para mim mais parece um rio-floresta.

Recordo-me que passávamos horas, que mais pareciam minutos, correndo pelas margens

do Xingu, banhando em suas misteriosas águas doces, sob um escaldante sol de verão... Ainda posso sentir o frescor das águas escorrendo pelo meu rosto, enquanto os raios solares estampavam o meu peito, êxtase puro de felicidade, que só era interrompido com o entardecer, quando parávamos para contemplar o esplendor do pôr-do-sol ali mesmo na beira, sentado em baixo das mangueiras que deveras vezes nos protegiam do calor e nos brindava com o seu fruto.

Revirando meu surrado baú, encontrei algumas fotografias antigas, estou colando algumas nessa carta, pois minhas humildes palavras jamais serão capazes de retratar em tamanho detalhe a beleza de minhas memórias e a dor que me aflige o peito.



Fonte: Página do Blog Loucos por Altamira

Lembra-se desta foto? Deitávamos debaixo de um céu azul contemplando a ilha do Arapujá que fica defronte a cidade. Recordo-me que ela era sua queridinha, por justiça divina, herança de família já que teus antepassados por muitos séculos completaram com ela os ciclos da vida, nasceram, cresceram, reproduziram e

morreram (com)(n)ela, a ilha do A-R-A-P-U-J-Á. O significado de seu nome? Não me lembro bem, quando cheguei já estava lá, antes do meu avô chegar há mais de cinquenta anos também já era Arapujá.



Fonte: Página da agência de reportagem e jornalismo investigativo

Esta foto foi tirada há três anos, o Arapujá agora em cores, desvelando sobre a branquitude desse papel a imponência da floresta esculpida e modelada pelo arquiteto rio Xingu. Quer um conselho meu amigo? Guarde bem estas lindas recordações contigo, esforça-te para não esquecê-las jamais. Faça de tudo para não deixar que o tempo enfraqueça a tinta que está impregnada nessa carta levando minhas palavras. Suplico-lhe que jamais permita que esse efêmero papel conclua seu processo natural de (de)composição, (de)compondo com ele meus versos, minhas fotografias, meus sentimentos, meu amor, nossa ilha, nosso Arapujá.

Sinto informar meu amigo, que o Arapujá de nossa infância já não existe mais... É meu caro, nem a deusa lara, nem Tupã[5] foram capazes de

proteger nosso pequeno (re)canto da ambição do homem. O Arapujá morreu!

Tudo começou com rumores da construção de uma hidrelétrica em nosso rio Xingu. Foram mais de vinte anos de luta e resistência dos cavaleiros da Amazônia. Verdadeiros heróis que defenderam bravamente o nosso rio, a floresta, o chão, a cultura, as memórias, até serem vencidos pelos “homens de preto”.

Já tem um tempo que eles começaram as obras do tal “empreendimento”, denominado de Hidrelétrica de Belo Monte, chamado por mim de “Belo Monstro”. Logo a cidade passou a ser povoada também por milhares de homens estranhos, vestidos de cinza, cujas roupas possuíam sinalizações brilhantes que podiam ser vistas a quilômetros de distancia e na cabeça um capacete, tão opaco quanto a vestimenta.

Pelas ruas da cidade circulavam máquinas, caminhões, tratores e muitos ônibus, na verdade centenas deles, levando trabalhadores para os canteiros de obra, onde o rio seria barrado. Olha que ironia do destino, o rio Xingu que por bilhões de anos moldou e modelou a ilha do Arapujá, agora será obrigado a cataclismar sua mais sublime obra. O que antes era uma harmoniosa relação de (co)existência, transformou-se em uma espécie de “competição interespecífica”, Xingu versus Arapujá, rio contra floresta, apenas um pode ficar.

É claro que essa não era uma luta justa para nossa menina dos olhos, diante do majestoso Xingu, o Arapujá estava condenado a tornar-se rio. No intuito de “amenizar” os impactos ambientais, os ditos homens de preto decidiram derrubar a floresta, antes que as águas tom(b)assem o lugar.

Confesso que rezei todos os dias por um milagre, mas o fatídico dia chegou. Lembrome com pesar esse dia. Era uma manhã de segunda-feira, caminhava lentamente pela orla, como de costume fui cumprimentar a ilha, eis que uma angústia atravessa o meu peito, o coração acelera, as lágrimas começam a cair, o sentimento de dor e desespero toma conta de mim, o céu escurece... Assassinaram o Arapujá!



Tempos de angústia! Durante o dia as máquinas operavam a todo vapor, derrubando tudo que era verde, à noite o que resistia era tomado pelas chamas, cruéis e impiedosas. Em pouco tempo o verde que antes tomava conta da paisagem, deu lugar ao cinza e ao marrom do chão.



Fonte: Página do portal AquaA3

Perdão meu amigo, falhei nessa nobre missão de proteger a nossa ilha. Assisti ao espetáculo do lado de cá, impotente, de braços cruzados. Durante dias chorei às margens do Xingu, gritava ordens para que parassem. Logo, uma multidão de vozes se juntou a minha ecoando em um coro só “Salve Arapujá”. Infelizmente já era tarde demais.

Certo dia, o céu escureceu, eram as andorinhas, as araras, os azulões, os curiós... Voavam, batendo forte suas asas, fugiam da penumbra cinza que adentrava a floresta. Quão sortudas são as aves, foram agraciadas por Tupã com asas. Tamaña sorte não tiveram os guaribas, as tracajás, as jibóias, os tatus... Agora queimam junto com a floresta em um tom de vermelho vivo que logo dará lugar ao cinza mórbido da destruição.



Fonte: Blog do Oscar Brisolara

O luto ainda vigora dentro de mim, mas pequenas fagulhas de esperança parecem brotar em meu coração. Terminada a obra e, já passada duas estações chuvosas, o rio Xingu resiste bravamente em não cataclismar a Ilha do Arapujá. Milagre? Erro matemático? Não sabemos ainda o desfecho final dessa estória, nesse momento o que nos cabe é somente esperar.

A ilha do Arapujá aos poucos está se reerguendo e, como uma fênix, ressurgindo das cinzas graças ao maravilhoso ciclo vital da natureza. Da orla já é possível ver pequenos arbustos tecendo novamente o chão de verde que o fogo transformou em cinza.

Imagino que nesse momento tu estejas em pranto, de fato a nossa ilha do Arapujá morreu. Um pouquinho de nós também morreu com ela. Infelizmente ela jamais voltará a ser como na nossa infância. Resta-nos guardar as doces lembranças na memória, nas fotografias, nas cartas.



Fonte: Dhemerson Santos

Abraços afetuosos do teu eterno curumim dos cabelos vermelhos...

Curupira.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Passagens. Belo Horizonte: UFMG; São Paulo. Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2006.

MACHADO, A. B. M; DRUMMOND, G. M; PAGLIA, A. P. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. In: Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. MMA; Fundação Biodiversitas, 2008.

**Imagens**

Imagem 1: Fonte: Página do Blog Loucos por Altamira Disponível em: <http://altamiraloucos.blogspot.com.br/p/blog-page.html>. Acesso em Dez. 2016.

Imagem 2: Fonte: Página da agência de reportagem e jornalismo investigativo Disponível em: <http://apublica.org/2014/08/em-busca-da-belo-sun/>. Acesso em Dez. 2016.

Imagem 3: Fonte: Página da Assessoria Jurídica Popular Disponível em: <http://assessoriajuridicapopular.blogspot.com.br/2015/11/abracos-destruicoes-e-belo-monte-o.html>. Acesso em Dez. 2016.

Imagem 4: Fonte: Página do portal AquaA3 Disponível em: <https://www.aquaa3.com.br/2016/02/brasil-sanciona-a-extincao-de-peixes-na-regiao-do-rio-xingu.html>. Acesso em Dez. 2016.

Imagem 5: Fonte: Blog do Oscar Brisolara Disponível em: <http://oscarbrisolara.blogspot.com.br/2016/07/construcao-da-usina-de-belo-monte-no.html>. Acesso em Dez. 2016.

Imagem 6: Fonte: Dhemerson Santos Arquivo pessoal do autor.

*Recebido em: 30/01/2017*

*Aceito em: 15/02/2017*

---

[4] O carimbó é um ritmo musical amazônico e também uma dança de roda de origem indígena, típica da região litorânea do nordeste do estado do Pará, no Brasil.

[5] Para os indígenas, Tupã representava um ato divino, era o sopro, a vida, e o homem a flauta em pé, que ganha a vida com o fluxo que por ele passa.

# Palavras desesterradas

---

Elenise Cristina Pires de Andrade [1]

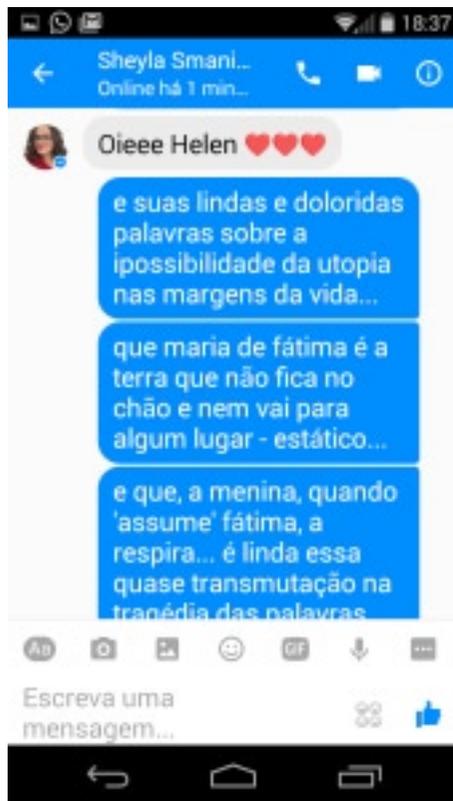
---

**Resumo:** A partir de sensações e mensagens trocadas via messenger, ao final de 2016, com Sheyla Smanioto, impressões, mergulhos e deslizes pelo seu primeiro romance “Desesterro”.

---

[1] Professora titular do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora do Mestrado em Educação do mesmo departamento. Email: elenise@uefs.br

Oieeee Sheyla,



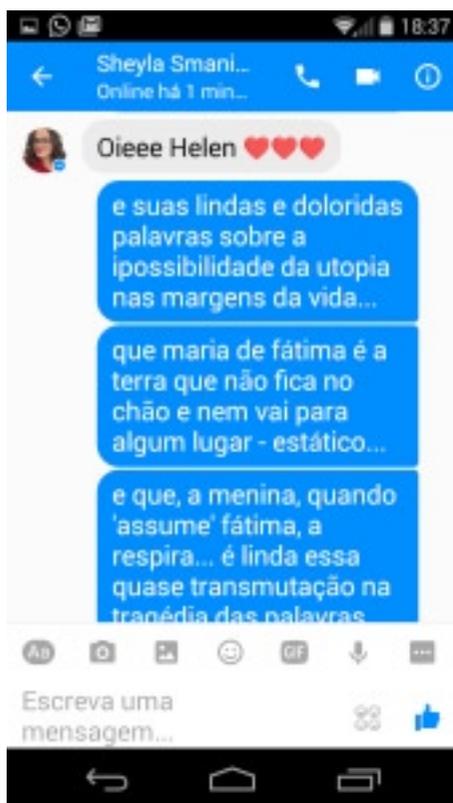
Em dossiê carta-clismático pensei ser interessante continuar a conversa com você junto com os prints aí ao lado, que aconteceu logo após minha imersão na poeira-pó-Penha-Maria em experimentações pelas palavras, pontuações, expressões sem pressa.

Comecei várias vezes seu livro, porque algo me incomodava: era pensamento? Era fato ocorrido? Onde estávamos? E, assim, fui per-correndo e atravessando as mulheres, suas dores, seus silêncios, Tonhos que perturbam...

Não sei se já lhe contei que li seu livro em condições muito particulares - fiz uma operação para retirada do útero - e precisei ser abduzida pela imobilidade...Li Mia Couto (2015), li Gonçalo Tavares (2014)- homens escrevendo de/nas mulheres... não brasileiros escrevendo em português. Daí você e suas Marias todas me arrombam. Eu em slow motion, olhando os detalhes e sentido as poeiras de todas essas mulheres, as moçambicanas, as portuguesas, as brasileiras e eu e você e quem eu não sei...

Há muito tempo não tinha essa fratura no passo, literalmente, porque precisava andar

muito devagar. E os romances, a literatura, ouvir você no vídeo... [2] deitar na cama e ficar lendo, parece que em um tempo infinito das palavras de vocês três. Fratura nessas mulheres corpos terra/poeira/silêncio... silêncio potente que nos grita desde dentro.



Vilaboinha, Vila Marta. Onde ficam? Por onde espiam as Marias d(n)esses lugares? Mulheres forças que nos provocam a todos os instantes as Penhas que nos habitam, nos invadem. “Toda vez que encontra a neta mais nova olhando longe Penha não sabe o que faz. Já cansou de mandar a diaba não dar nas vistas. Penha não

sabe o que faz com a menina: olha junto, olhe junto e enxerga até o que não vê.” (p. 138)

Desesterrar... desenterrar as vivências e experiências de ser mulher nos dias de hoje, ontem. Tensões por Vilaboinhas... boas vilas, boas vidas que nos arrancam dos clichês com as experimentações de Sheyla, suas escritas, excriptas que nos convidam ao deleite da leitura. São fortes cenas, pensamentos que pulam e voltam ao pó. Será? Maria ninguém que é Maria também... a terra rouba e não quer devolver. Nossos pensamentos roubam os latidos dos cachorros de Tonho... por que, Tonho? Por que atonhar as Marias? Por que os homens atormentam as mulheres? Não sei. Só sei que sou mulher e não admito tormentas que não escolho... Assim como Sheyla, saí do armário e assumi as Marias em pó que há em mim. São tantas e todas. São nenhuma e uma. Barriga que consome, vida que brota, assim como a terra... desesterrar...

*Recebido em: 30/01/2017*

*Aceito em: 15/02/2017*

[2] Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Aesb5W0zats&feature=youtu.be>



---

# Carta para X

---

Breno Filo Creão de Sousa Garcia [1]

---

**Resumo:** Um e-mail recebido, há muitos anos, me falava de um amor excruciante de tão intenso. Algo que havia se tornado impossível, de minha parte. Foram signos dolorosos, tramados virtualmente, sob os auspícios de uma relação distante, e recebidos covardemente. Signos amorosos que ficaram sem resposta, até certo tempo atrás. Sem uma resposta que, ao menos mencionasse, o grandioso mundo que inventamos para nos amarmos perdidamente. De uma engenhosa paisagem do passado, restou o pó. Grãos perduraram, materializando uma esperança e fazendo do amor uma relação com o escorrer do tempo. Com o envio desta carta, num exercício de coragem, tento dar outra vida para este lugar. Lugar reinventado para experimentar outras formas de cultivo do bem querer e do estar junto.

**Palavras-chave:** Tempo. Afeto. Estar junto.

## Letter to X

**Abstract:** An email I received many years ago told me about an excruciating love so intense. Something that had become impossible on my part. They were painful signs, virtually hatched, under the auspices of a distant relationship, and received cowardly. Signs of love that went unanswered, until some time ago. Without an answer that, at least mention, the great world we invented to love ourselves hopelessly. From an ingenious landscape of the past, the dust remained. Grains lasted, materializing a hope and making love a relationship with the flow of time. By sending this letter, in an exercise of courage, I try to give another life to this place. Place reinvented to try other ways of cultivating good will and being together.

**Keywords:** Time. Affect. Being together.

---

[1] Mestrando em Artes no Programa de Pós-Graduação em Artes ( PPGARTES), da Universidade Federal do Pará (UFPA).  
Contato: brenofilo@gmail.com



Figura 1 - Banquinho, de Breno Filo. 2017. Acervo pessoal do artista.

Belém, 07 de novembro de 2016

X,

Falo contigo do deserto que um dia foi nossa morada. Aqui, caminhamos em trilhas de sonho e devaneio que, pacientemente, alegremente, tecíamos, enquanto nos amávamos e trocávamos confidências, em claras ações de fuga da cotidianidade, embebidas de um amor inexplicável. Distante e, no entanto, intenso. A paisagem de nosso afeto era rica, e se transmutava a cada alteração de humor nossa, com a influência de alguma viagem recente, e mesmo alguma referência literária... como esquecer de quando ficamos sós, desnudos, cobertos somente por uma pesada manta vermelha, sobre aquela árvore ressecada, em neve? Um afeto tão complexo quanto a imaginação de quem nunca viu neve na vida, mas eu certamente faria questão de compartilhar essa experiência contigo, mesmo hoje. Hoje encontro uma árvore indiscernível, as matas ricas, as tartarugas e as encantarias de seu entorno também estão secas, mortas, causticadas. Cobertas de areia. Sol escaldante.

*Como vai?*

Sabe, tenho ido bem, apesar dos rodeios e solavancos que a vida dá. Recentemente, me surpreendi agindo feito um tonto, me enclausurando à toa, como quem nunca tivesse enfrentado mundos e fundos em nome do amor. Da liberdade de se permitir ser quem se é. Esse discurso pode parecer esquisito para ti. Um fantasma emocional estava a me rondar, talvez por ter largado de mão alguns hábitos que me são de muito valor: não tenho mais jogado jogos interpretativos, e há muito tempo não viajo com meus amigos para a praia. Mau-mau está por aí, inclusive. Lis, volta e meia, também floreia pelas bandas daí. Tens visto eles? Ando isolado. Isolado em solidões povoadas, outras solidões. Um novo amor que me dói de tão grande e misterioso. Novas presenças, encarnadas e oníricas, também têm me encontrado, e trocado muitos afetos. Poéticos inclusive. Uma festa de sonhos, regados a cerveja às vezes, outras ilicitudes também, nas quais me sinto esquisito, em fastio.

*Daí venho caminhar por aqui.*

*Me pergunto se tens vindo também.*

*Talvez já estejas em outro ponto,*

*de tão inóspitos que nos encontramos. Esse lugar.*

*Já foi banco de praça, cascatinha. Fomos.*

*Era bem pequeno, era suficiente.*

As vezes esbarro com a circunstâncias, tomo chá com elas. Elas imperam neste lugar, e delas nos deixamos escravizar em certo momento. Tu

recordas? Lidávamos com elas como que numa farsa muito bem montada. A elas dirigíamos toda a dor e repulsa por não estarmos juntos, e por darmos nomes e formas a elas, achávamos que tínhamos certo domínio sobre elas. Inocentes que éramos! Hoje as reverencio, e finalmente entendi a força delas. Eu precisava ultrapassá-las, assim como você certa vez o fez, e quebrou o tabu imposto por elas, me encontrando, finalmente. Antes disso, flertávamos com a distância e com a espera, artigos raros hoje em dia, trocando mimos, cartas e bilhetes via correio. Você sempre mais decidido, no limite do possível. Eu, rarefeito, me perguntando, me questionando, necessitado de carnalidades. Tolo que fui, devastei-te. Devastei nossa rica El Dorado. Esvaziei-me.

*Terminei, terminamos.*

*Amei-te, e sou eternamente grato pelo teu amor.*

*Estou aqui para semear este lugar de novo, espero que não se importe.*

*Desse nosso amor, acredito que tivemos grandes aprendizados.*

*Com as coisas da vida, construindo uma vida de sonho.*

*Quero muito transmutar essa memória,*

*Esse sentimento grandioso.*

*Com o poder agir no mundo.*

*Construir mundos.*

Hoje me permito dizer, sempre que eu encontrar um novo lugar, e pessoas com quem compartilhar, amar, curar... para cá estarei trazendo ela, e com esta carta, lhe convido a fazê-lo também. Ou que venha visitar, ao menos, poxa. Quero cultivar outras formas de viver nesse lugar, que não somente pelos fantasmas do passado, mas pelas ações do presente e os projetos para o futuro. Os tais porvires, tão misteriosos!

Varrer a estradinha, limpar o banco da praça, mergulhar na cascatinha. Se falei, existe de novo. Ainda há deserto, ainda há neve também, as terras se dobram, desdobram. Praias, areia branca, bancos de argila branca, roxa, vermelha, falésias, raízes que sobem mais alto que os bancos de areia, mangueiras, percevejos, pés de maracujá, aranhas caranguejeiras com patas azuis, espadas de São Jorge, tatus atravessando o caminho de piçarra, árvores altas, copas entrelaçadas, escadarias que vão do nada ao nada, pontes, casebres vazios, barcos cheios de gente, pizza, salsicha, pescada frita, mapará na brasa, limãozinho, cheiro de umidade, amanhecer em neblina, frio matinal, porcos encantados que encaram e reverenciam.

Um lugar grande, mas pequeno a ponto de caber num envelope, numa fibra vegetal.

Que esta carta seja o marco dos nossos encontros.

E dos muitos importantes encontros a atravessar nossas vidas.

Te saúdo, meu querido.

*Recebido em: 30/01/2017*

*Aceito em: 15/02/2017*



---

# Desvio: a cidade posta em cartões

---

Amanda M. P. Leite [1] e Renata Ferreira da Silva [2]

---

**Resumo:** Esta escrita estuda a produção de cartões postais a partir de um modo intensivo de encontro com a cidade de Palmas, capital do Tocantins. Acontece um desvio, na contramão de cartões-postais exuberantes e espetaculares, as capturas revelam um conjunto de fotografias às avessas, um anti-postal, ou mais próximo dos modos de vida que avistamos no cotidiano da cidade. Exercitamos um modo de habitar, praticar e (re)ver Palmas, uma cidade planejada, projetada para o futuro e cheia de fissuras no presente. As capturas são também modos de ver e deslocar a paisagem contemporânea a partir de criações artísticas e experimentais e pensar as possibilidades de pesquisa nas cidades.

**Palavras-chave:** Cartão postal. Cidade. Experimentação.

## Detour: the city put into cards

**Abstract:** This writing studies the production of postcards from an intensive way of meeting the city of Palmas, capital of Tocantins. There is a detour, against exuberant and spectacular postcards, the catches reveal a set of photos in reverse, an anti-postcard, or closer to the ways of life we see in the daily life of the city. We practice a way of dwelling, practicing and (re) seeing Palmas, a planned city, projected for the future and full of fissures in the present. Captures are also ways of seeing and moving the contemporary landscape from artistic and experimental creations to thinking about the possibilities of research in cities.

**Keywords:** Postcard. City. Experimentation.

---

[1] Doutora em Educação. Fotógrafa. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Contato: amandaleite@uft.edu.br

[2] Doutora em Educação. Atriz. Professora do curso de Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Contato: renataferreira@uft.edu.br

*[...] não é apenas o espetáculo que tende  
a extravasar sobre o real,  
é o cotidiano que sempre se organiza como  
espetáculo ambulante [...]*  
(DELEUZE, A imagem-tempo, 1990, p. 14)

Cartepostalizar a cidade é escrever em estado de desvio “pois é justamente a carta desviada que nos ocupa, aquela cujo trajeto foi alongado” (DERRIDA, 2007, p. 484). Alongar e fazer circular cartões-postais é esperar por respostas que, quem sabe, venham, quem sabe não. Em originário estado de desvio, os postais saem de Palmas e são lançados ao vento da errância. Derrida (2007), insiste que é “por poder sofrer um desvio que ela [carta/cartão-postal] tem um trajeto que lhe é próprio” (DERRIDA, 2007, p. 484 - observação nossa). Estamos enviando fragmentos de imagens e imprecisões da cidade de Palmas, capital do Tocantins, como pedaços de singularidades. Estes detalhes estão destinados mais a errância em uma revista on-line do que uma destinação. Seriam legíveis a qualquer um?

Aprendemos com Derrida que o sentido de um bilhete, um cartão-postal, uma carta “não possui um lugar idêntico a ele mesmo” (DERRIDA, 2007, p.484). Tais cartões se resumiriam a um índice de singularidade enviado a um destinatário com um claro e fechado significado? Não. “Seu sentido importa pouco, ele não se resume a isto” (DERRIDA, 2007, p.484). Produzir um cartão postal tem sido um modo intensivo de encontrar a cidade, habitá-la, praticá-la e produzir sentidos.

Na contramão de cartões-postais exuberantes e espetaculares, no sentido de Debord [3] (1997), as capturas revelam um conjunto de fotografias às avessas de um postal, anti-espetáculo, ou mais próximo dos modos de vida que avistamos no cotidiano da cidade. Um modo sensível de (re) ver Palmas, uma cidade planejada, projetada para o futuro e cheia de fissuras no presente. As capturas são também modos de ver e deslocar a paisagem contemporânea a partir de criações artísticas e experimentais. Os cartões-postais são caracterizados por, de um lado, apresentar uma imagem (fotografia e/ou desenho) e, de outro lado, deixar um espaço em branco para que alguém escreva algo a partir do lugar que se encontra, da sensação que lhe atravessa, do ponto de vista que observa, etc. São cartas-imagéticas remetidas sem envelope que, “pegam” e “levam” parcelas de nós mesmos e das cidades que percorremos mundo afora.

Menos interessadas em promover a divulgação da cidade de Palmas como um lugar atraente e encantador, nossa intenção é lidar com a imagem-texto, imagem-movimento, imagem que provoca sentidos não fixados. Não se trata de um cartão postal representativo ou documental, mas sim, de criações que desejam encontrar outros sentidos disparados a partir das capturas imagéticas e textuais. Um movimento potente que sugere deslocamento. Inventamos postais e espalhamo-los ao vento.

Os postais provocam. Podem ativar potentes interlocuções entre aquele que propõe e aquele que vê. Não para conceituar a verdade sobre as paisagens da cidade, na contramão disto, coloca também o espectador à deriva, abre passagem para um tempo Aion [4] (Deleuze, 2009), o tempo da mirada, da eternidade ou de quanto dura o olhar sobre um postal. Pelos postais também viajamos no tempo,

entre paisagens e narrativas visuais. Quando remetemos um postal a alguém convidamos outra pessoa a se aventurar, a colocar-se em travessia. O que acontece nesta deriva? No instante em que percorremos as paisagens de um postal, deslocamos nosso corpo, nossa mente, nossos sentidos. Miramos sem finalidade e somos afetados, atravessados, lembramos de coisas vividas, (re)criamos histórias, fazemos conexões. Um postal (na sobreposição de imagens e textos) pode provocar infinitas leituras e a (de)composição narrativas. O que você avista?[5]



#### Verso[6]

Alho. Pimenta. Cominho. Açafrão.

Tempero desidratado. Raiz forte.

Sal. Gengibre. Colorau.

Ah! Como eu gostaria de te enviar o cheiro...

Estou bem. E você, como está?



#### Verso

Se tem uma coisa que me chama a atenção  
neste lugar é a moda.

Preciso te contar uma coisa, mas não espalhe.

Outro dia avistei pessoas entrando no lago  
assim, acredita?

Uma mulher com vestido “tubinho”,  
outra com calça leg, camisa e cinto dourado.

Havia também um homem.

Bermuda jeans e camiseta gola polo.

Quase 40°.

A verdade é que qualquer pessoa gostaria de  
se atirar no lago.

O cinto reluzia. O camisa boiava.

A gola polo do homem pesava sobre o corpo.

Biquíni para que?

Levará um tempo para eu entender...

Ando tão fora de moda.



### Verso

Outro dia caminhei pelo camelódromo daqui.  
Foi um passeio diferente. Um convite e tanto  
para a  
explosão de cores, formas, texturas, sons...  
Fui capturada. A música era tão estranha a  
mim.

Orgulhoso o dono da loja me disse: pode  
fotografar.

Tanta coisa passou pela minha cabeça naquele  
instante.

Fiz a foto.



### Verso

Visite Palmas!

Caçula das capitais brasileiras.

Princesinha do Brasil.

Capital da alegria.

Beijo.



### Verso

Enganei-me pensando que o céu azul daria  
conta de tudo. Descobri que o limpo céu azul  
arde. Pratiquei este cartão postal para você  
porque os coloridos das vassouras gigantes  
que são vendidas aqui (pelas ruas e na  
feira da cidade) são para mim uma espécie  
de revelação. Quem alcança o infinito e a  
eternidade? Como a menina que se depara  
com o medo da eternidade ao mascar  
chicletes pela primeira vez naquele conto de  
Clarice Lispector (que amo), eu também estou  
ficando aliviada sem o peso da eternidade  
sobre mim. Eu te envio, simplesmente, este  
pedacinho.



### Verso

Aqui, nos nossos cartões-postais,  
nenhum detalhe será menos importante.

Eu continuo a me perder por aqui. A sensação de dirigir numa cidade logicamente organizada por quadras e rotatórias não deveria ser uma experiência feliz? Ah! É para ver de cima? Mas, ao chegar em Palmas observa-se que tudo parece familiar, uma vez que se tenha feito um percurso entre duas rotatórias, a cidade se repete e nos confunde como um jogo de espelhos. Avenidas, bolsões e fachadas se duplicam ao infinito, refletindo-se. É difícil criar marcas nesta cidade e, ao mesmo tempo, é fácil perder-se. Grande curva, retorno.



### Verso

Aqui eu pratico uma rotina anual.  
Em setembro eu queimo com o cerrado.  
Tenho aprendido a renascer com a chuva.  
Realmente, você tem razão. Não tem nada  
mais resistente  
do que os brotos verdes no carvão.  
Eu quero voltar lá para carterpostalizar isto.  
Por hora descobri que em setembro, por aqui,  
sempre tem alguma coisa queimando.  
Até quando? Até quando?



### Verso

Hoje eu passeio. Fortaleço, como um  
personagem conceitual,  
a figura do andarilho, definido pelo seu modo  
de andar, andar por aí...  
Estou mais atenta às ruas. Há furos, fugas.  
Estou quebrando os espelhos e tentando (hoje)  
capturar/produzir diferenças.  
Escreve logo.

## REFERÊNCIAS

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo:** comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DERRIDA, Jacques. **O cartão-postal. De Sócrates a Freud e além.** Trad. Ana Valéria Lessa e Simone Pereklsn. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido.** Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2009.

*Recebido em: 30/01/2017*

*Aceito em: 15/02/2017*

---

[3][...] Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação [...] o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens [...] o princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas suprassensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência (DEBORD, 1997, p. 13; 14 e 28).

[4]O tempo Aion é um tempo incorporal que cruza o tempo atual com o virtual. “Aion é lugar dos acontecimentos incorporais, ilimitado como o futuro e o passado, mas finito como o instante [...] povoado de efeitos que o habitam sem nunca preenchê-lo [...] se estende em linha reta e limitada nos dois sentidos [...] passado e eternamente por vir” (DELEUZE, 2009, p. 170).

[5]Caso queira dar circularidade a estes postais, cartepostalize sua cidade e nos envie.

[6]Os cartões-postais foram produzidos com fotografias de arquivos pessoais das autoras deste texto.







Arte



**ARTES**



---

# Projeto de Arte Postal

---

Alzira Ballestero, Liliana Menegali, Renata Ghirotto e Zelinda Jordão

---

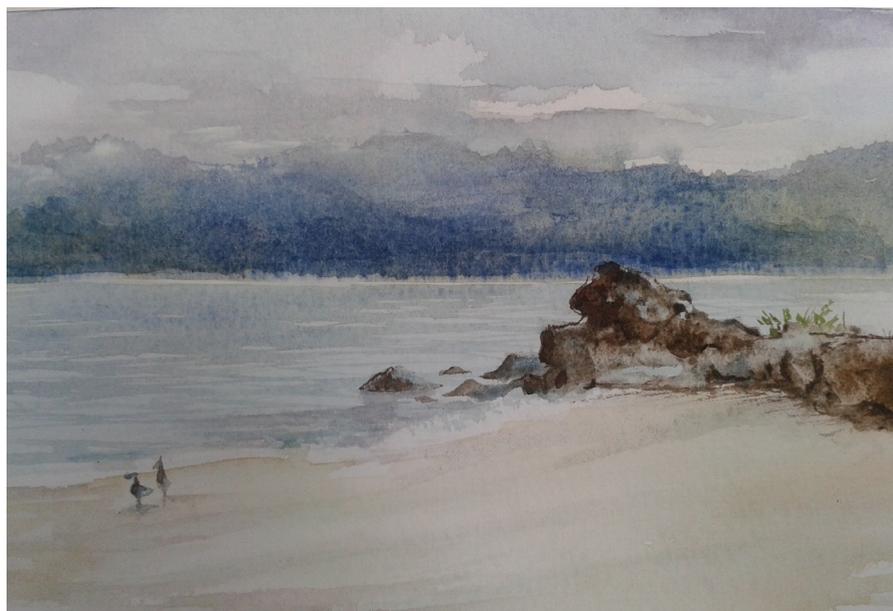
Projeto de arte contemporânea com elementos de arte postal, desenvolvido pelas artistas Alzira Ballestero, Liliana Menegali, Renata Ghirotto e Zelinda Jordão, do Ateliê Casa 3, localizado em Piracicaba (SP), Brasil. Os trabalhos originais produzidos pelas próprias artistas, em técnicas diversas, no formato 10 x 15 cm, são enviados gratuitamente, via Correios. A seleção para envio é feita aleatoriamente, mas para pessoas e instituições do meio artístico e cultural. A ação tem como objetivos:

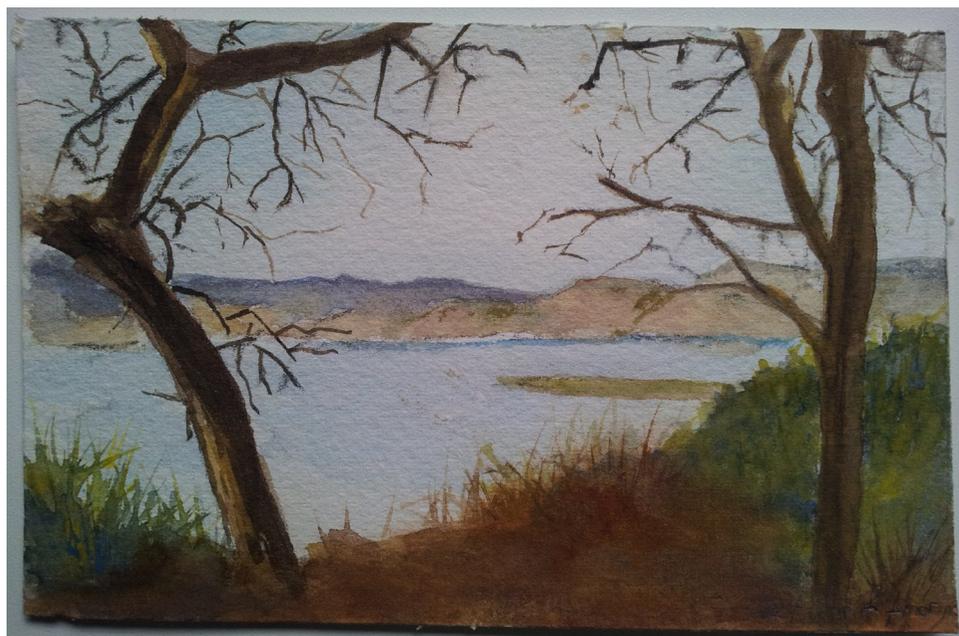
- envio de trabalhos para diversas partes do mundo;
- incentivo à pesquisa, experimentação e produção das artistas;
- compartilhamento com outros artistas e interessados em arte;
- intercâmbio de ideias com outros Ateliês;

O Projeto de Arte Postal tem proporcionado um grande enriquecimento artístico e cultural, através da grande pesquisa que essa troca artística propicia. O Ateliê Casa 3 participou de três exposições, todas em 2016, com esse projeto. Duas ocorreram na Pinacoteca Municipal Miguel Dutra, de Piracicaba, e outra na Universidade Metodista de Piracicaba. Em atividade desde janeiro de 2015, já ultrapassa o número de 980 trabalhos enviados para mais de 250 cidades diferentes, localizadas em mais de 30 países, além do Brasil.

Links: [postalprojetocasa3.blogspot.com.br](http://postalprojetocasa3.blogspot.com.br) | <https://www.facebook.com/casa3projetopostal>

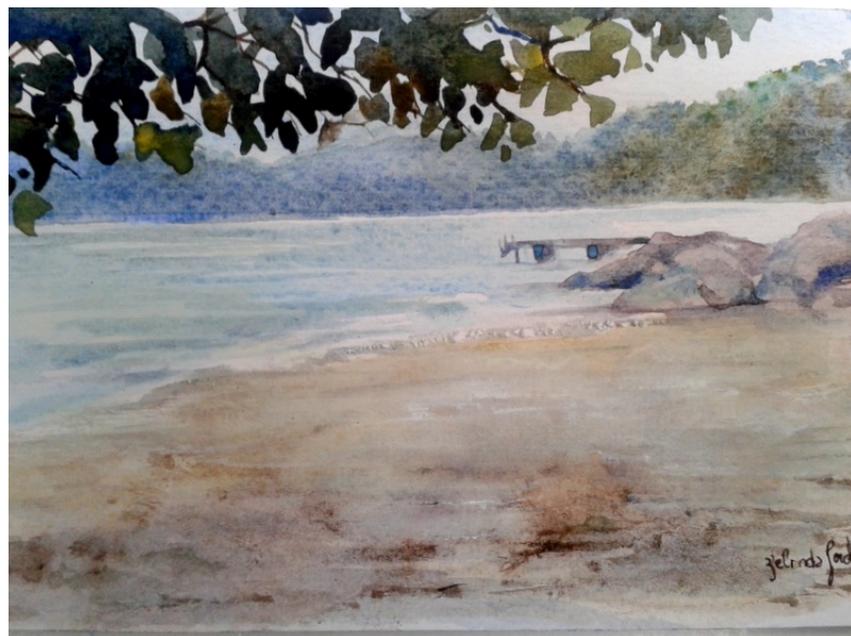


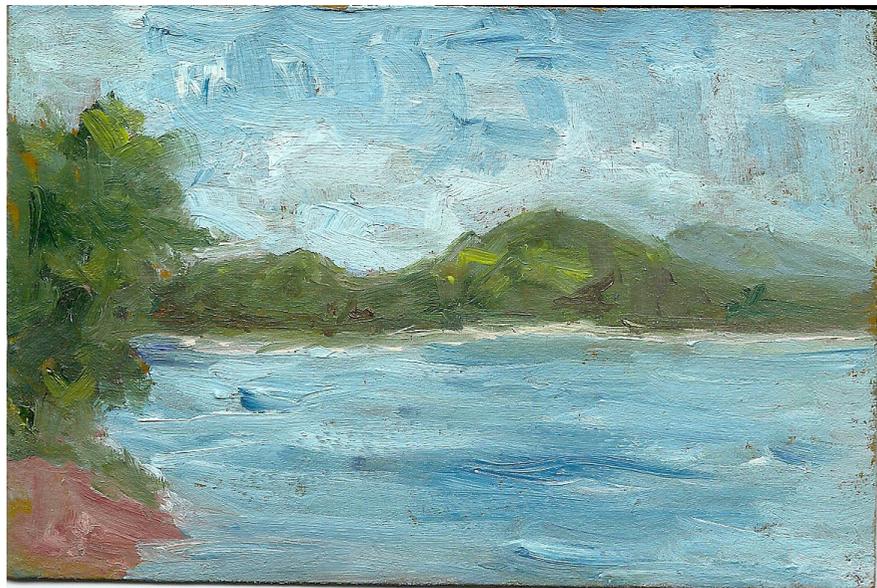


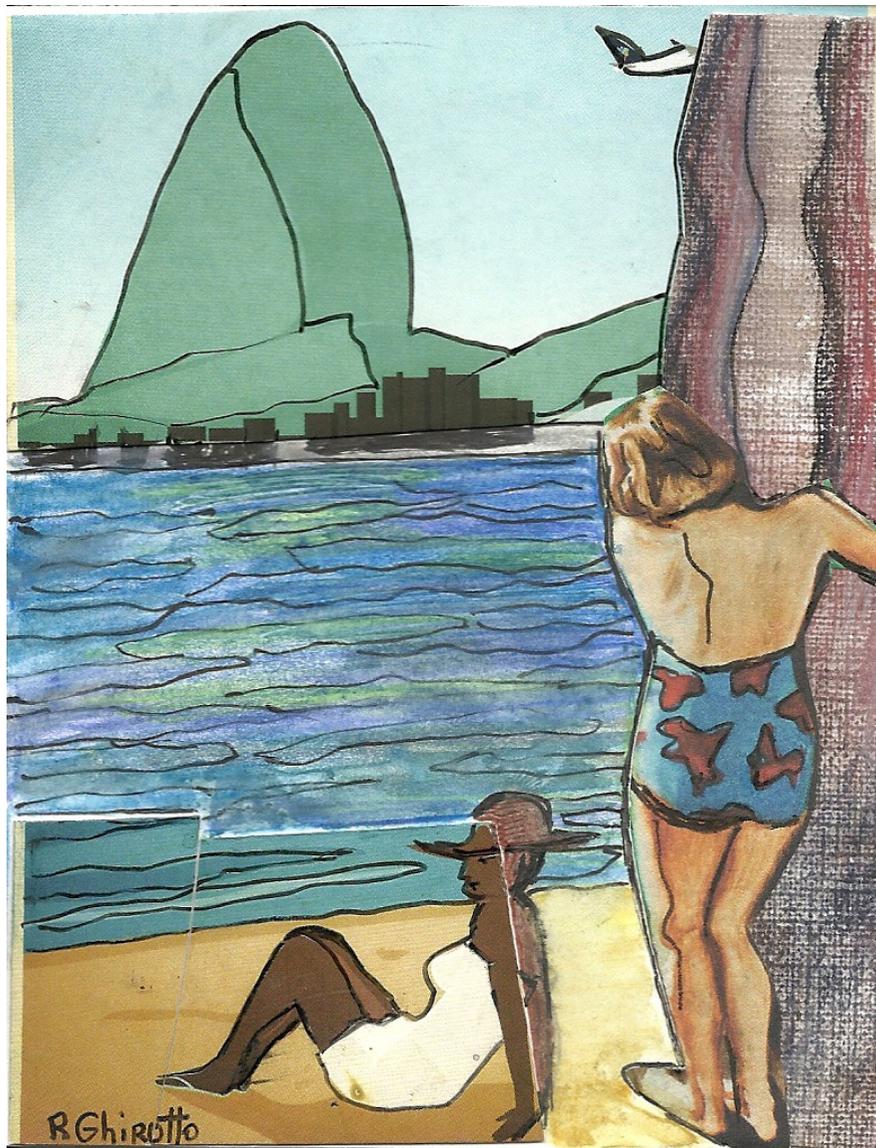














---

# Ka'atinga

---

Vinicius de Brito

---

Remetente]. “Ka’a” traduz mato em tupi. E “tinga”, branco. Ka’atinga. A etimologia desvela a raiz do bioma. Algo ali transgride o branco da mata. Porém, o imaginário coletivo deixou escapar o verde das árvores e o florir dos arbustos. Povoou as cabeças com imagens do solo rachado e do galho entortado. Não reparou a marcha da algaroba a espalhar sementes no inverno - para reter água no verão. A seca enrugou a folha, mas lhe preserva a raiz. A natureza é indissociável ao ser, a quem a planta pode servir de metáfora - tal como as cartas. Cartas são predestinadas ao voo. Tudo que sobe, revolve a terra na colheita. (De)certo. A carta flora palavra. A semente flora algaroba. No meio, a dúvida. Que nasce do encontro da ka’atinga com a carta? (Des)terra.

Cinco imagens propõem uma nova marcha, não apenas da algaroba - cujas sementes curvas estão em um dos quadros -, mas da caatinga. Uma jornada em busca da estética da vegetação, que ora é branca ora é verde ora cabe em espectro-nenhum-de-cor. A técnica do scanner art inspira “Ka’atinga”, que bebe também na beleza dos livros de botânica para tirar do papel cartas floradas. De caatinga são 11% do território brasileiro, em mais de 900 espécies de plantas. Registros dessa natureza soam genérico-limitados. Contudo, o afeto transborda de significado o ensaio. Deste lado, eu escrevo a carta para algum fulano desconhecido fl(o)rar a ka’atinga f(l)ora de mim. [Destinatário]

País de produção: Brasil. Ano: 2016.

**Autor:** Vinicius de Brito

Pesquisador, jornalista e fotógrafo. Mestrando em Divulgação Científica e Cultural na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); turma de 2017. Formado pela faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é vencedor de prêmios em telejornalismo e jornalismo literário. Nascido no Recife e criado no Sertão de Pernambuco, escreveu para o Diário de Pernambuco (com publicações no Correio Braziliense e Estado de Minas), Assiste Brasil e Confira Mais.

**E-mail:** [viniciusdebrito@gmail.com](mailto:viniciusdebrito@gmail.com)





*Detalhe de matriz da obra maré. Xilogravura, 94 x 194 cm, 2011-2015. Foto: Ernesto Bonato*







# Redondezas

---

Annaline Curado

---

Um ensaio poético composto por pedaços de cadernos, bilhetinhos, cartas, e-mails, postais, correspondências que recebi e provoquei ao longo dos dois anos de minha pesquisa de Mestrado em Artes Visuais, intitulada: CASA-NÔMADE (afetivações urbanas). Nesse que chamei de “capítulo vizinhança”, busquei traçar uma cartografia das trocas que estabeleci com aqueles que compuseram essa espécie de comunidade nômade por onde transitei e habitei. Trata-se acima de tudo de um texto-rede, escrito a muitas mãos.

**Autora:** Annaline Curado. Artista - educadora - viajante. Mestre em Artes Visuais pela UDESC (2016)

**Link:** [www.casanomade.wordpress.com](http://www.casanomade.wordpress.com)

REDONDEZAS  
por Annaline Curado\*

Um ensaio poético composto por pedaços de cadernos, bilhetinhos, cartas, e-mails, postais, correspondências que recebi e provoquei ao longo dos dois anos de minha pesquisa de Mestrado em Artes Visuais, intitulada: CASA-NÔMADE (afetivações urbanas). Nesse que chamei de "capítulo vizinhança", busquei traçar uma cartografia das trocas que estabeleci com aqueles que compuseram essa espécie de comunidade nômade por onde transitei e habitei. Trata-se acima de tudo de um texto-rede, escrito a muitas mãos.

para saber mais sobre o trabalho:  
[www.casanomade.wordpress.com](http://www.casanomade.wordpress.com)

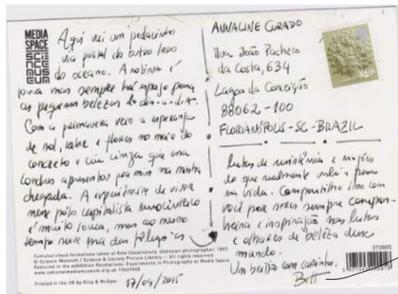
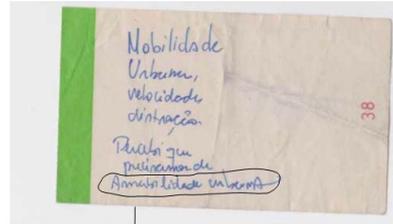
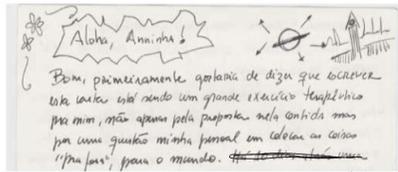
\*artista-educadora-viajante  
mestre em Artes Visuais pela UDESC, 2016.

## RE-DON-DE-ZAS

(latim rotundus, rede, referencia, recolta, refugio)  
substantivo feminino, capítulo (vizinhança)

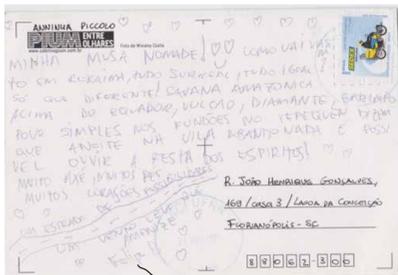
do que me circula, nunca me enquandra; das estórias que caminham; telefone sem fio; espaço de conversação; das referências da rua; do que não escrevi; do que pensam os vizinhos distantes; amor pela troca; sobre morar e caminhar juntos; quando outros escrevem e a gente se toca; sobre o tempo das cartas; sobre as dádivas do caminho; das receitas da vó; ser com outros; descondicionamento do cotidiano; compartilhamento de olhares; dos vizinhos que a vida nos dá; comunidade de aprendizagem; movimento de dissertação coletiva; do que vivi através de; sobre o viajar para se encontrar; horta comunitária de saberes; do que dizem que é e eu acredito; do que não é aqui mas é como se fosse; dicas; citações da roça; divagações sobre o ir e vir; sobre ser ridículo; patrocínio de poetas amigos; dos outros moradores que habitam e transitam esta casa; pedagogia da aproximação; escrita da percepção; política da faisca; cartografia da poética; provocação de metodologias; da causação de empatias; substantivo em estado plural.





Londres- INGLATERRA

150



de bicicleta pelo Leste do MUNDO

de bicicleta pelo BRASIL



"(...) Nem se esquentam que a carta demorou a chegar, cartas são assim... demoram."

Bem, isso tudo me levou a conclusão (isso, mais o teu projeto, mais os filmes que tu me passasse - que consegui ver inteiro, só o trailer) que estamos em busca de um desaceleramento da vida.

Estou fazendo uma pesquisa "pessoal" sobre como as pessoas vêem as situações de espera. Ninguém gosta de esperar, esperar é um martírio. As pessoas estão se desacostumando a não ter nada o que fazer. No entanto, são exatamente estas situações que propiciam a faísca da criatividade. (Tarja Branca divagações)

Não temos tempo, e não queremos expender o tempo que temos fazendo nada.

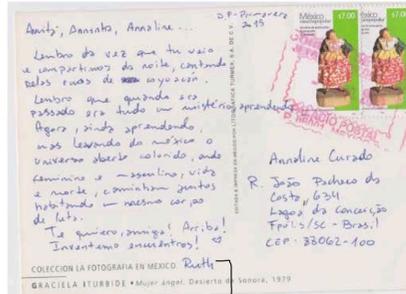
Ter mais tempo livre para fazer nada. Desconectar da internet e nos conectar com as pessoas que esta facilidade nos possibilita.

Tornar pessoal, não impessoal como somos ensinados. (...)

Ai escrevi demais, já são 00:53 aqui. Me empolguei, pra isso vale a pena "perder" horas de sono (...)"

Catarina Lisboa

Perth- AUSTRÁLIA



DF- MEXICO

“E você, como está? como andam os processos de mestrado?”

beijos e carinhos!

Juju

PS: te mando 2 fragmentos do conto “15 Cenas de descobrimento de Brasis”, de Fernando Bonassi

Ainda não estamos habituados com o mundo. Nascer é muito comprido.

(Murilo Mendes - “Reflexão número 1”)

154

dentro, o que lembrava mais ainda a minha casa cheia de plantas e o chá que sempre tomava com minha mãe... Em cima coloquei uns chumaços de algodão, que tanto representavam as nuvens que via ali deitada, como os meus cabelos de nuvem em cima do travesseiro.

Este objeto passou a ser meu amuleto, minha casa objetificada e meu conforto quando a saudade apertava.

Ao contar aos colegas a justificativa de tal símbolo, acabei por perceber, e explicar, a falta de um travesseiro. No dia seguinte ganhei um, e nele tava escrito:

“O importante não é a casa que moramos Mas onde, em nós, a casa mora.” Mia Couto”

Rio de Janeiro-RJ

Renata Sampaio



São Paulo-SP

156

“A casa que a Marina me deu...”

Comecei a pensar em casa esse ano, quando passei pouco mais de três meses em São Paulo: Uma oferta de trabalho, 1 dia pra decidir, 1 semana pra me mudar... Lá estava eu, com uma mala e uma mochila, rumo a um trabalho que queria muito, numa cidade que conhecia pouco, à procura de um lar temporário.

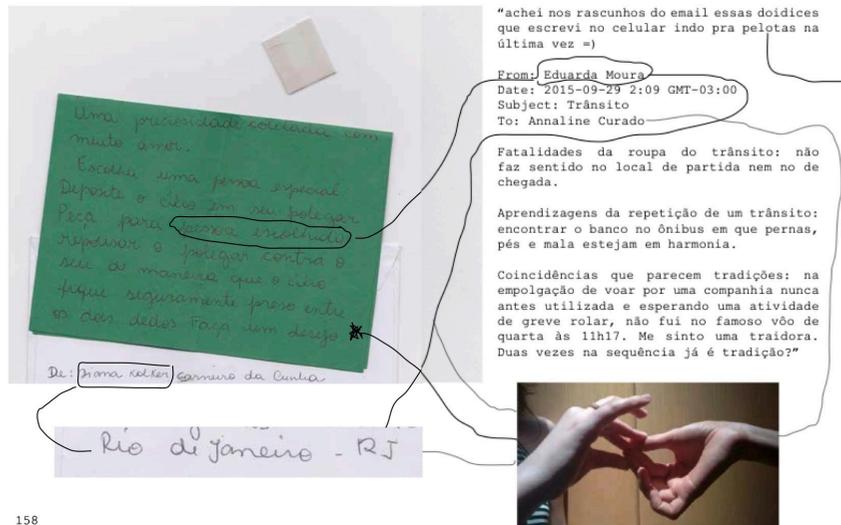
Enquanto procurava, morava na sala da casa de uma amiga, de onde acabei não saindo, pois era impossível achar um lugar com um mínimo de privacidade, por pouco tempo, dentro das minhas condições financeiras e espaciais. Minha casa se resumia a três caixas de papelão - de tamanhos complementares, quase uma bonequinha russa - e um colchão emprestado. Senti falta de um quarto, menos por ser um local onde guardo as minhas coisas, e mais por ser um lugar onde me guardo, entendendo-o como um dispositivo de livre-arbítrio na convivência de uma casa...

Na primeira atividade no novo trabalho, meditamos e bordamos em feltro as imagens que nos tinham vindo na meditação, foi aí que me dei conta das saudades de casa, e da última imagem que tinha dela: eu deitada na cama da minha mãe, olhando pela janela, vendo as nuvens passearem no céu, entre as montanhas que circundam meu bairro. Espaço, natureza, privacidade, tempo e TRAVESSEIRO! Me deu muita saudade da minha mãe também, principalmente porque o ato de costurar me lembra muito ela, que é costureira... Assim, meu objeto foi um travesseiro cheio de erva doce

“Ao longo de toda estadia paulista pensei muito em como a casa é muitas vezes um depósito de coisas, o quanto podemos viver com muito menos, e como uma pequena coisa pode ser incrivelmente potente, a ponto de conter a casa inteira dentro dela. É um começo de ideia para um trabalho que ainda quero amadurecer... Mas de imediato, ao voltar pro Rio, pensei que deveria fazer mais desses amuletos, pra carregar junto comigo, coisas que só a casa me dá! Então fiz com dois pedacinhos de feltro que tinha trazido comigo, um outro travesseiro, dessa vez com sal grosso, um símbolo de limpeza muito forte carregado por muitas gerações da minha família, a que sempre recorro, em formato de banho, quando preciso... Queria ter esse poder junto comigo, porém, parece que ele não achou lugar pra estar, nem no quarto, nem na bolsa...

(Aqui entraria uma foto desse segundo amuleto, que eu esqueci de tirar)

Foi quando você disse que passaria pelo Rio entre uma residência e a volta pra casa... e já tinha dito do seu projeto de mestrado e do seu interesse na participação dos amigos na sua discussão sobre casa... Curiosamente quando lhe falei da frase do Mia Couto, aquele já era seu livro de cabeceira, e como eu queria que essa história toda do travesseiro virasse algo para além de mim... Tava decidido: o amuleto seria seu! Quando enfim marcamos nosso encontro no mar, não tive mais dúvidas, tudo fazia sentido! O amuleto é uma lembrança do Rio de Janeiro, é o azul e o sal do mar de minha mãe yemanjá, sou eu, minha casa e todas as potências que há dentro dela, em formato de presente pra você!”



Uma coincidência notada em muito amor.

Encontrei uma peça especial. Deposite o livro em seu bolso. Peça para alguém te ajudar a pegar o livro da maneira que o livro fique seguramente preso entre os dedos. Faça um desejo.

De: Prima Nelson Camilo da Cunha

Rio de Janeiro - RJ

"achei nos rascunhos do email essas doidices que escrevi no celular indo pra pelotas na última vez =)"

From: Eduarda Moura  
Date: 2015-09-29 2:09 GMT-03:00  
Subject: Trânsito  
To: Annaline Curado

Fatalidades da roupa do trânsito: não faz sentido no local de partida nem no de chegada.

Aprendizagens da repetição de um trânsito: encontrar o banco no ônibus em que pernas, pés e mala estejam em harmonia.

Coincidências que parecem tradições: na empolgação de voar por uma companhia nunca antes utilizada e esperando uma atividade de greve rolar, não fui no famoso voo de quarta às 11h17. Me sinto uma traidora. Duas vezes na sequência já é tradição?"

158

"(...)Eu fico achando engraçado as pessoas que não estão acostumadas com o ônibus, que prestam atenção no filme que explica as coisas do ônibus, que se surpreendem porque a empresa disponibiliza água. Eu acho que criei meus próprios rituais: se saio de madrugada peço corredor porque dormir no corredor é mais confortável. Se é dia prefiro janela, especialmente quando existe chance de eu poder não ler e ficar olhando as coisas na rua com fones de ouvido. Sempre gosto de pegar a água e dificilmente como. Gosto de colocar o celular no modo avião pra não consumir a bateria e pra não incomodar as pessoas que estão dormindo. Prefiro usar o banheiro da rodoviária que do ônibus porque aqui tenho muita preguiça de levantar, mesmo que o da rodoviária seja mais sujo. Sempre prefiro sentar ao lado de mulheres e nunca planejo encontrar alguém no ônibus pra conversar, parece antipático, mas é que eu gosto muito de aproveitar o tempo do ônibus pra pensar na vida quando não preciso ler. O que eu gostaria mesmo é de nunca precisar ler livros acadêmicos no ônibus. Literatura eu gosto, mas se for outra coisa eu acho difícil porque eu me desconcentro muito fácil. Precisar ler é uma constante, é uma obrigação na qual penso o tempo inteiro. Não quero parar nunca de ler, mas gosto muito do ócio e do tempo livre de leitura, com prazo, mas sem pressão. Gostaria de contemplar as coisas da rua sem culpa porque tem um Canclini não lido dentro da mochila. A mochila, assim como o ônibus e a leitura talvez sejam as casas que mais frequento ultimamente. Pergunto: o que é uma casa? Precisa paredes e teto? Ouço algumas pessoas falarem nas "pessoas-casa" que seriam

160

pessoas muito queridas que aconchegam a gente. Nem o ônibus, nem a leitura e nem a mochila me aconchegam, ao contrário, me movem de lugar. Dá pra dizer que são casas? Pode ser que não, mas eu acho que sim porque são coisas que dizem tanto de mim nos últimos tempos. Não gosto de arrumar a mochila, mas desenvolvi a capacidade de fazer uma mochila tão curta pra passar uma semana que caiso inveja em algumas pessoas. Acho que casa tem a ver com intimidade e talvez as "pessoas-casa" sejam íntimas da gente. Eu não sei se eu sou íntima dessas coisas ou se essas coisas são íntimas de mim, mas eu me sinto muito integrada com elas. Estar em casa ultimamente é estar longe de casa e nada disso tem a ver com conforto."

(28/05/2015) Helena Monschoutis

"Quase todos os dias, quando saio do trabalho, tomo café numa padaria na Andradas. O lugar é pequeno, não tem mesas, só um balcão, onde é servida a meia dúzia de comidas que fazem o cardápio. Ali não se encontram funcionários, são os próprios donos que atendem, um casal com forte sotaque do interior. Hoje, 'ajudando' no caixa tinha um menino, devia ter 8 anos no máximo, os traços do rosto deixavam claro o parentesco com o casal. Um dia isso aqui vai ficar pra ele, advertiu o homem enquanto passava um café. Percebendo o entusiasmo do menino, perguntei: O que vai ser quando crescer? Não sei ainda, ele respondeu, e você, o que foi quando era criança?"

Marcos Giacomelli

Porto Alegre-RS



"A constância é algo flexível!"  
 "A constância é ritmo."  
 "De acordo com a prioridade você decide o ritmo da sua constância"

"La costanza è algo flessibile"  
 "La costanza è ritmo"  
 "In base alla priorità decidi il ritmo della tua costanza."  
 Simone

**Brincar**  
 Ingênuo. Descompromissado. Descomprometido.  
 Sem razão. Sem sentido.  
 Quando livre, infinito. Quando monitorado, monolítico.  
 Do cotidiano afastado, do espaço público desapropriado. De improdutivo e incontrolado, evoluiu a comercializado. Hoje tal brincar infantilizado é pela própria infância desinteressado. O brincAR não quer ser mais do que se é: um respiro / um sopro de liberdade na identidade asáxiada, nas ações padronizadas, na apatia disseminada. O brincar é no ar, mais leve. Nas ruas, mais cidadão. Sem cercas, mais união. Nas trocas, mais coração.  
 É frente de resistência, armado de diversão. É agente de liberdade do meio da pretensão. Parte quase sempre do micro - espaço, grupo ou intenção, indo aportar no macro terreno da co-criação.

Elisa A. Smanja  
 Aprendiz do brincar no espaço público do paisagismo

Roma-ITALIA

Brescia

Minhoca!  
 Já faz um tempo que pisei esse caminho  
 Meio sem roteiro, quase sem destino  
 Onde o partir se confunde com o chegar  
 O que é normal entre esses caminhos mininísticos  
 Que se reinventam no próprio caminhar é caminho irregular  
 e eu pulo, grito, rodo, marcho caio, envergo, quebro e requebro  
 O que é normal entre os caminhos polirrítmicos  
 onde o coração se impõe a batucar  
 Já faz um tempo que pisei esse caminho que é caminho de se olhar pra frente e pra trás pois se confundem  
 E é caminho de se olhar pra dentro e pra fora pois são companheiros o sentir e o pensar  
 É caminho que ultrapassa a própria estrada  
 O que é normal pra quem caminha.

Vinicius Dias Zurlo

CASSIS Cooperativa dos Catadores de Assis

"Quem sabe andar nessa rua  
 vai em frente que atrás é  
 que vem gente, diz o dito  
 popular...  
 Quem caminha na linha da  
 esperança, direita o pé,  
 balança a tronca na direção  
 de se chegar...  
~~Até~~ quem diga de alã  
 de alã, catador de norte e  
 sul e de nicotã...  
 Nessa marcha sem voltar...

CAMINHAR É RESISTIR  
 E SE UMIR É RECICLAR"

Marias  
 Marias  
 Mar  
 Mar  
 Aria  
 Lava roupa todo dia  
 Eu gosto do gosto que as Marias deixam na historia. Gosto do gosto que elas deixam na hora do almoço e da janta. Gosto quando elas temperam a história com sabe(o)res da luta, colocando um bocadinho de sal aqui e ali, adocicando o lá e o acolá. Elas estão aí, nas trincheiras destemperadas ou pelas intempéries, naqueles reletos da madrugada em batalha.

Gosto dessas m(arias)ulheres que estão  
 D - I - A - R - I - A - M - E - N - T - E

fazendo-se e refazendo-se, e vez ou outra ocupando fazendas pra questionar terras de ninguém  
 Nesse cozinhar-andar da carruagem, em que o cão ladra, a lenha queima e a fogueira guarnece, elas vão alimentado o cotidiano, famintas por querer saciar-se junto a um pedaço de terra, de plantação, de tekoha

Gosto dessas Marias, gosto sim!  
 Elas são muitas, muitas mesmo.  
 E Estão na casa, na cozinha, na lavanderia, na cama, no sexo, nas beiras de estrada, na

frente de luta, na fogueira, cooptada pelo caça-mento como presas, como tudo, menos como vítimas.

Marias! Gosto do bolinho de chuva branda quando estão descansando. Marias! Gosto do feijão, cozido na panela de pressão que há muito se estourou de tanto serem cozinhadas em banho-marias. Gosto do charque, salgado como aquele do suor da testa franzida, com seus vincos forjados na terra quando preparada para ser semeada, que elas salgam no calo das mãos que nunca cessam de trabalhar. Marias! Gosto do su(L)co que fazem da fruta espremida, entre companheiros nas trincheiras, dormidas em valas ao reletos que por companhia só a lua lá em cima, distante mas presente. Marias!

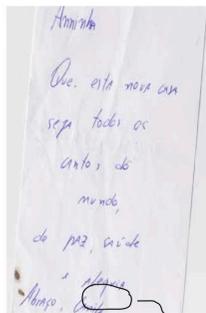
Essas são ELAS, que também TRANS-formam-se em outras maneiras de ser e estar em luta por um lugar ao sol, à terra, à lua, à chuva, à festa, à vida, à-bundâncias

Marias, lavam roupas todo dia...

Lavam e lutam, cozinham e estudam.  
 Esfregam a cara na historia  
 Correm e cansam e continuam e continuam, continuam, continuam....

Mario Viana ————— São Paulo-SP

166

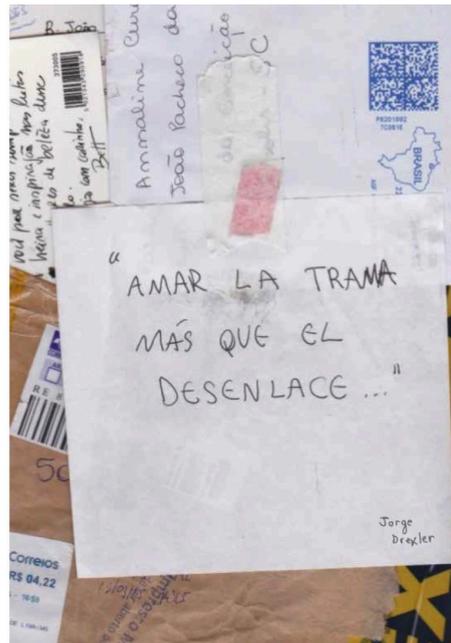


Florianópolis-SC

Alzayr Neto

Se lutar sempre do lado dos que não têm, não está do lado dos que têm. Ficam imensuráveis, sem fim e sem fim. Mas uma realidade que não deixa que tenha a certeza de um momento. Quando? Quando o tempo for próprio.

168



---

# Cartas ao avesso

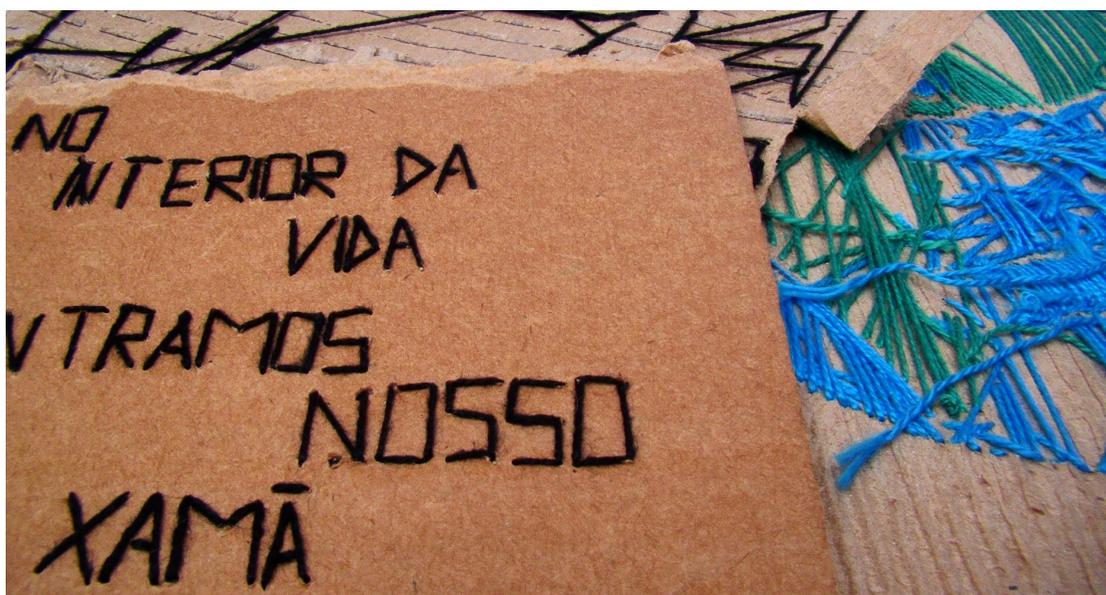
---

Glauco da Silva

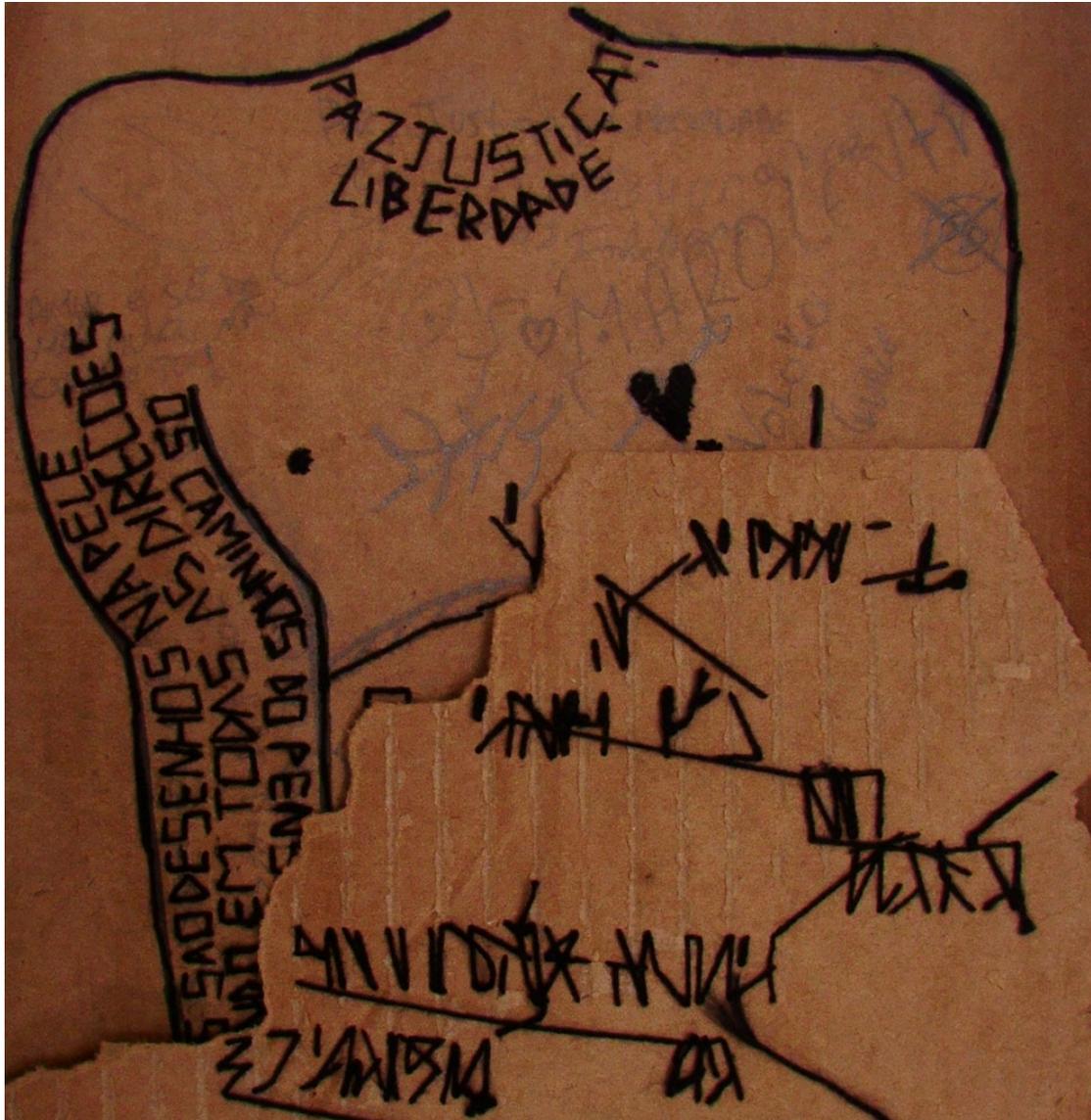
---

O trabalho foi desenvolvido junto aos estudantes de uma escola pública de Limeira (SP). A proposta era produzir imagens e palavras a partir de frases retiradas do livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A queda do céu* (2015). Para essa produção os alunos, em um primeiro momento, foram apresentados à obra do índio Yanomami. Em seguida, retiraram do livro frases que tinham ligação com a palavra “vida”. Depois, com as frases em mãos, buscaram maneiras de experimentar a “vida” através de imagens, palavras e sons feitos em pedaços de papelão. Por fim, essas produções, desenhos e palavras, foram redesenhados pela costura para posteriormente serem fotografados. Os resultados são correspondências coletivas, criações que desejam modos de existências outros, avessos (im)possíveis. Correspondência que querem povoar outras vidas, outros mundos.

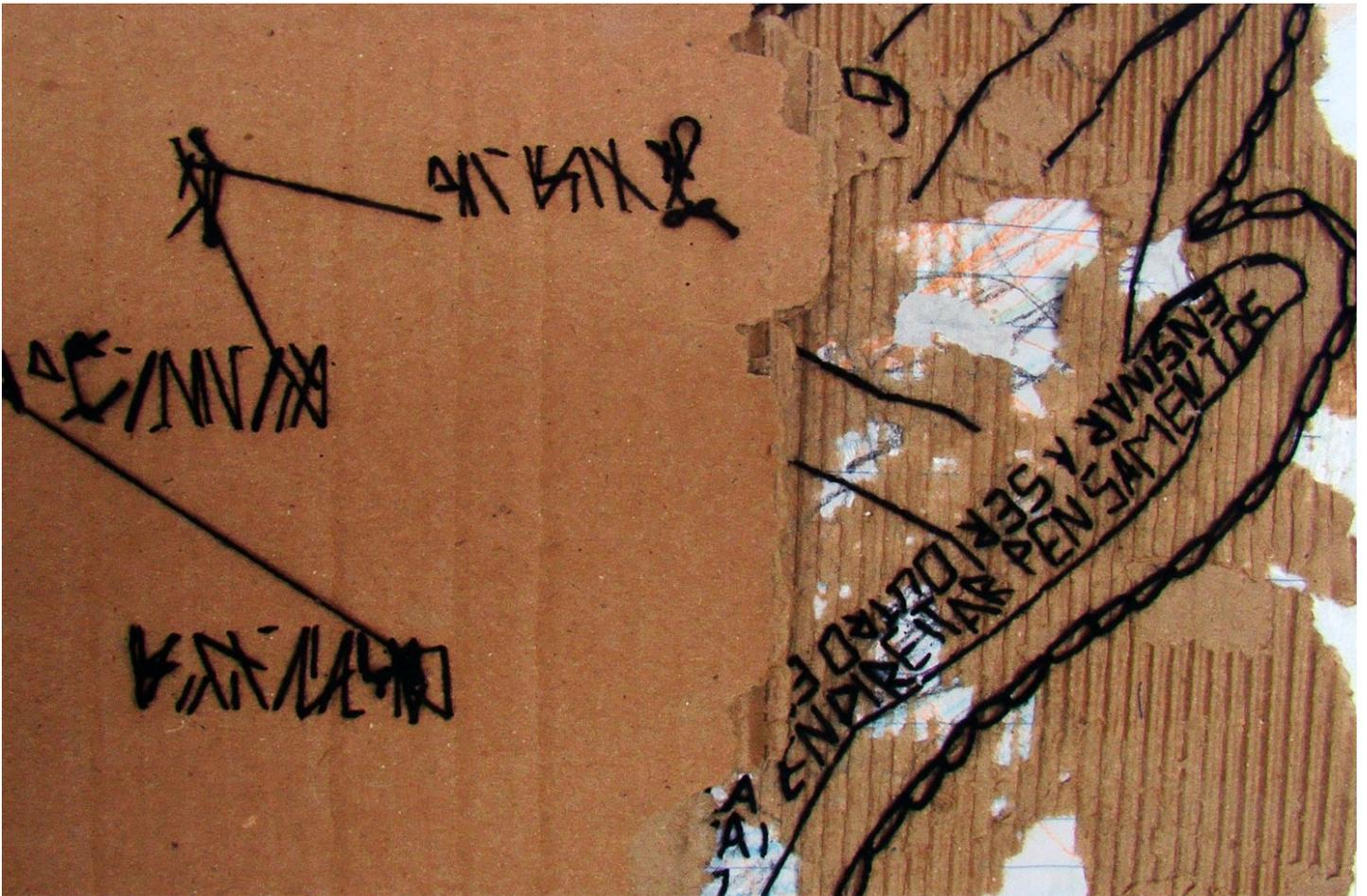
**Autor:** Trabalho realizado nas aulas de filosofia do professor Glauco da Silva, com os alunos da Escola Estadual Ary Leite Pereira - Limeira (SP).

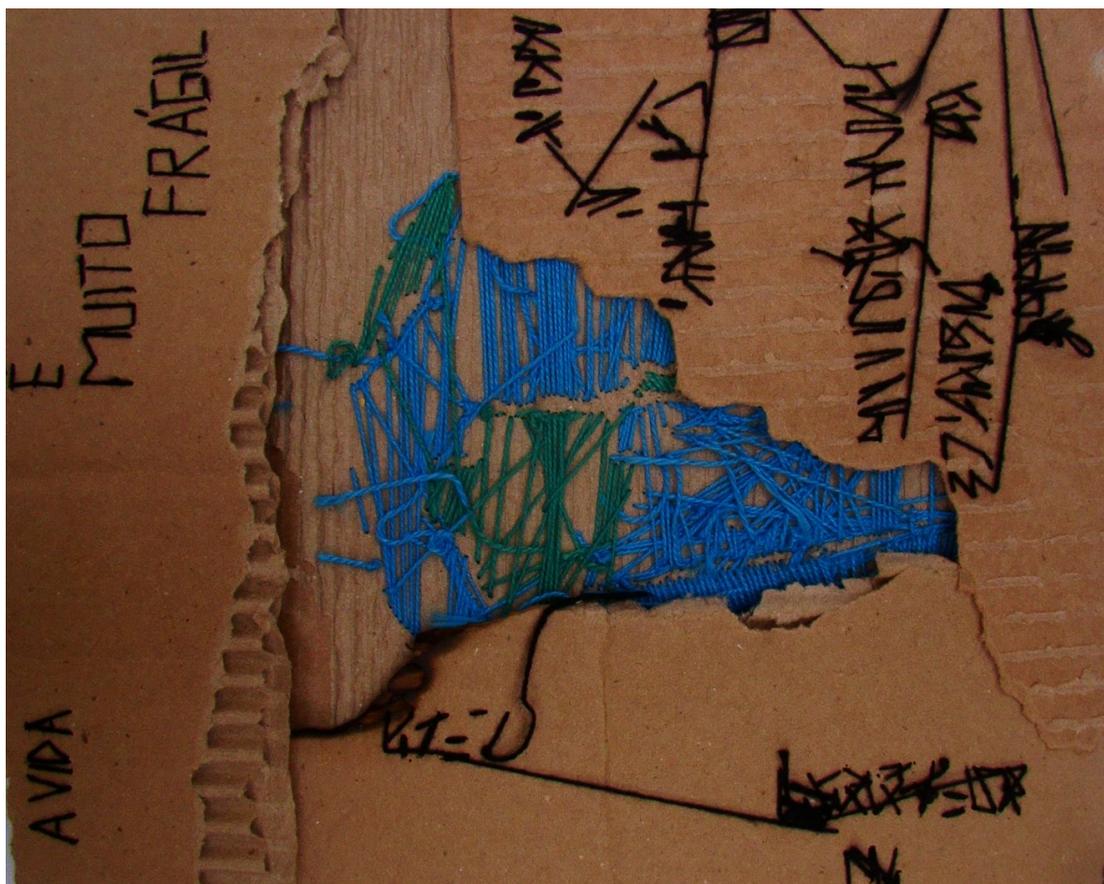














---

# Espero... chegar

---

Coletivo Tecendo

---

Como esperar? Esse mundo acelerado, em que dia sim outro também o clima se transforma, já não cabe mais em nós. O ano de 2016 nos pareceu desejar chegar ao fim, desde o seu começo. Por vezes nos tornou mais fortes. Aguardamos a carta que chegaria como quem espera um outro mundo se fazer presente. A espera como um refúgio nos trouxe um clima aprazível, mas, por vezes, intempestivo. Alguns de nós precisamos caminhar até um vizinho, que comumente está em casa. Será que o carteiro passou hoje? Foram dias ensolarados de espera. Havia, entretanto, uma ansiedade chuvosa. Como está o clima por aí? Por meses trocamos cartas entre nós. Essa é a última. Endereçamos a você que ainda não conhecemos.

O vento que vinha de longe parecia soprar em nosso ouvido: “espero ... chegar”. Seria a voz da carta em trânsito que soava? O que ficou desse processo de um coletivo que resolveu trocar cartas para saber como anda o clima em cada paragem? Cartas viajantes. Elas passaram por ilhas, tomaram chuva, viveram um tempo de seca, de frio cortante, de calor intenso, se mancharam com terra cor de areia, por vezes de barro seco. Florianópolis, Blumenau, Palmas.

Cada carta que chegava era aberta ali, na frente de quem estivesse. Às vezes a ansiedade foi testemunhada somente por um gato, por uma bicicleta, por uma planta esquecida. Um tsunami de sensações em encontros potentes e inusitados.

De repente, um estrondo cataclísmico. Você está bem? Um dilúvio nos atingiu. As cartas sofreram avarias irreversíveis. O que ficou? As imagens mostram. Conseguir ver? Sabemos que algo sempre se perde. Não imaginávamos que seria tanto. O vento espalha, leva longe. Na ilha então, é todo dia. Um vendaval. Sussurros.

Estamos à deriva. Esperando uma próxima carta. Mande notícias. Como está o clima por aí?

**Autor:** Coletivo Tecendo

Grupo de pesquisa sobre educação, arte e cultura que atua junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem interesse pelas narrativas, pelas imagens, pelos artefatos da mídia, pelas artes. Atua na formação de professores/as e de educadores/as ambientais. Acionam perspectivas que advêm dos pensamentos pós-estruturalistas, dos estudos culturais e das filosofias da diferença.

**Link:** <https://www.facebook.com/tecendo>



# LABORATÓRIO- ATELIÊ



# Enchentes

---

Mariana Barbosa e Fernanda Pestana - grupo multiTÃO

---

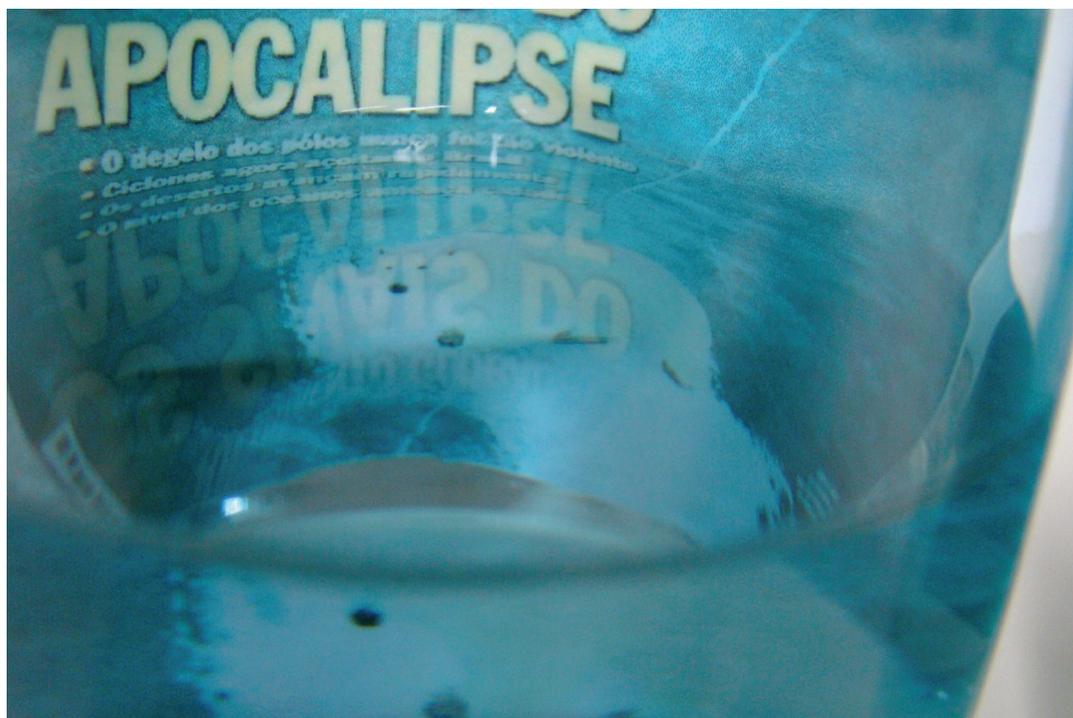
“uma imagem tem sua força drenada pela maneira como é usada, pelos lugares onde é vista e pela frequência com que é vista” (Sontag, 2003, p.88)

Explorar outros sentidos divagando entre palavras, quase palavras, frases desconstruídas... Trabalhar com os clichês da mídia, numa vontade de transformá-los, fazê-los proliferar outras vidas que não negam os clichês, mas trabalham com ele, existem com ele. Mudanças feitas através de recortes nas imagens, com outras molduras e enquadramentos e, por vezes, com molduras que se diluíram...

**Autoras:** Mariana Barbosa e Fernanda Pestana - grupo multiTÃO

**Projeto de pesquisa:** Essa pesquisa fez parte do projeto “Multidão em transe: experimentações em divulgação científica e cultural” (CNPq/Faepex) desenvolvido pelo grupo de pesquisa: multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq).

**Coordenação:** Profa. Dra. Susana Oliveira Dias







---

# INTERVALAR - Linhas, letras e apagamentos

---

Grupo OLHO / FE-Unicamp

---

Lerato Shadi usa de linhas de novelos e de barbantes para fazer crochês, invólucros para que seu corpo habite, mordanças internas de uma língua a ser silenciada, cordas e nós que permitem seu corpo se soltar e aprisionar. Considera que a criação na arte está essencialmente ligada com as capacidades do corpo, com o gesto do corpo em direção ao mundo, à sua transformação. Quando, pelas performances em vídeo ou ao vivo, esgota seu corpo de capacidades orgânicas previsíveis e possíveis, a criação artística irrompe em um processo em que o corpo - físico, mental, emocional, cultural - faz gerar como potência. As principais questões que movem seu fazer artístico estão atreladas ao colonialismo, à escravidão e às resistências em uma África historicamente subalternizada e explorada. Em uma breve conversa por Skype, a artista reforçou que seu trabalho é de performance e que os registros audiovisuais são uma outra experimentação das experiências que a performance lhe exige. Muitas de suas obras abordam o conceito de apagamento ou da escravidão como um tipo de ato que a sociedade global impinge para que o curso da história siga adiante. A principal função do racismo, nos dizeres de Lerato Shadi, é manter a destruição e a distração ao mesmo tempo - manter você ocupado com seus próprios interesses e trabalho. Como agir contra essa tendência perversa? Sua resposta vem em uma dimensão da representação: corpo, identidade. Somando o silêncio, o apagamento, a produção de resíduos e ruídos sonoros e visuais. Um pó vermelho que se deposita no chão, após seqüências de escrita e de rasura. Um zumbido de mosca que não aparece no vídeo, mas que indica a putrefação de um estado de coibição, censura e enovelamento da língua por um colonialismo devastador das diferenças. Um corpo que engasga, chora, entope-se de algo estrangeiro que o possui até a sua morte ou o seu regurgitar formatado em um corpo que as linhas enovelam e dão uma forma universal.

The physical act of creation | Lerato Shadi | TEDxJohannesburgSalon

Moremogolo (Go Betlwa Wa Taola) - password: moremogolo

“Shadi’s latest video work had its world premiere in Grahamstown, South Africa, during the National Arts Festival 2016 and was made possible through the genero’s support of the National Arts Festival. MOREMOGOLO (GO BETLWA WA TAOLA) was shot on location in her home village of Lotlhakane, Mahikeng (South Africa) in June 2016. This two channel video work was conceptualised in three parts: the first deals with the extreme nature of individual resistance; the second deals with how Shadi experiences the impact of colonial language while the final part is of an ambiguous figure, that features dancer/choreographer Sello Pesa”.

O trabalho de Lerato Shadi permitiu algumas aproximações e conversas com duas das nossas produções do projeto ‘Intervalar o Currículo’. O vídeo AusênciaPresença é a proposta da rasura na lei sobre criminalização da pichação criada pela prefeitura de Campinas. O vídeo Ausência Presença (Bia Porto e Barbara Santos, 2016) é uma animação das fotografias da reconstrução, do apagamento, desvio ou enovelamento que fios de barbante faziam em um papel pardo sobre as linhas dos desenhos das cartolinas, produzidos por moradores de rua e ambulantes da cidade de Campinas, expressando sua relação com o espaço e as memórias da cidade. Já a rasura da lei municipal sobre pichação foi feita a partir das entrevistas com vários pichadores e grafiteiros de Campinas, coletando e criando um acervo de seu ‘alfabeto’ visual, a fim de que pudéssemos ter material para criação de uma exposição em especial, que é o intervalo, o gaguejar e o tropeço que tal alfabeto causaria na lei que pune os pichadores em Campinas.

### SERITI SE

“Performance and installation - The performance, drawing and installation SERITI SE looks at the politics of historical erasure, specifically of Black females and their achievements and contributions within various fields. SERITI SE thematises everyday violence enacted within institutional structures and the different strategies employed within those systems. In SERITI SE names of historical women of colour, who have been excluded and erased from world history, are written on the white walls of the gallery. The performance consists of the audience being invited to choose a name and paint over the chosen name. In the act of erasing a name, the gallery space is turned back to white. No information is provided on who the women on the wall are; therefore it becomes the duty of the one who is erasing the name to take responsibility for the name by further informing themselves”.

Sobre os vídeos, note-se a relação entre a linha e o silêncio e a potencialidade de expressão de um corpo inerte, extraído de sua organicidade e aberto ao tempo do acontecimento, que se encontra no que as linhas tecem. Sobre a proposta da rasura com as letras criadas em um alfabeto e na linguagem dos pixadores, a relação com o apagamento e a resistência, no e pelo vazio, que emerge. Esses dois trabalhos de Lerato Shadi (MOREMOGOLO e SERITI SE) podem ser analisados à luz de discussões apresentadas por Marsha Meskimmon & Dorothy C. Rowe (2013, p. 6-7), no livro *Women, the arts and globalization. Eccentric experience*. Manchester University Press.

“Se a localização é crucial para entender como os indivíduos encarnados percorrem o complexo terreno das geografias de transição e a geração transcultural do significado, é igualmente significativo na preconcepção da estética contemporânea. O papel da arte como um pivô ou trampolim para explorações críticas de idéias políticas, sociais e éticas tem uma longa história dentro da tradição cultural ocidental e do discurso. O nosso uso da noção de estética ultrapassa os confins da “filosofia da arte” para envolver os desafios oferecidos pelos conhecimentos produzidos através de nossos contadores encarnados com / no mundo. Ao nos voltarmos para a corporeidade e encarnação, entendemos “o corpo” para uma ficção social crucial, que precede os sujeitos individuais e os constitui, mesmo a partir de sua repetição contínua de uma “identidade” redefine seus contornos”.

Suas obras audiovisuais, que não são muitas, efetuam o que o cinema em si faz como uma máquina para fabricar memórias - para dar forma ao que vamos nos lembrar e como nos lembraremos. E faz isso, apagando e substituindo memórias traumáticas, e até mesmo criando novas memórias. Discute-se que o cinema faz um processo de hipnose. A implementação de novas memórias é dada pela edição e montagem do cinema. Assim, novas imagens são implementadas. No vídeo *Moremogolo de Lerato*, como as imagens adentram na nossa mente? Tanto pelos close-ups quanto pela imersão nos cortes, sugere-se a entrada do espectador em uma posição de hipnotizado. O olhar do personagem, que é captado pelo espectador e o hipnotiza, é o olhar da câmera. Nesse sentido, criam-se novos passados e novas memórias. Como se fossem um emaranhado de linhas que um novelo que modula as sensações da impossibilidade da fala fora de um formato que é moldado, modelado a partir de uma língua que não consegue falar. As sensações moduladas em seus vídeos carrega pelo poder hipnótico das imagens cinematográficas outras políticas para a discussão multicultural e pós-colonial com que seu trabalho se identifica e está 'afinado'. As memoriopolíticas que são transladadas pelo espectador e retornar às imagens agem por cisão, por duplicidade e por dispersão.

**Projetos de Pesquisa:**

-*Projeto Intervalar* - Fapesp/Faepex-Unicamp/CNPq - Edital Universal N. 484908/2013-8

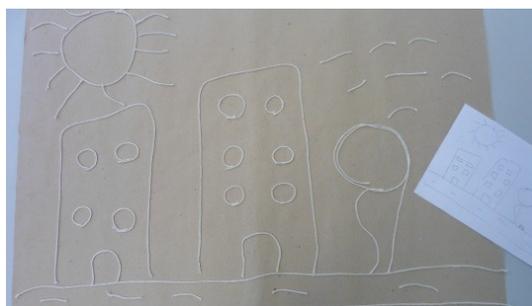
-*Para além da representação - conexões entre educação e estudos de cinema e vídeo experimentais* - Financiamento: FAPESP (Processo n. 2015/25656-1)

**Instituição:** OLHO-FE-Unicamp

**Coordenação:** Prof. Dr. Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Disponível em:

<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7027>





A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Ficam os estabelecimentos que comercializam tintas e derivadas obrigados a afixar placa e cartaz com mensagem informativa da proibição da venda de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 anos, com os seguintes dizeres:

 Municipal nº 14.523/12

"PIC-ÇA É CRIME (ART. 65 DA LEI FEDERAL 9.605/98). PROIBIDA A VENDA DE TINTAS EM EMBALAGEM DO TIPO AEROSOL A MENORES DE 18 ANOS".

Art. 2º O cartaz ou a placa deve ser afixado em local visível ao público.

Art. 3º A inobservância das disposições nesta Lei implicará a infringir as seguintes penalidades:

I - Notificação;

II - Advertência;

III - Multa de 1.000 (mil) UFICs - Unidade Fiscal de Campinas.

Art. 4º O Poder Executivo regulamentará a presente lei, no que couber, quando necessário.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

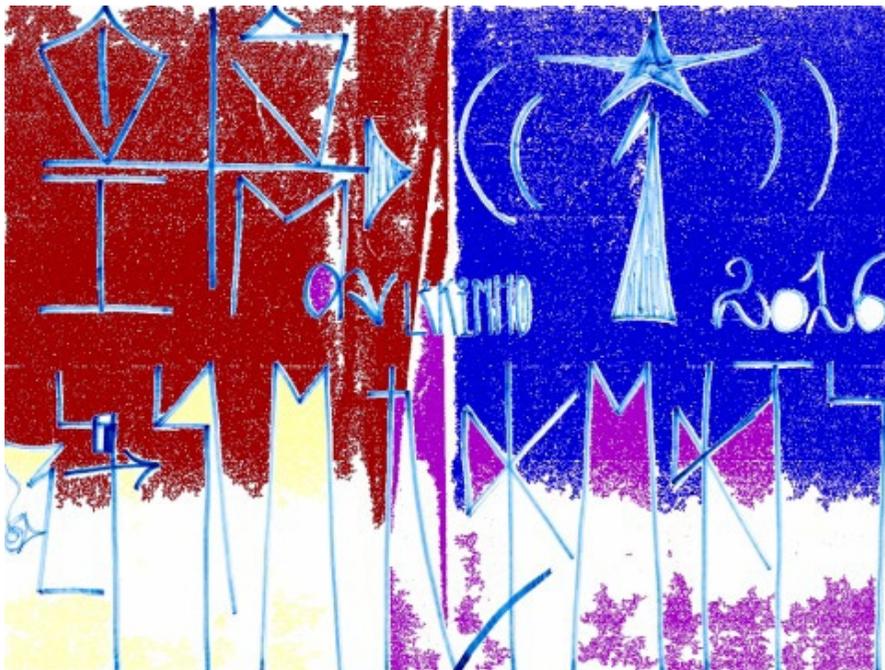
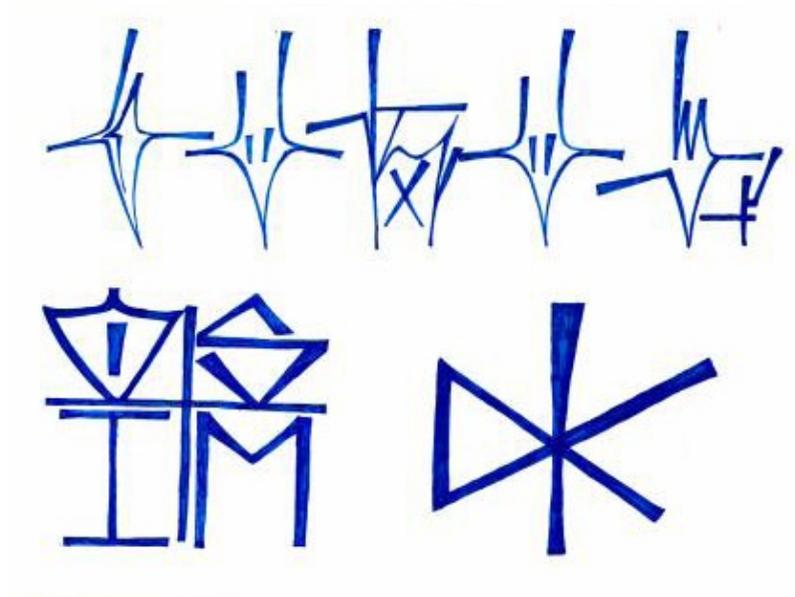
Art. 6º Revogam-se as disposições em contrário.

Campinas, 05 de dezembro de 2012.

  
Prefeito Municipal

AUTORIA: - CMC - VER.  SELLIN  
PRÉCIPAL: 12/08/9565





---

# Aberrant sky watcher chart

---

Susana Dias e Sebastian Wiedemann (Grupo multiTÃO e Orssarara Ateliê).

---

Há nuvens por todo canto! É o que nos diz esta carta de observação de tempos aberrantes. Uma carta que dá atenção aos céus através de uma imersão na vida de nuvens bastante incomuns e enredadas. Imersão que exige um dispor-se a inventar relações com algo que não cessa de nascer a partir das mais diversas interseções entre números, linhas, gráficos, letras, papéis, tecidos, lâmpadas, fotografias, tintas, linhas, lãs, fumaças... O que a carta quer é ter as nuvens como parceiras, para que o vivo continue em movimento, conectando práticas e modos heterogêneos de pensar e criar sem hierarquizá-las. Recolhendo a eficácia do gesto científico de classificar as nuvens que não fixa nem homogeniza, mas dá expressão a uma potente anarquia ecológica e a acontecimentos simbióticos que ganham vida entre modos particulares de existência (tipos de nuvens).

## Aberrant sky watcher chart (Clouds Archive - Fractospheres Project)

There are clouds everywhere! That is what this chart or letter of observation of aberrant times tells us. A chart that focuses on the sky through an immersion in the life of very unusual and entangled clouds. Immersion which requires a willingness to invent relationships with something that does not cease to be born from the most diverse intersections between numbers, lines, letters, papers, tissues, lamps, photos, paints, paintings, wool, smoke... What the chart wishes is to have the clouds as partners, so that the living continues moving, connecting heterogeneous practices and modes of thinking and creating without hierarchizing them. Collecting the efficacy of the scientific gesture of classifying clouds that does not fix or homogenize, but gives expression to a potent ecological anarchy and to symbiotic events that come to life between particular modes of existence (types of clouds).

Autores(as): Susana Dias e Sebastian Wiedemann

---

## Arquivo Nuvens

Nesta nova série de mesas de trabalho da ClimaCom - pensadas na relação com o Dossiê “Incerteza” e iniciativa do grupo multiTÃO e Orssarara Ateliê - propomos encontros com as nuvens por senti-las e pensá-las como intercessores fundamentais diante das mudanças climáticas. O medo que se instaura frequentemente diante de sua aparição tempestuosa (inundações) ou de seu sumiço aterrador (secas), nos colocam diante da questão política urgente de estarmos preparados para

o que vem. E se a resposta surge rapidamente - “É preciso juntar forças para resistir ao que vem” - talvez seja preciso enfrentar a desaceleração gerada por perguntas que retornam em ondulações insistentes: “como?”, “o que pode vir a ser juntar forças?”, “o que vem?”. Nesta proposta concebemos as nuvens como forças que, como o sol, uma montanha, os musgos, os caranguejos e os corais, não podem ser excluídas de nossas buscas por inventar novos modos de “juntar forças”, de “resistir” e de estar aberto ao “que vem”. Criar alianças do que vem de outros reinos, de um reino diverso, e investir em campos de atração entre ciências, artes e filosofias, que abrem um entre-reinos. Não sabemos o que pode uma nuvem e, nesse sentido, é que nos lançamos na criação de uma coleção de existências particulares delas. “Arquivo Nuvens” é feito de taxonomias flutuantes e amostragens leves, recolhidas em nossos movimentos de segui-las, tanto nos céus, quanto nos livros, de acompanhar seus processos de des-aparição nas notícias, nos laboratórios, nos congressos científicos, nos filmes, exposições etc. Um arquivo generativo em morfogênese constante, cuja gravidez dá lugar a novas linhas de força gravitacional, e nos coloca a pergunta: O que é gravitar sem centro? Talvez seja isso o que as nuvens possam nos ensinar com sua gravidez pluri-vital e pluri-dimensional. Uma nuvem pode estar composta por sensações como nas instalações “Lágrimas de São Pedro” de Vinicius S.A. <<https://www.flickr.com/photos/viniciussa/>> e nos projetos “Cloud Cities” e “Cloud Cities/Flying Garden” de Tomás Saraceno <<http://tomassaraceno.com/projects/cloud-cities-flying-garden/>>. Uma nuvem pode ser a invenção de uma nova percepção, uma flutuante, gasosa e leve que desconhece coordenadas ou ancoragens, como no filme “La region centrale” de Michael Snow. Uma nuvem também pode estar composta por dados e modelos matemáticos e nos colocar a pergunta pela mineração, pelo cálculo e controle. Ou até mesmo estar composta por entidades infinitamente minúsculas e sutis e nos lançar ao desafio de fazer delas uma força de um futuro incalculável, que pode ganhar uma expressão precisa tanto estatisticamente, como num poema ou ensaio filosófico. Uma nuvem pode se formar e participar de ciclos e sistemas a partir de complexas teorias de povos indígenas e dos cientistas que se dedicam a sua microfísica. Queremos gerar intercessões entre essas nuvens e investir num arquivo vivo, que sai da caixa, da gaveta, e que se lança em performances nas ruas, se transmuta em ensaios fotográficos, se verte em animação, se prolifera e condensa em encontros com convidados das mais diversas áreas. Um arquivo como plano de errâncias e heterogêneses, que se abre furioso como a caixa de Pandora, desatando as forças que fazem do ser-nuvem, uma vibração impessoal, um acontecimento nutrido pelos mais diversos movimentos de concrecência e preensão ou de devir e transição, onde tudo se torna causa eficiente para atingir uma potencialidade real.

Concepção, organização e coordenação “Arquivo Nuvens”:

Susana Dias e Sebastian Wiedemann

Grupo multiTÃO e Orssarara Ateliê

# ABERRANT SKY WATCHER CHART

**High Clouds: cloud bases 16,000 - 50,000ft (5-15km)**  
 Typical Types: Cirrus (Ci), Cirrostratus (Cs), Cirrocumulus (Cc)

<b>H1: Cirrus</b> Imagem de satélite retirada do site do INPE	<b>H2: Cirrus</b> "La vitrina cloud collection" de Leandro Elich	<b>H3: Cirrus</b> Carta sinótica para o nível 250hPa retirada do site Master_IAG/USP	<b>H4: Cirrus</b> Imagem de satélite retirada do Guia 4 Rodas	<b>H5: Cirrostratus</b> Imagem do satélite GOES retirada do site do CPTEC	<b>H6: Cirrostratus</b> "Lágrimas de São Pedro" de Vinícius SA	<b>H7: Cirrostratus</b> "Cartões postais de lugar nenhum" de Vil Muniz	<b>H8: Cirrostratus</b> Desenho de nuvem japonesa	<b>H9: Cirrocumulus</b> "Nimbus" de Elaine Pessoa

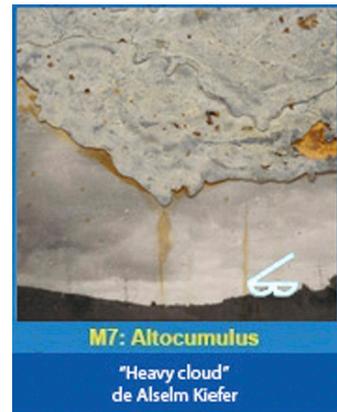
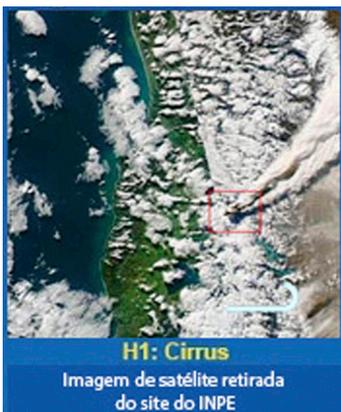
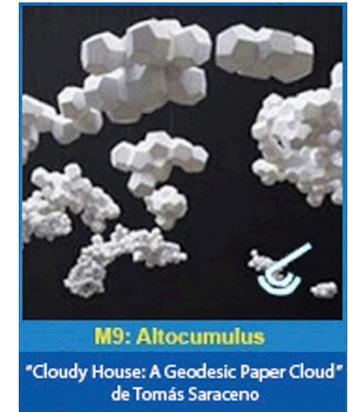
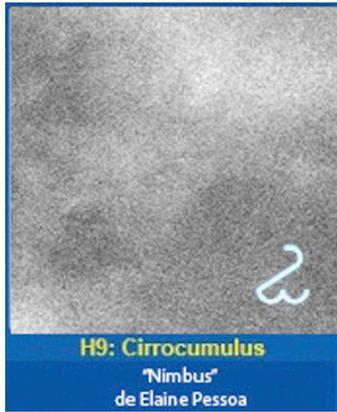
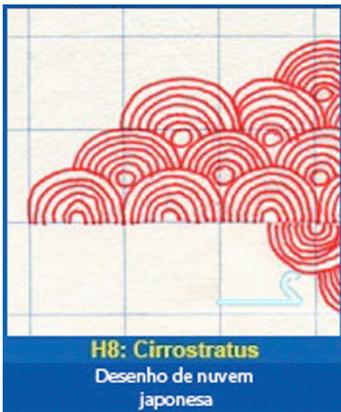
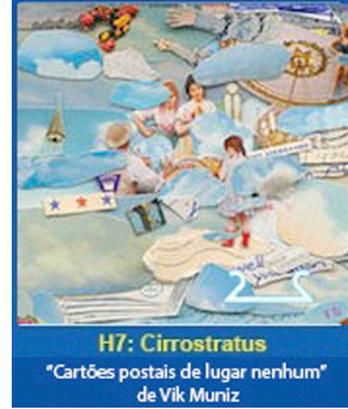
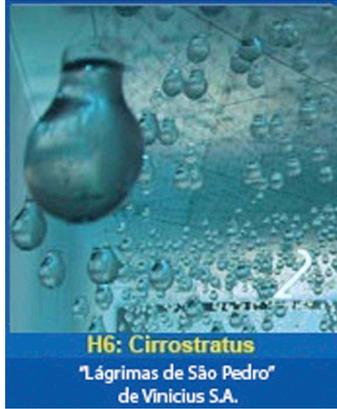
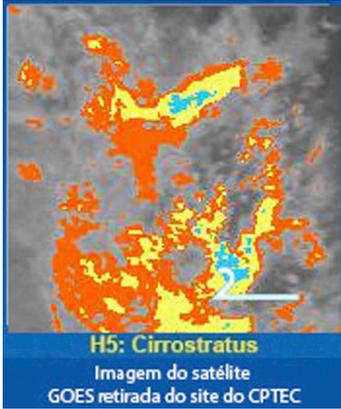
**Middle Clouds: cloud bases 6,500 - 23,000ft (2-7km)**  
 Typical Types: Altostratus (As), Altopcumulus (Ac), Nimbostratus (Ns)

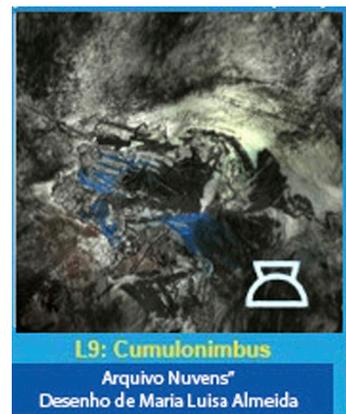
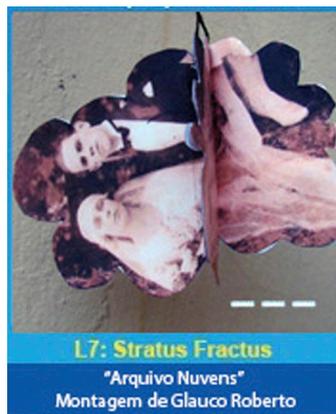
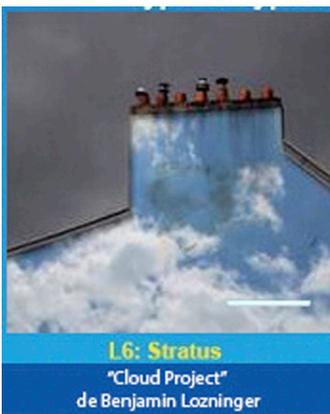
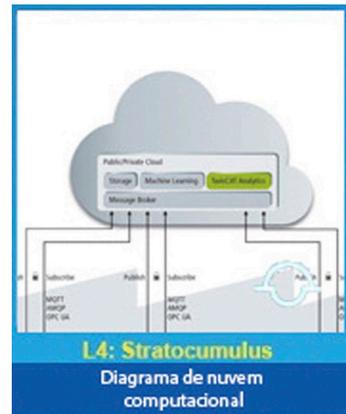
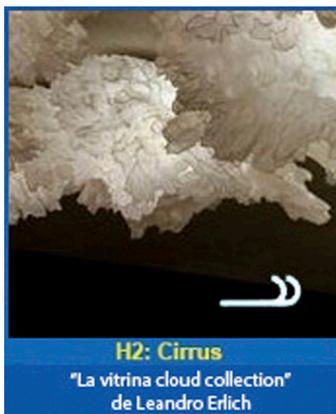
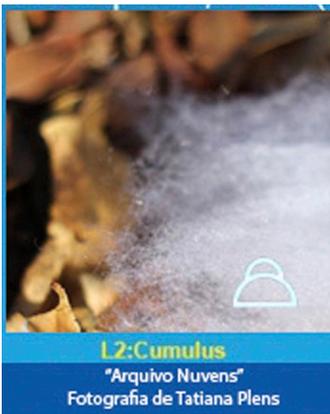
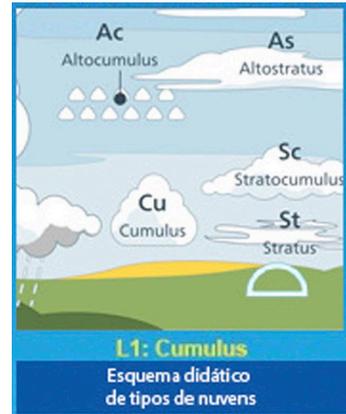
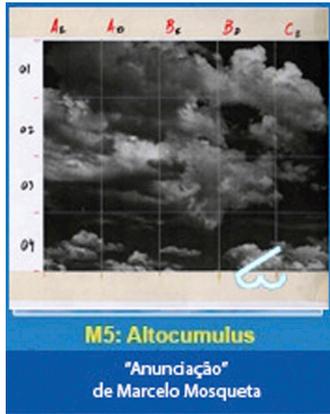
<b>M1: Altostratus</b> Gravura antiga	<b>M2: Altostratus or Altopcumulus</b> Imagem do "Arquivo Nuvens" de Trinidad Caballero e Susana Dias	<b>M3: Altopcumulus</b> Nuvem PNG para Photoshop	<b>M4: Altopcumulus</b> "Reverse of volume RG" de Yasuaki Oriishi	<b>M5: Altopcumulus</b> "Arandiação" de Marcelo Mosqueta	<b>M6: Altopcumulus</b> Imagem do "Arquivo Nuvens" de multiTÃO/Orrsarara	<b>M7: Altopcumulus</b> "Heavy cloud" de Aelwin Kiefer	<b>M8: Altopcumulus</b> "Foam" de Kohen Nawa	<b>M9: Altopcumulus</b> "Cloudy House: A Geodesic Paper Cloud" de Tomás Saraceno

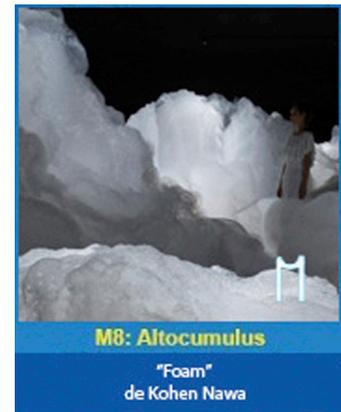
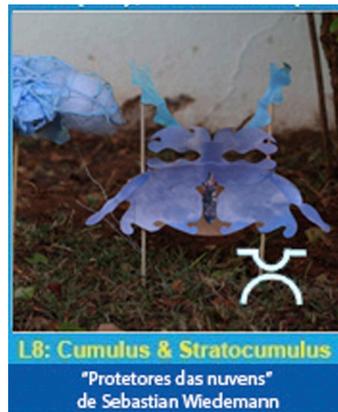
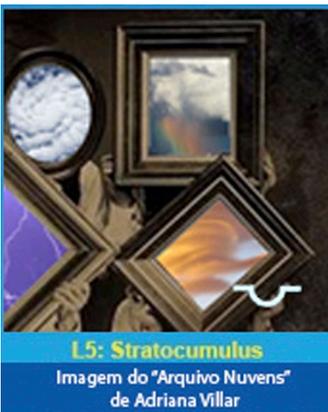
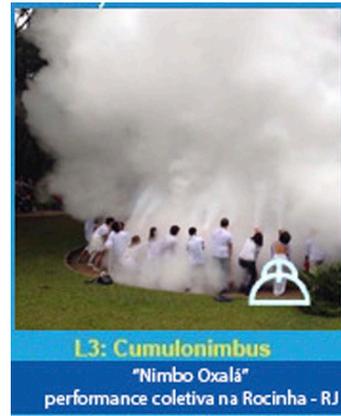
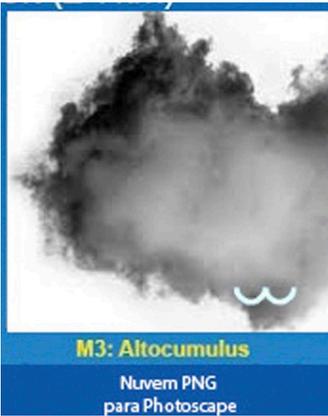
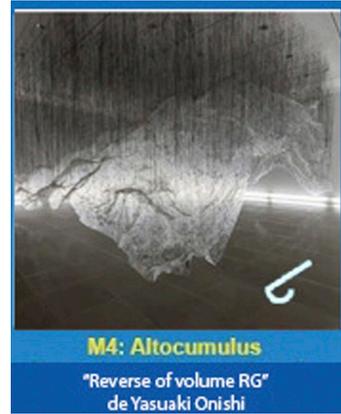
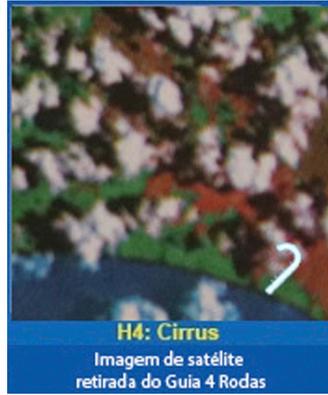
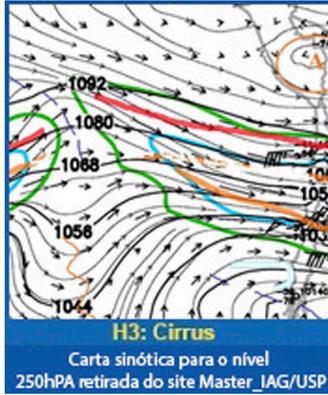
**Low Clouds: cloud bases Up to 6,500 ft (0-2km)**  
 Typical Types: Stratus (St), Stratocumulus (Sc), Cumulus (Cu), Cumulonimbus (Cb)

<b>L1: Cumulus</b> Esquema didático de tipos de nuvens	<b>L2: Cumulus</b> "Arquivo Nuvens" Fotografia de Taltana Prens	<b>L3: Cumulonimbus</b> "Nimbo Cealá" performance coletiva na Rockinha - RJ	<b>L4: Stratocumulus</b> Diagrama de nuvem computacional	<b>L5: Stratocumulus</b> Imagem do "Arquivo Nuvens" de Adriana Villar	<b>L6: Stratus</b> "Cloud Project" de Benjamin Loizinger	<b>L7: Stratus Fractus</b> "Arquivo Nuvens" Montagem de Glauco Roberto	<b>L8: Cumulus &amp; Stratocumulus</b> "Profetores das nuvens" de Sebastian Wiedemann	<b>L9: Cumulonimbus</b> "Arquivo Nuvens" Desenho de Maria Luisa Almeida

Criação de: multiTÃO e Orrsarara Ateliê  
<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>







---

# Álbum de parentes desconhecidos

---

Eliane de Barros, Marta Kanashiro, Ricarda Canozo, Tatiana Plens, Vivian Pontin.

---

Intimidades dissonantes que se perturbam mutuamente. Uma familiaridade que não se reconhece à primeira vista. Climatologistas e o cotidiano de qualquer um se entrelaçando. Cientistas fazendo parentes com os dados, com os instrumentos de medição, com probabilidades de chuva que afetam cultivos de café ou cana, que afetam o cultivar de vidas humanas e não-humanas. Um Bildungsroman, um romance de formação - de parentescos aberrantes - que queremos condensar, como quem se junta caoticamente dentro de uma nuvem, neste álbum impossível. Um álbum que nos faz lembrar relações que estão aí e que não estão aí. Relações que devemos inventar todo dia, abrindo o humano às forças do céu, ao modo como os cientistas ganham intimidade com o mundo. Um medir desmedido de possibilidades de vida, de estar junto, onde todo o evento familiar que vale a pena ser lembrado é também um evento catastrófico e impróprio que faz do encontro uma questão de atmosferas turbulentas. Álbum de parentes desconhecidos, álbum de condensações por vir... Esta experimentação entre ciências, artes e filosofias é uma continuação da série “Arquivo nuvens” inserido no projeto “Fractosferas”. Agradecemos especialmente a Jurandir Zullo Junior e ao Cepagri-Unicamp pela possibilidade deste encontro improvável.

## Album of unknown kin (Clouds Archive - Fractospheres Project)

**Abstract:** Dissonant intimacies that disturb each other. A familiarity that is not recognized at first sight. Climatologists and the everyday life of anyone interlacing. Scientists making kin with data, with measuring instruments, with probabilities of rainfall, which affect coffee or sugarcane crops, that affect the cultivating of human and nonhuman lives. A Bildungsroman, a novel of formation - of aberrant kin - that we want to condense, as one joins chaotically within a cloud, in this impossible album. An album that reminds us of relationships that are there and that are not there. Relations that we must invent every day, opening the human to the forces of sky, like scientists gain intimacy with the world. An unmeasurable measure of life possibilities, of being together, where every family event that is worth remembering is also a catastrophic and improper event that makes the encounter a matter of turbulent atmospheres. An Album of Unknown Kin, an album of condensations to come... This experimentation between sciences, arts and philosophies is a continuation of the series “Clouds Archive” and is part of the “Fractospheres” project.

**Concepção e organização/ Idea and organization:** Susana Dias e Sebastian Wiedemann

**Fotografias, textos e montagens/Photos, texts and edition:** Adriana Villar Potiens, Beatriz Guimarães de Carvalho, Maria Luiza Almeida, Glauco Roberto da Silva, Tatiana Plens, Natália Matui, Mário D. Castro Júnior, Marcelo Carlos de Souza Soares, Vinícius Brito, Sara Melo, Lisley de Cássia Silvério-Villar, Ricardo Lima e Renan Lopes, Susana Dias e Sebastian Wiedemann.

**Disciplina/Course:** Arte, ciência e tecnologia/ Art, science and technology (Labjor/IEL/Unicamp) - professores Susana Dias e Sebastian Wiedemann (artista convidado).

---

### Arquivo Nuvens

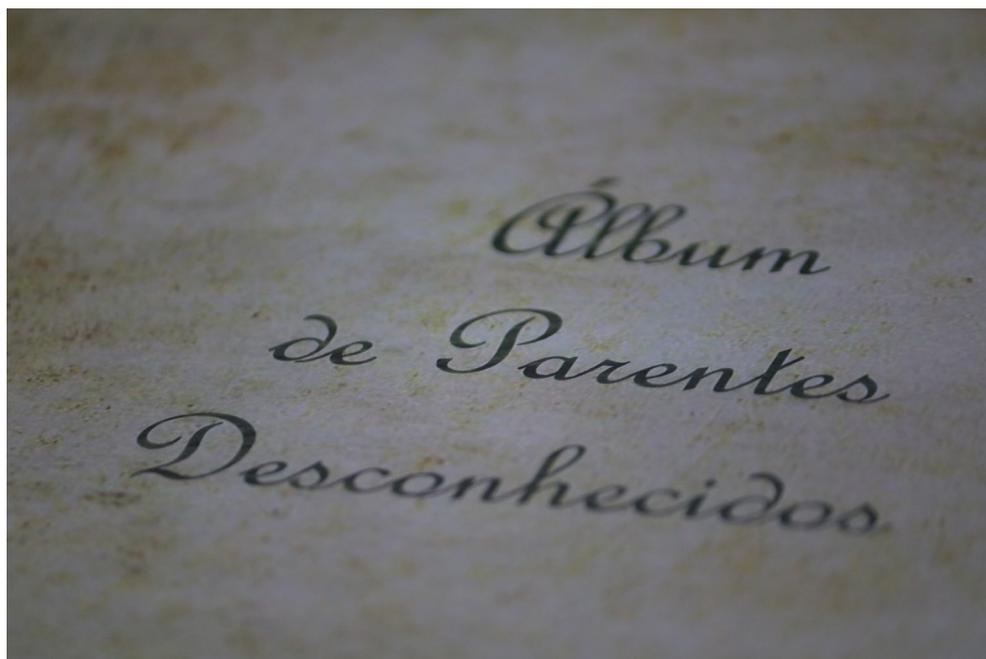
Nesta nova série de mesas de trabalho da ClimaCom - pensadas na relação com o Dossiê “Incerteza” e iniciativa do grupo multiTÃO e Orssarara Ateliê - propomos encontros com as nuvens por senti-las e pensá-las como intercessores fundamentais diante das mudanças climáticas. O medo que se instaura frequentemente diante de sua aparição tempestuosa (inundações) ou de seu sumiço aterrador (secas), nos colocam diante da questão política urgente de estarmos preparados para o que vem. E se a resposta surge rapidamente - “É preciso juntar forças para resistir ao que vem” - talvez seja preciso enfrentar a desaceleração gerada por perguntas que retornam em ondulações insistentes: “como?”, “o que pode vir a ser juntar forças?”, “o que vem?”. Nesta proposta concebemos as nuvens como forças que, como o sol, uma montanha, os musgos, os caranguejos e os corais, não podem ser excluídas de nossas buscas por inventar novos modos de “juntar forças”, de “resistir” e de estar aberto ao “que vem”. Criar alianças do que vem de outros reinos, de um reino diverso, e investir em campos de atração entre ciências, artes e filosofias, que abrem um entre-reinos. Não sabemos o que pode uma nuvem e, nesse sentido, é que nos lançamos na criação de uma coleção de existências particulares delas. “Arquivo Nuvens” é feito de taxonomias flutuantes e amostragens leves, recolhidas em nossos movimentos de segui-las, tanto nos céus, quanto nos livros, de acompanhar seus processos de des-aparição nas notícias, nos laboratórios, nos congressos científicos, nos filmes, exposições etc. Um arquivo generativo em morfogênese constante, cuja gravidez dá lugar a novas linhas de força gravitacional, e nos coloca a pergunta: O que é gravitar sem centro? Talvez seja isso o que as nuvens possam nos ensinar com sua gravidez pluri-vital e pluri-dimensional. Uma nuvem pode estar composta por sensações como nas instalações “Lágrimas de São Pedro” de Vinicius S.A. <<https://www.flickr.com/photos/viniciussa/>> e nos projetos “Cloud Cities” e “Cloud Cities/Flying Garden” de Tomás Saraceno <<http://tomassaraceno.com/projects/cloud-cities-flying-garden/>>. Uma nuvem pode ser a invenção de uma nova percepção, uma flutuante, gasosa e leve que desconhece coordenadas ou ancoragens, como no filme “La region centrale” de Michael Snow. Uma nuvem também pode estar composta por dados e modelos matemáticos e nos colocar a pergunta pela mineração, pelo cálculo e controle. Ou até mesmo estar composta por entidades infinitamente minúsculas e sutis e nos lançar ao desafio de fazer delas uma força de um futuro incalculável, que pode ganhar uma expressão precisa tanto estatisticamente, como num poema ou ensaio filosófico. Uma nuvem pode se formar e participar de ciclos e sistemas a partir de complexas teorias de povos indígenas e dos cientistas que se dedicam a sua microfísica. Queremos gerar intercessões entre essas nuvens e investir num arquivo vivo, que sai da caixa, da gaveta, e que se lança em performances nas ruas, se transmuta em ensaios fotográficos, se verte em animação, se prolifera e condensa em encontros com convidados das mais diversas áreas. Um arquivo como plano de errâncias e heterogêneses, que se abre furioso como a caixa de Pandora, desatando as forças que fazem do ser-nuvem, uma vibração impessoal, um acontecimento nutrido pelos mais diversos movimentos de concrecência e preensão ou de devir e transição, onde tudo se torna causa eficiente para atingir uma potencialidade real.

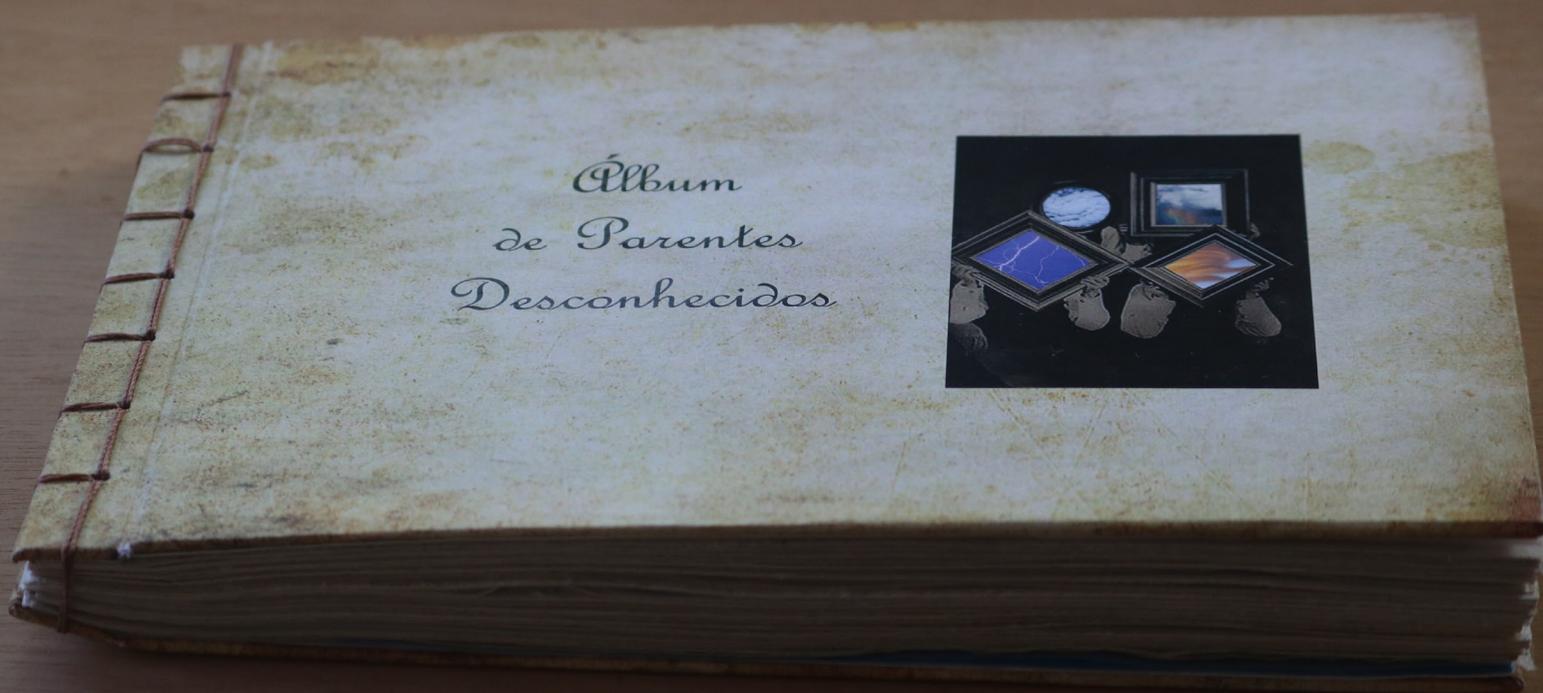
**Fractosferas:** Partimos de uma hipótese: o Antropoceno nos impõe a necessidade de re-avivar nossa percepção e com isso apreender o fato que o mundo esta todo vivo e que não há uma pele que nos distancie dele (Thacker). O mundo como uma dobra infinita que complica a matéria do cosmos, e que pode passar, por exemplo, entre nuvens, arvores e pedras, criando esferas de coexistência e entre-viver. Fractosferas que abrem novas organizações entre escalas e possibilidades de coabitar o mundo. Um mundo onde o animismo deve ser reativado (Stengers) e o conhecimento deve ocorrer desde dentro (Ingold), como co-criação inter-espéciee que acontece com, entre e através das coisas e seres e não sobre ou a partir de. Acreditamos que um pensamento material e manual com, entre e através das nuvens, árvores e pedras onde o humano se desdobra através do sensível e expressivo sobre o papel, o fotográfico e o audiovisual, podem ser o modo de não só re-avivar a comunicação com o mundo, mas também de desarquivar o vivente que a matéria guarda para que possa continuar de maneira impensada em novos modos de existência (Souriau). Fractosferas uma série de experimentações coletivas como modos de fabulação especulativa entre artes, ciências e filosofias que apelam à criação de um possível conhecimento terrano (Latour). Workshops, oficinas, onde uma cosmopolítica do sensível e um estar junto se inventam ao fazer corpo com um pensamento que já não é mais pratico ou teórico e sim matéria vibrante (Bennett) de vida por vir e que pode emergir na forma de livros-objetos (com as nuvens), foto-livros (com as árvores) e animações (com as pedras).

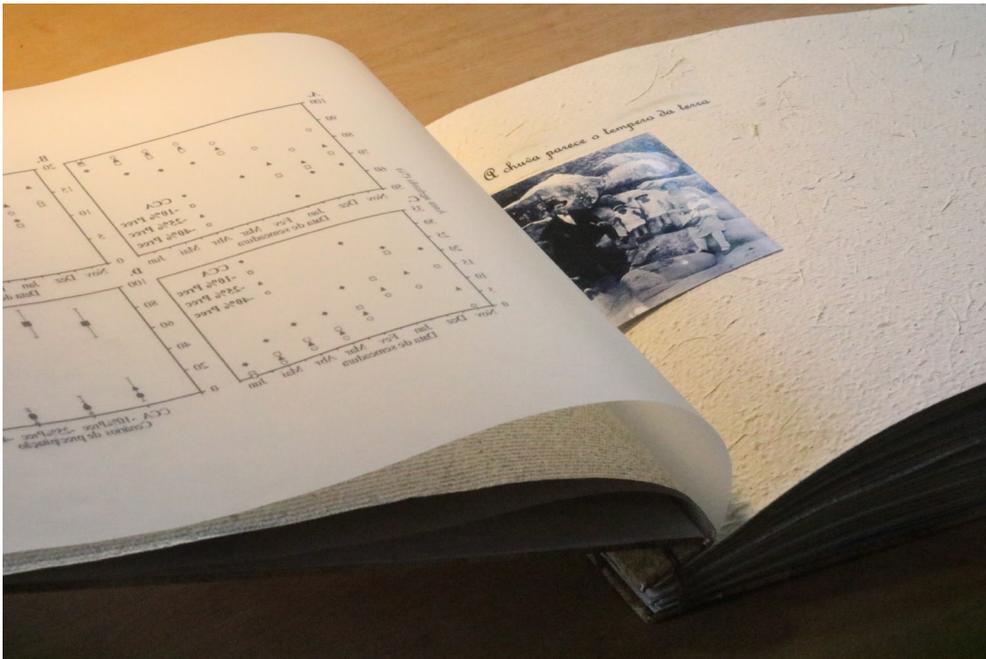
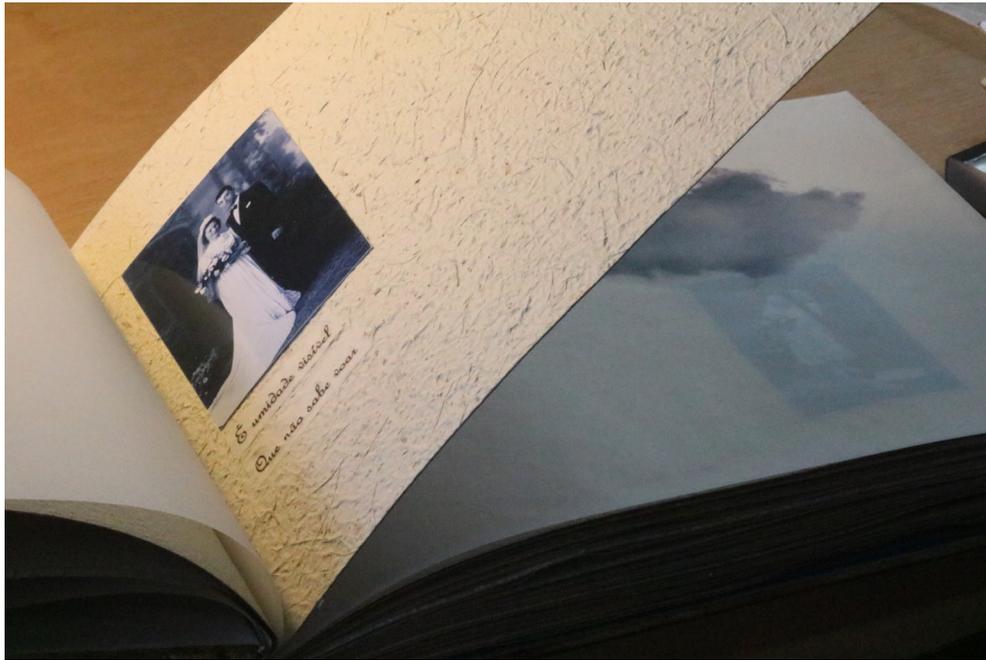
Concepção, organização e coordenação “Arquivo Nuvens” e Projeto “Fractosferas”:

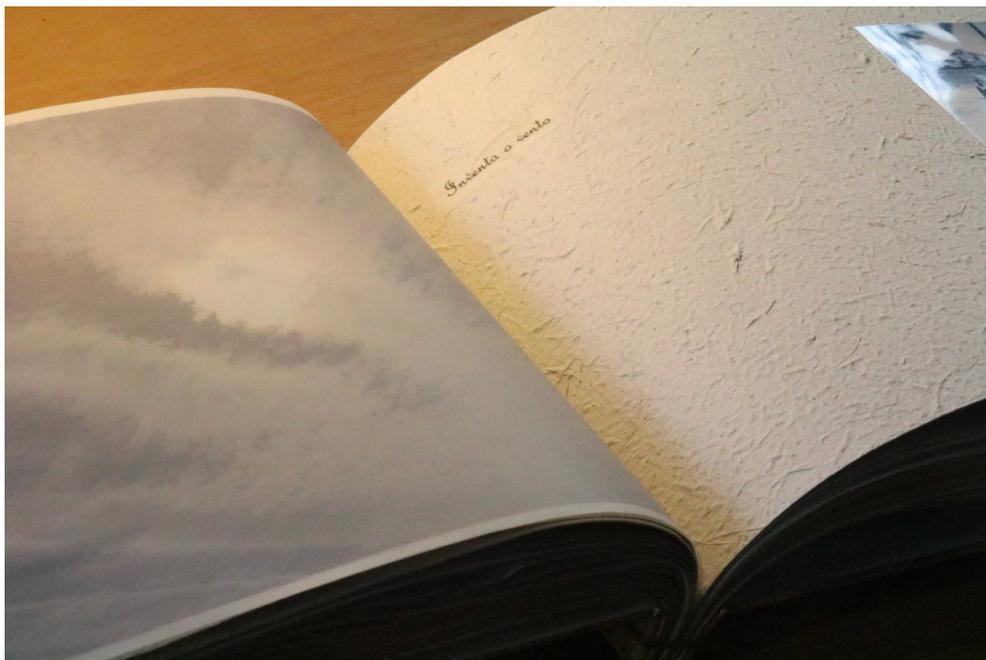
Susana Dias e Sebastian Wiedemann

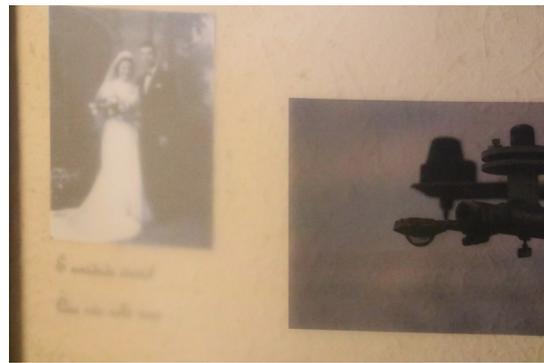
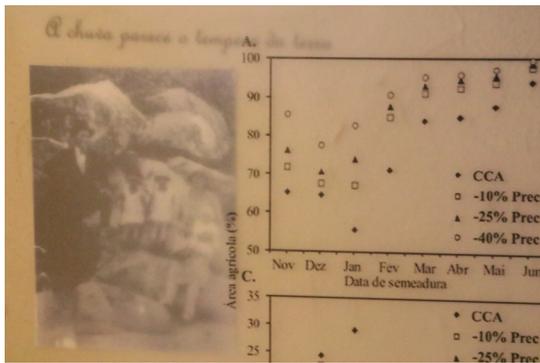
Grupo multiTÃO e Orssarara Ateliê



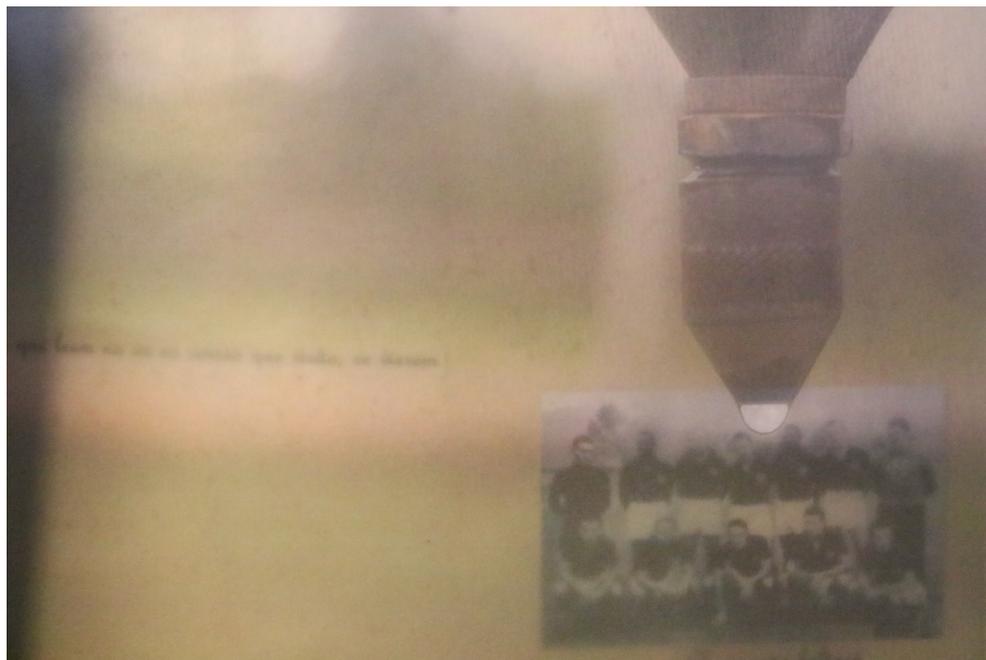


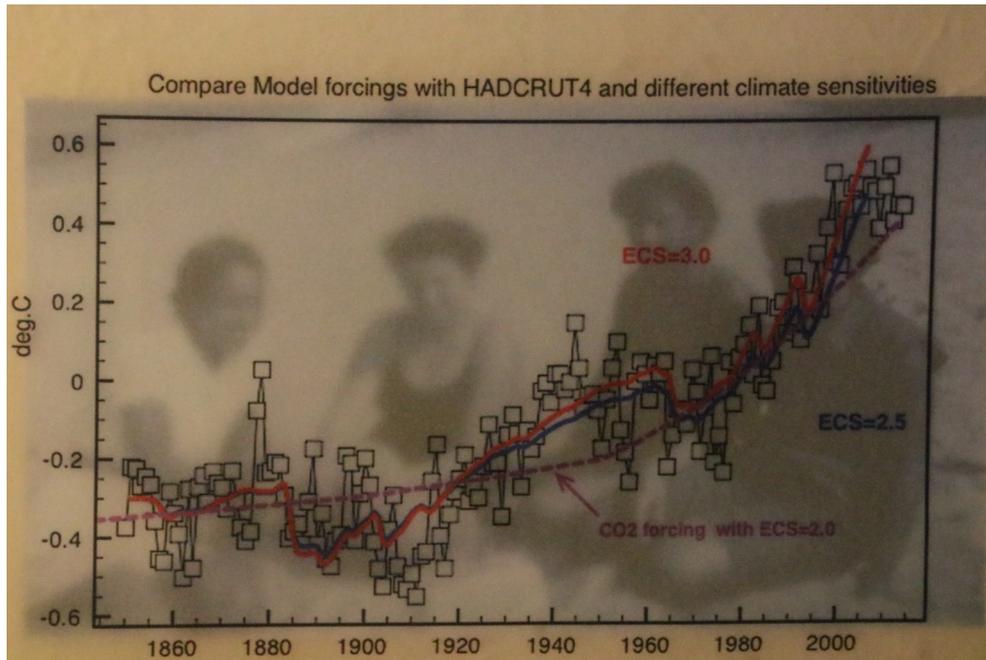


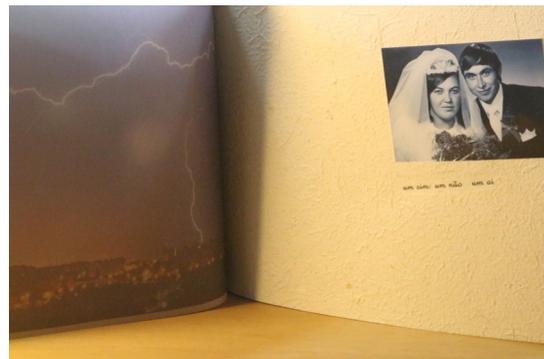
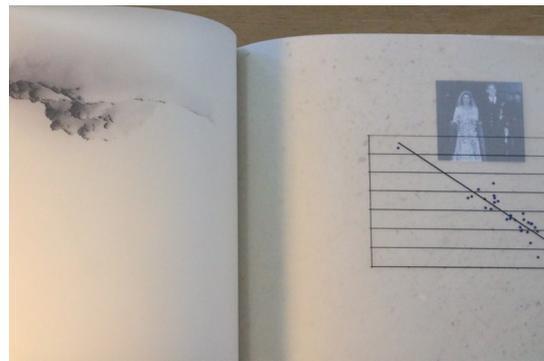


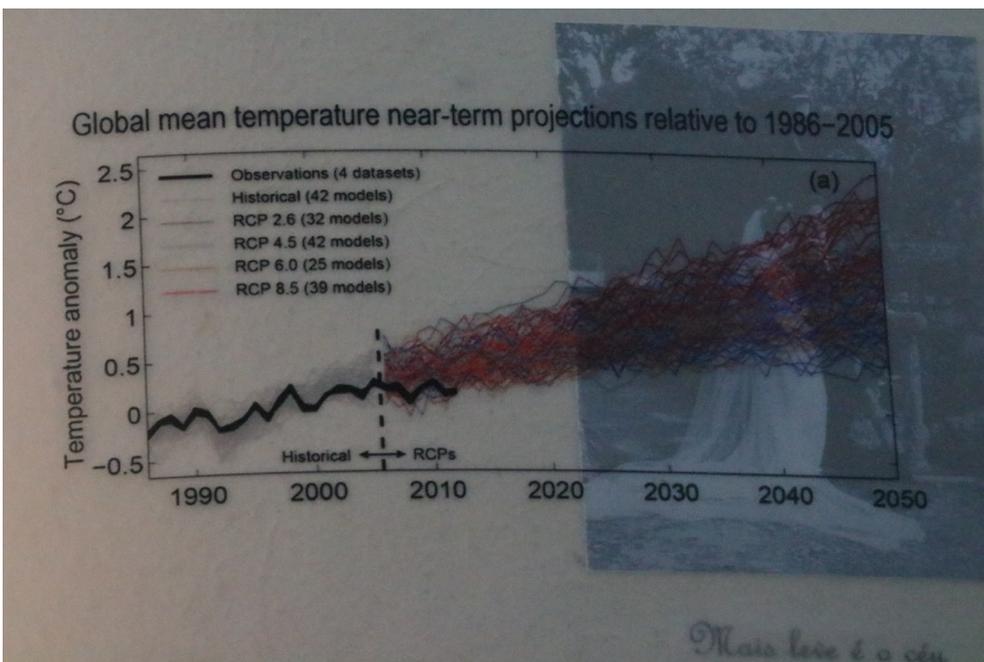
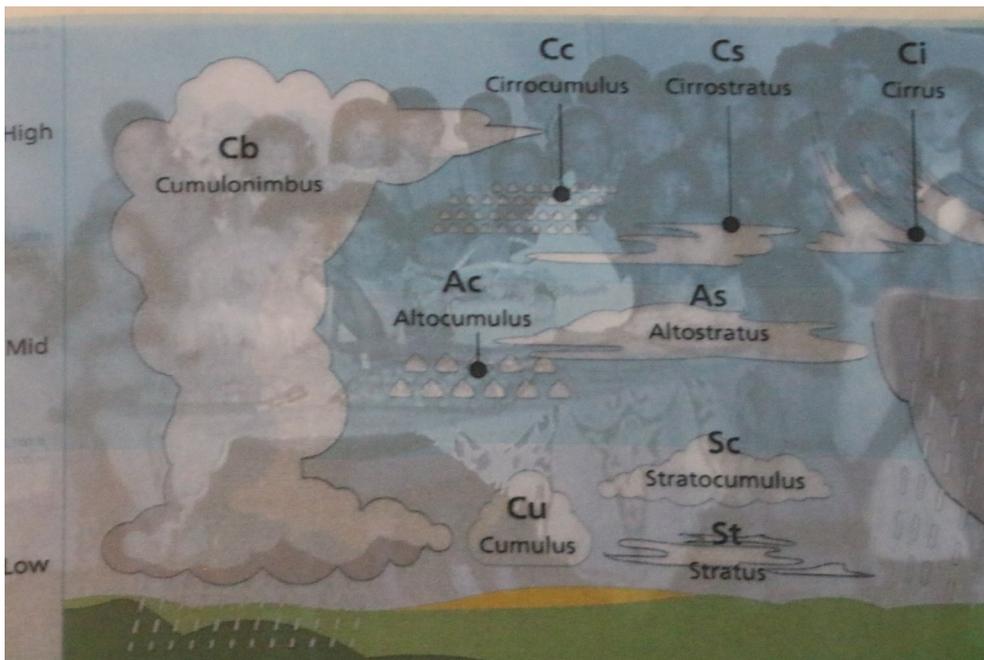




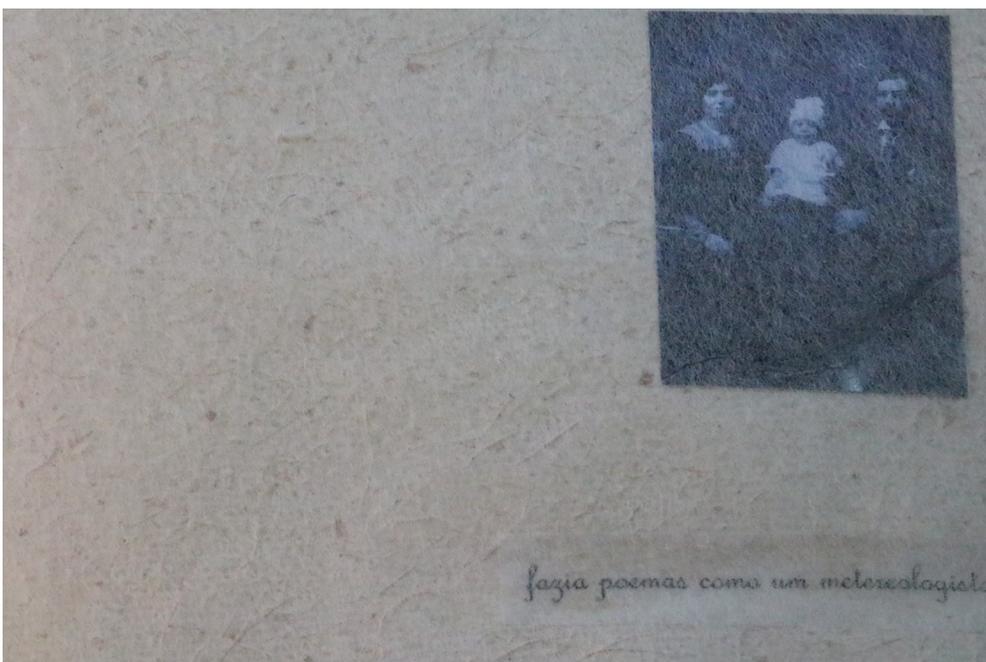


















# SATÉLITE

# INSCRIÇÕES PRORROGADAS - VII Seminário Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e...



INSCRIÇÕES ATÉ 15 DE MAIO DE 2017

O Seminário Conexões chega a sua sétima em 2017. Desde 2009 o evento propõe proliferações com o pensamento do filósofo Gilles Deleuze em interseções as mais inusitadas e este ano pretende propor experimentações a partir do conceito de Deleuze e Guattari de “Nova Terra” dando consistência a possíveis e impensadas “Cosmopolíticas” e “Ecologias Radicais”.

O Antropoceno, como tempo marcado pelas catástrofes, pelas mudanças climáticas e nossa ação irreversível sobre as condições materiais de existência, sobre Gaia; parece que nos joga em direção ao fim do mundo. Um beco sem saída onde a comunicação e educação se tornam cúmplices de nossa miséria.

No entanto, não acreditamos no fim do mundo, como um Grand Finale, pois para quem acredita nas potências criativas da vida e do humano, o Novo, sempre advém do fim de um mundo que dá lugar a um outro. O mundo como uma cosmogênese constante. Uma comunicação entendida como multirelacionalidade que se diz potente ao afetar e ao se deixar afetar abrindo novas individualizações e transformações na matéria; assim como uma educação como possibilidade de deslocar a aprendizagem para uma condição de ambiências imanentes que colocam o humano e não humano em processos de apreensão, de se apre(e)nderem mutuamente como encontro entre heterogêneos, podem ser os mais potentes aliados para um mundo que se resiste a acabar.

É por isso, que este ano o Conexões pretende se jogar em experimentações a partir do conceito de Deleuze e Guattari de Nova Terra. Acreditamos que a infundável procura por reinventar e refazer o mundo, por compor uma nova imagem do pensamento é sempre a procura por uma Nova Terra, por povoar uma e outra vez, por fazer diferir a mecanosfera que não para de afirmar seu des-fundamento como potência criadora e onde uma constelação de conceitos outros emerge e estes fazem contato dando consistência a possíveis e impensadas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais.

O que pode o humano nos seus devires em tempos de catástrofe? É talvez a pergunta que tem nos des-orientado no pensamento com as mudanças climáticas na Revista *ClimaCom* produzida pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e no OLHO Laboratório de Estudos Audiovisuais da FE, ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e que nos instiga a querer fazer deste VII Seminário um experimento em estar junto onde modos e lógicas de pensamento as

mais díspares e aberrantes façam funcionar o pensamento de Deleuze e Guattari, na vontade de farejar faíscas dos modos como essa Nova Terra, suas Cosmopolíticas e Ecologias Radicais, podem aparecer e...

O evento acontecerá de 27 a 29 de novembro de 2017 na Universidade Estadual de Campinas e entre os convidados internacionais já confirmados estão Brian Massumi da Universidade de Montreal - Canadá, Erin Manning da Universidade de Concórdia - Canadá, Erik Bordelau pesquisador do Sense Lab - Canadá e Adrián Cangi da Universidad de Avellaneda - Argentina. Entre os convidados brasileiros confirmados temos: o líder indígena Ailton Krenak, Almiros Martins da Universidade Universidade Federal da Grande Dourados, Déborah Danowski da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Luiz Orlandi da Universidade Estadual de Campinas e Marco Antonio Valentim da Universidade Federal do Paraná.

O envio de propostas de trabalho para participar no Seminário está aberto até 15 de maio e os interessados devem enviar título, texto entre 1000 e 2000 palavras e três palavras-chave através de formulário disponível no site do evento: <https://seminarioconexoes2017.hotglue.me/>

O VII Seminário é organizado pelos grupos de pesquisa multiTÃO, do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor-Unicamp) e Humor Aquoso, da Faculdade de Educação (FE-Unicamp) e é uma ação da Subrede de Divulgação Científica da Rede Clima - Rede Brasileira de Pesquisas sobre Mudanças Climáticas, que conta com a participação de pesquisadores de diversas instituições brasileiras ligados à educação, comunicação, antropologia, história, filosofia, artes etc, e que tem feito acontecer o projeto da Revista ClimaCom.

## Meteorologistas e profetas da chuva - conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera



Lançado no início de maio, o livro de Renzo Taddei - antropólogo, professor da Universidade Federal de São Paulo e pesquisador da Sub-rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas (Rede Clima) - explora como as narrativas e práticas humanas ligadas

ao clima - as previsões, as profecias e mesmo os rituais mágicos - estão imbricadas no Brasil contemporâneo. Os estudos antropológicos reunidos na obra apresentam um caleidoscópio rico, em que ciência, cultura, espiritualidade, política e meios de comunicação se relacionam e se transformam reciprocamente. As análises tratam dos vínculos - necessários, mas também conflituosos - entre meteorologia e Estado; e discutem as práticas científicas de meteorologistas e sua relação com sertanejos e pequenos agricultores que detêm o conhecimento tradicional sobre o meio ambiente, os chamados “profetas da chuva” do sertão. Além disso, trazem à cena práticas xamânicas de pajés amazônicos e os rituais afro-brasileiros de produção de chuva da Fundação Cacique Cobra Coral. O livro foi publicado pela Editora Terceiro Nome.